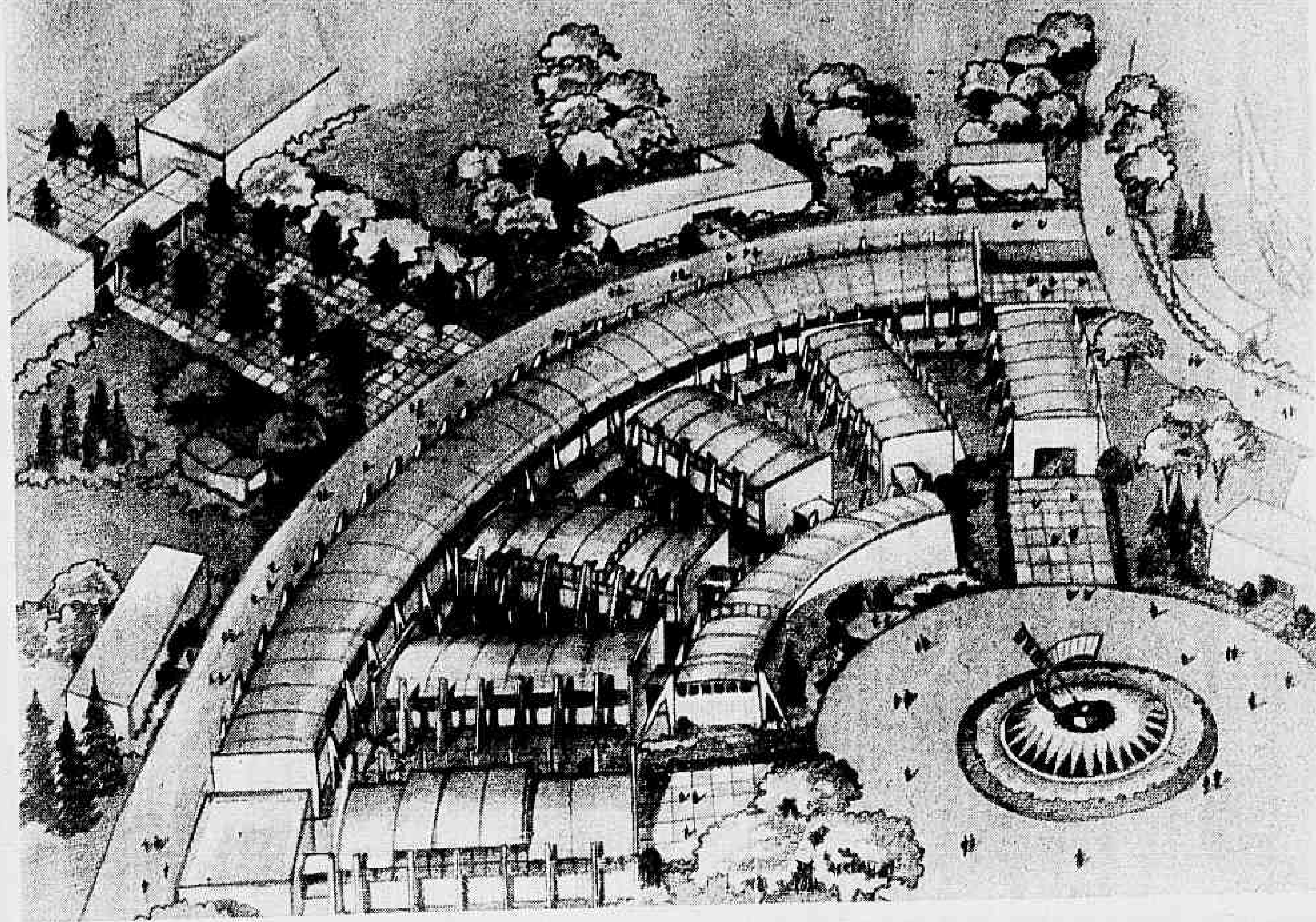
REVISTA DA SEMANA

MARTÍRIO DOS MÚSCULOS E DA CARNE



UM DOS CONJUNTOS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

1853 — 1953
PRIMEIRO CENTENÁRIO DO PARANÁ

•

CURITIBA VOS ESPERA!

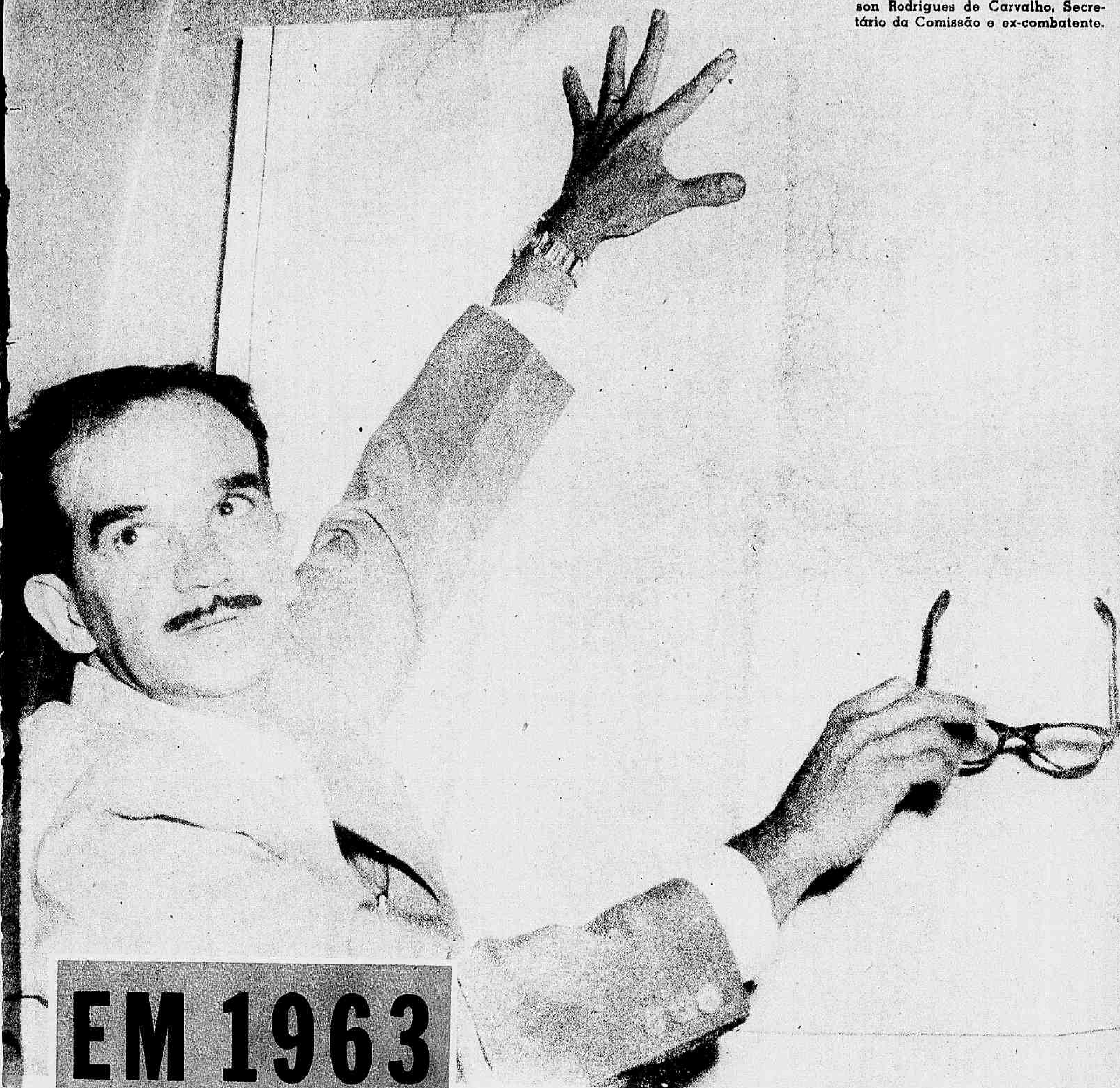
VISITE A CIDADE SORRISO, DE 19 DE DEZEMBRO A 19 DE MARÇO, QUANDO ELA APRESENTARÁ AO MUNDO

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ e A FEIRA DE CURITIBA

UM MONUMENTO AO PRODUTO MÁXIMO DO BRASIL, "O CAFÉ" E EMPOLGANTE PARADA DAS FÔRÇAS ECONÔMICAS DA NAÇÃO, COM A REPRESENTAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS NACIONAIS, NUM AMBIENTE DE GRANDIOSIDADE E ENCANTAMENTO. UM MUNDO DE DIVERSÕES E ATRAÇÕES VOS ACOLHERÁ!



VISTA PANORÂMICA DE CURITIBA



DESTA VEZ... VAI! Parece dizer o olhar do coronel e jornalista Nelson Rodrigues de Carvalho, Secretário da Comissão e ex-combatente.

EM 1963

nova capital para o Brasil

NO PLANALTO CENTRAL A LOCALIZAÇÃO ★ IMPERATIVO MAIS ECONÔMICO QUE MILITAR ★ 60 MIL AERO-FOTOS ★ TRÊS CONSTITUIÇÕES DETERMINAM A MUDANÇA ★ O QUE É A C.L.N.C.F. ★ FALA O Gal. AGUINALDO CAIADO DE CASTRO

Texto de HÉLIO ABREU

O problema é antigo como velhas são as aspirações dos brasileiros no sentido de que o país transfira a sua capital para o planalto central. Já a constituição de 1891 determinava a mudança, o mesmo acontecendo com as cartas de 1934 e a atual, a de 1946. Mesmo no passado, quando alguém inadvertidamente dizia da necessidade da mudança, vozes surgiam como por encanto para combater a idéia. Para uns, tratava-se de um luxo bastante longe da paupérrima bôlsa do país. Outros, mais desavidados, ainda, encaravam o caso com o pessimismo peculiar dos derrotistas, que nunca acreditam na possibilidade dos grandes feitos, senão depois de vê-los realizados. Apenas uma pequena minoria, tão pequena que ficou esquecida nos arquivos ministeriais, acreditavam não só na necessidade do projeto como também na viabilidade de sua concretização. Mas, a verdade é que o tempo foi passando e o Rio de Janeiro continuou como hospitaleiro do Presidente da República e seus ministros. A cidade cresceu e, segundo alguns, em demasia. As ruas projetadas nos tempos de Del'Rey parece que se estreitaram no redemoinho forma-

EM 1963: NOVA CAPITAL PARA O BRASIL



DEMOCRÀTICAMENTE O ASSUNTO É DEBATIDO. Na foto, aparecem o general Caiado de Castro e alguns membros da Comissão de Localização.

do por milhares de ônibus, táxis e lotações. O trem «Maria-Fumaça» virou brinquedo de criança e depois passou a constituir um verdadeiro suplício aos pobres habitantes suburbanos. O sistema de águas e esgotos, executado para uma cidade de meio milhão de habitantes, ficou obsoleto e deixou de funcionar. Tudo aconteceu. Tudo, não. A capital ficou no mesmo lugar, desafiando, por anos a fio, a fôrça de três constituições!

★

Razões de que ordem, senão apenas a demográfica, determinam seja a capital do país levada, do Rio, ao planalto goiano? Explicam os técnicos que, em primeiro lugar vem o imperativo econômico. A descentralização é um ponto importante do problema. Como ninguém ignora, a zona onde provàvelmente será instalado o futuro Distrito Federal é cortada por importantes rios, cujo potencial movimentará as turbinas de numerosas usinas dando fôrças a um país que vive a míngua de eletricidade, a começar pelo próprio Rio de Janeiro, que tem seus dias e suas noites sob o regime do racionamento de energia, e isto num país jovem como o nosso, cujo progresso acelerado não permite delongas em tôrno do assunto. Localizada no planalto central, a nova capital ficará numa posição equilibrada, relativamente à distância, entre todos os Estados da Federação. O problema militar, numa época em que os aviões a jacto voam a mais de mil quilômetros por hora, tem uma importância quase que secundária, se bem que não possa ser desprezado. As experiências do passado, no terreno das guerras, demonstraram certa a estratégia de se evitar a localização de grandes cidades, capitais ou pontos chaves, no litoral — apesar da velocidade dos aviões — êste ponto de vista militar ainda se encontra de pé.

★

Uma pergunta que tôda gente faz, quando se fala em mudança da capital: Perderá o Rio de Janeiro com a transferência? — Afirmam os técnicos que não e, para prová-lo, citam os exemplos de Nova York e Washington — nos Estados Unidos — e Sidney, Melbourne e Canberra — na Austrália. — Realmente, no presente caso, não faltam vozes para desencorajar a medida. E por quê? Acreditamos, pura e simplesmente, tratar-se, no caso, de pessoas não só alheias ao problema em tela, como também a todos os outros com que a nação se defronta. Uma recente enquete, levada a efeito por agência especializada em auscultar a opinião pública, revelou que cêrca de 93% do povo é favorável a mudança da capital. Sem dúvida é um índice que não pode suscitar dúvidas, em que pese a vontade dos brasileiros. Mas, o que temos feito em prol dêste assunto de valor tão grande para a nação como o das comunicações e o do petróleo?

★

Recentemente o Presidente da República, por fôrça do que determina a Constituição de 1946, nomeou uma nova comissão para o assunto. E' ela a Comissão de Localização da Nova Capital Federal e tem como presidente o general Aguinaldo Caiado de Castro, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e comandante do Regimento Sampaio, na campanha italiana, o mesmo que, a seu comando capturou Monte Castelo. A referida Comissão é constituída por 16 membros, além do presidente, que são: major Antônio Carlos de Andrade Serpa, rep. C.S.N.; eng. Paulo de Assis Ribeiro, representante do M. Educação; cel. Aureliano Luís de Farias, rep. do M. Guerra; dr. Flávio Fernandes Vieira, rep. do M. Viação e Obras; Jorge Diascragnolle Taunay, rep. do M. Exterior; eng. Ademar Barbosa Portugal, rep. do M. Fazenda; cel. Deoclécio Paranhos Antunes, rep. do IBGE; cap. Mauro Borges Teixeira, rep. do Estado de Goiás; eng. Tasso da Cunha Cavalcante, rep. do M. Justiça; cel. Júlio Américo dos Reis, rep. do Ministério da Aeronáutica; dr. Waldir Niemeyer, rep. do Ministério do Trabalho; agrônomo João Castelo Branco, representante do M. Agricultura; cap. de Mar e Guerra, Paulo Bosisio, rep. M. Marinha; dr. Jerônimo Coimbra Bueno, diretor-técnico e representante da Fundação Brasil Central; dr. Felinto Epitácio Maia, rep. do DASP e tenente-coronel Nelson Rodrigues de Carvalho, secretário da Comissão. Sob a presidência do general Caiado de Castro a referida comissão, em curto prazo, realizou trabalhos de real interêsse. Cêrca de 60 mil aerofotos foram tiradas, abrangendo enorme extensão da zona pròpriamente compreendida como a futura sede da Capital Federal. Fato digno de nota: dos 20 milhões de cruzeiros que constituem a verba com que conta a comissão para seus inúmeros trabalhos, nem um só centavo foi gasto até agora, graças não só ao sistema de «pé de meia» ali impôsto pelo general como também a perfeita cooperação de outros órgãos, tais como a Comissão do Vale do S. Francisco, Conselho Nacional de Geografia, etc. tendo a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, entretanto, executado serviços avaliados em importância superior a 5 milhões de cruzeiros.

★

Sôbre o assunto, ouvimos o general Caiado de Castro que, em resposta a um nosso questionário, assim se pronunciou:



O GENERAL CAIADO DE CASTRO VENCEU MONTE CASTELO. Porém, na batalha pela «posse» da nova capital a sua estrêla brilhará? Acreditamos que sim.

EM 1963: NOVA CAPITAL PARA O BRASIL

P — Quando pretende a Comissão presidida por v. excia. iniciar a mudança da capital?

R — «O assunto não é da alçada da Comissão, e sim do Congresso. O que cabe à comissão é escolher o local onde será instalada a futura Capital. Os estudos relativos a êste fim prosseguem com grande intensidade.»

P — Acredita v. excia. possa a comissão concluir seus trabalhos ainda no período do atual govêrno?

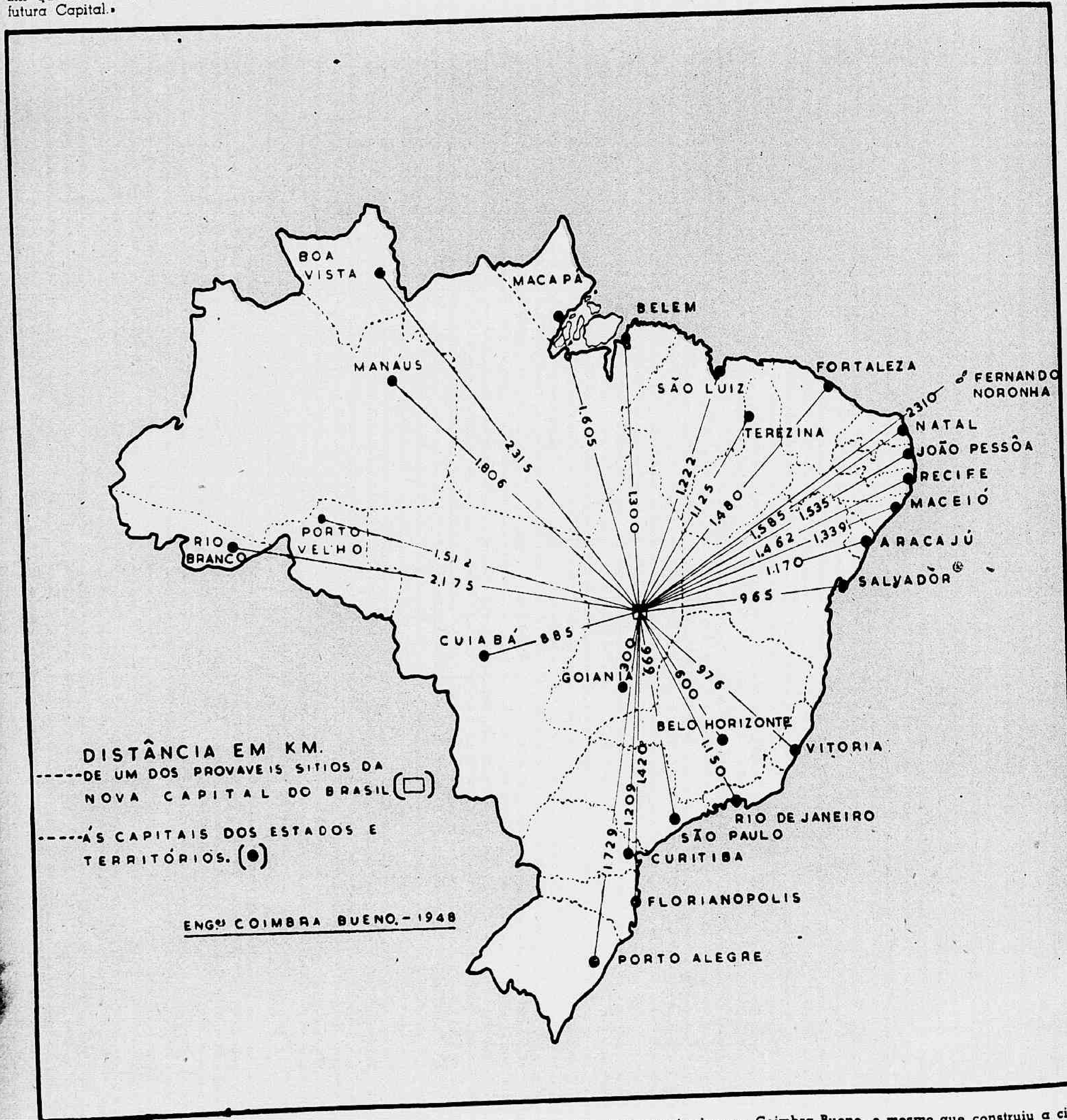
R — «E' essa a nossa missão, e tudo faremos para cumpri-la. E' meu pensamento fazer a entrega de nossa proposta o mais cedo possível, e nesse sentido já demos um grande passo, conseguindo em tempo «record» o levantamento aero-fotográfico de um retângulo de cêrca de 52 mil quilômetros quadrados, dentro do qual será escolhida a área da futura Capital.»

P — Quando pensa v. excia. poderá ser instalada, em caráter definitivo, a nova Capital Federal?

R — «Se houver boa vontade e compreensão por parte de todos os que têm uma parcela de responsabilidade na mudança, penso que dentro de dez anos poderemos dar por terminada a transferência da Capital.»

★

Eis o que, sôbre o assunto, disse o general Caiado de Castro. O passado do ilustre militar autoriza os melhores prognósticos em tôrno do momentoso problema, agora entregue a sua nunca negada capacidade e de seus colaboradores, em tôrno dos quais repousam as esperanças de uma pátria que anseia por novos horizontes.



SANGUE NOVO PARA UMA PATRIA NOVA. O trabalho que aparece na foto é de autoria do eng. Coimbra Bueno, o mesmo que construiu a cidade de Goiânia. O mapa dá uma idéia do que representa a futura localização da nova Capital para os longínquos Estados da Federação, que, assim ficarão menos distanciados da Capital Federal, que é a cabeça e o coração do país. Rumo pois, ao planalto central!

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 45 ★ 7-11-53

SUMÁRIO

Em 1963, nova capital para o Brasil ... 3/ 6
Como se compra uma noiva ... 10/12
Os astros e o sr. Lucas Garcez ... 13
Martírio dos músculos e da carne .. 26/31
Gable na fôrça aérea dos Estados Unidos ... 32/33
Excentricidades a granel ... 44/46
Querem encoivarar Joana D'Arc .. 51/53
A vida profunda de S. Francisco de Assis ... 55/57

O último Duque de Alba ... 7
O velho Lourenço ... 19
Nove garôtas para um rapaz ... 22/23
A marechala Junot ... 34/35
Semana literária ... 47

A semana em revista ... 8
A Revista há 50 anos ... 14
De Rádio ... 17
A luz da psicanálise ... 18
De Cinema ... 20
Janela sôbre o mundo ... 24/25
De Teatro ... 37
Arabelle ... 49
Último Flash ... 58

Férias nas montanhas ... 38/39
Sugestões para o lar ... 40
Um pouco de beleza ... 41
Week-end na cozinha ... 42

CAPA: **MARTÍRIO DOS MÚSCULOS E DA CARNE**
(Foto de Raul Almasy — Reportagem no texto)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

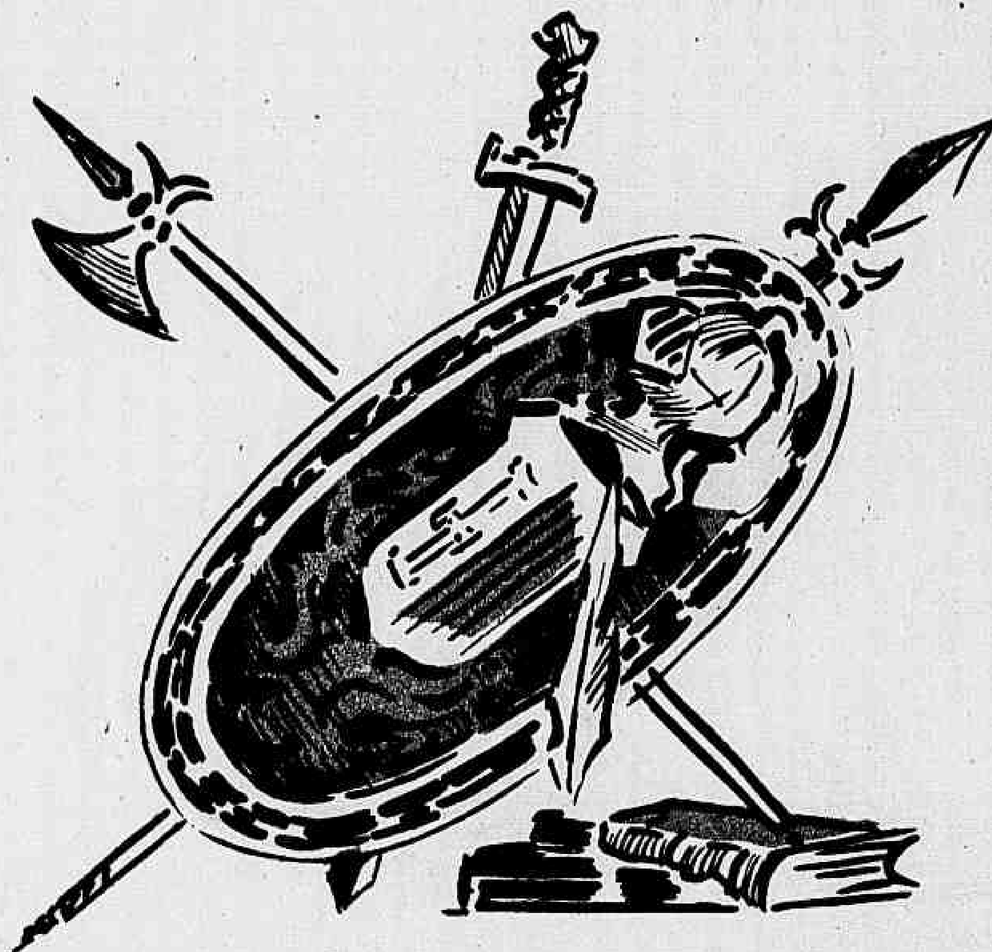
Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses ... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 280,00
Seis meses ... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ... Cr$ 400,00
Seis meses ... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00
EM SÃO PAULO
Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569

O ÚLTIMO DUQUE DE ALBA

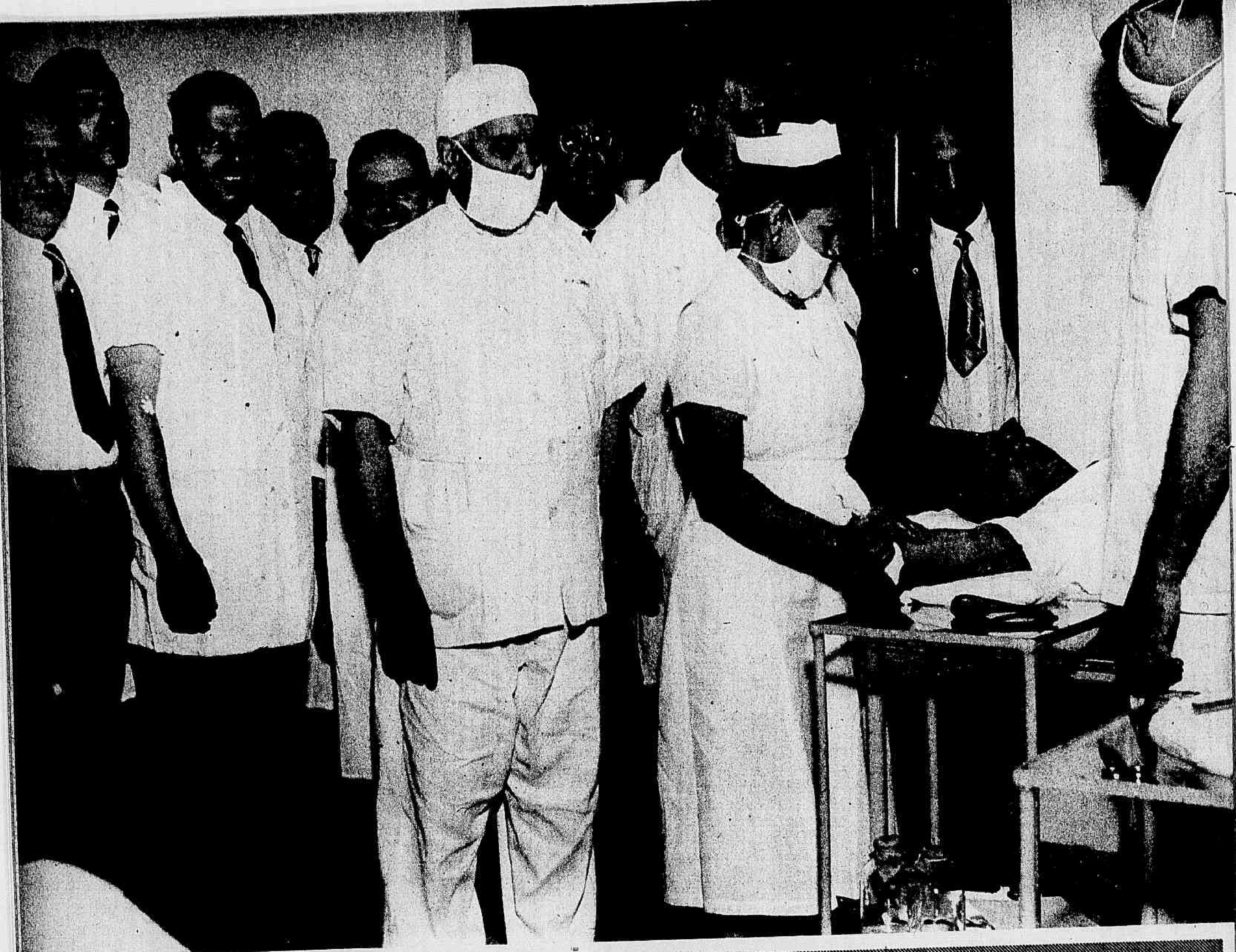


PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)

O duque de Alba — que acaba de falecer em Lausanne — era em tudo um grande de Espanha. Tinha o temperamento cavalheiresco, a prosápia, a severa simplicidade, a nobreza natural dos príncipes de sua Casa: e como qualidade acessória, em que evidentemente superava a muitos dêles, o gôsto, sóbrio e inflexível, da inteligência. Foi Mecenas, como os outros foram soldados, estadistas, monges, ou conquistadores. Por uma inclinação amável de espírito, a que a riqueza deu um relêvo ostentoso. Presidia às sessões acadêmicas como patrono e diretor, com essa autoridade espontânea que tem os que nasceram para dirigir e patrocinar: ninguém aliou mais convictamente os privilégios do sangue ao prestígio espiritual. Orgulhava-se mais dos seus autógrafos do que dos seus castelos. Possuía a melhor pinacoteca particular do país: e a explicava com erudição amena, doutamente. Reeditava os cimélios de sua coleção, sem esquecer a defesa delicada dos antepassados, de controvertida história; e com tranqüila palavra, acalmando a ênfase no que havia de britânico em seu temperamento de Berwick, movimentava negligentemente todo o passado em tôrno de sua raça. Para cada período histórico possuía um parente, que o representava, que o vivia, que o sofria. Detinha-se de preferência no grande duque, que foi o condestável de Felipe II nas guerras afortunadas: e para o Brasil reservava — com discreto orgulho — D. Fadrique de Toledo Osório...

● Devemos a Assis Chateaubriand a viagem de Alba ao Rio de Janeiro, em fins de 1950. Dessa viagem, em que o fidalgo se reencontrava com as inevitáveis reminiscências da sua família, conservou uma recordação exultante. Quis que o fôssemos ver na sua casa de Madrid, em Mártires de Alcala 5, junto dos jardins do velho palácio que lhe queimaram e incendiaram durante a última revolução. Recebeu-nos com a sua meticulosa gentileza na Real Academia de História. Aí o vimos entre os consócios, atentos ao seu hábil comando, falando lacônicamente — em breves resumos — dos assuntos sábios que os preocupavam. No seu museu, encheu-nos de espanto a amostra da arte universal que distribuíra tècnicamente por amplas salas, à semelhança do Prado (e, a certos aspectos, em concorrência com êle) — impregnada de tradição doméstica, de vangloria castelhana, de suntuosa beleza. Lá estavam os retratos célebres da dinastia, a começar pela vera efígie do grande duque, de longa barba e olhar implacável, encouraçado no seu arnez fulgurante, testa de frade, perfil de águia, símbolo de domínio e intolerância. A duquesa, pintada por Goya, resplandecia, diferente, na sua senhoril dignidade. Um Fra Angélico diáfano, em que os santos êxtases se embebem de alegoria beata, lembrava outras obras primas, que as antigas tormentas destruíram, na história tempestuosa dessa raça. Eugênia de Montijo, a imperatriz formosa, comparecia com o esplendor romântico da mocidade... Os autógrafos de Colombo — de quem descendia o duque — lá estavam, sob vidraças respeitosas, com o seu enigma de siglas intraduzíveis e a sua angústia fecunda. Acompanhando-nos, por entre as estantes cheias dessa papelada formidável, o anfitrião indicava, uma por uma, as maravilhas que lhe restavam de cinco séculos espanhóis: e se demorava, deliciado, diante das primeiras evocações da América. Falava do Novo Mundo, cujo descobrimento assim se incluía nas recordações familiares, com uma certa ternura de avô complacente: e não deixava de dizer que San Estaban, em Salamanca, na vizinhança de Alba de Tormes, seu apanágio, conserva igualmente o mausoléu do grande duque e a imensa sala gótica onde os teólogos aprovaram os planos de Colombo.

● Tecia, em duas frases, a ligação da Idade Moderna com o ramo navegante da sua genealogia: e passava às outras «vitrinas» com um silêncio modesto, de quem não devesse profanar com outras recordações a presença mística daquele parente. Mas havia mais. Havia a carta geográfica da Espanha estampada nos seus títulos. E, como numa confidência, explicava que lhe competia a apresentação de trezentos curas, em outras tantas paróquias, do seu patrimônio... Septuagenário magro, o nariz aquilino marcando fortemente a linhagem, tal como aparecia nos retratos dos quinze morgados que o antecederam, hábitos britânicos e gênio latino, libertara-se das impertinências convencionais, que geralmente isolam os príncipes recolhidos à desconfiança e à solenidade das suas tôrres fechadas. Cultivava a sociedade, a conversa, o «humor», os estilos intelectuais da boa convivência, o comércio humano, sem distinguir, no seu «salão» (sutilmente implantado no seu museu) plebeus e nobres. Para o jantar, presidido simbòlicamente por dois imensos bustos de Napoleão III e da imperatriz Eugênia — a prima que muitos anos viveu na sua casa — reunira tôda a academia: e falou-se, a fartar, do mistério da língua ibérica. Êste era o duque de Alba, 16º do nome, que projetava tornar ao Brasil — muito agradecido à nossa hospitalidade simplória — e outro dia faleceu num hotel suíço, repentinamente, sem dar trabalho a ninguém, «incógnito» numa paisagem estrangeira fria e neutra.



A SEMANA EM REVISTA



SANGUE ROTARIANO

● Acontecimento digno de registro foi o verificado em fins de outubro último, quando um grupo de rotarianos do Distrito Federal compareceu ao Banco de Sangue da Prefeitura do Distrito Federal, a fim de doar sangue àquele estabelecimento humanitário, após o necessário exame. Do ato apresentamos as duas fotos que ilustram esta nota: o presidente Morais Barros Neto — ao centro — quando chegava ao Banco de Sangue, conduzindo a primeira turma de doadores rotarianos, e um rotariano no instante em que ia contribuir com o seu sangue para aumentar o «depósito» do Banco. Belo gesto de solidariedade humana dos rotarianos cariocas, sabendo-se o quanto é útil o plasma sanguíneo, com o que muitas vidas são salvas. REVISTA apresenta aos doadores voluntários os seus parabéns e divulga o gesto, que deve ser imitado por outras instituições de elite de nossa terra.

A PERSONAGEM DA SEMANA



● O sr. Segadas Viana, ex-Ministro do Trabalho, se encontra nos Estados Unidos, para onde viajou sem maior publicidade, o que indica não estar êle em missão oficial. Essa condição lhe dá, sob certo aspecto, melhor poder de observação. Antigo jornalista, o sr. Segadas Viana tem mandado para a imprensa carioca interessantes bilhetes de turistas, no meio dos quais enviou uma autêntica bomba. Em uma de suas notas informou que colhera de fonte fidedigna a informação de que a agitação verificante recentemente na Guiana Inglêsa não tinha apenas caráter comunista, mas sobretudo se destinava a manter ali uma situação propícia, a uma ação conjunta dos vermelhos sôbre a América do Sul. Seria, assim, a Guiana Inglêsa uma base de operações abastecida por submarinos russos: armas, planos, etc. A notícia é suscinta. Não encerra maiores explicações. Não dá a fonte. Mas sendo veiculada por um ex-Ministro de Estado, não deixa de constituir coisa muito séria. E', pois, de se esperar do jornalista, maiores, mais amplas, melhores informações. Ao que parece, o movimento tinha realmente característicos de estrema-esquerda. Mas como se desenvolveria a ação sôbre os outros países? Por terra? Por mar? São as interrogações naturais que a notícia inspira.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** e largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante



CONFLITO ENTRE ESTUDANTES NA ABI

A cidade recebeu perplexa a notícia de que o recente Congresso de Estudantes Secundários, que se realizava na Associação Brasileira de Imprensa, terminara em sério distúrbio, com agressões físicas e até um congressista ferido a faca. Mostra êste flagrante um momento dos tumultos, quando um dos congressistas era conduzido para fora da arena da batalha por um grupo de amigos e partidários. O assunto movimentou a polícia e tem sido comentado pela imprensa, devendo-se procurar, com serenidade as causas de tão deploráveis acontecimentos, a fim de evitar-se repetição. (Foto «Globo»).



A MORTE SEM FREIOS

● As estatísticas sôbre acidentes de tráfego mortais ou não, em todo o Distrito Federal, são, dia a dia, mais alarmantes. A cidade se enche de veículos de todos os fins: particulares, oficiais, de carga, de transportes coletivos. Crescem os acidentes e o carioca vai morrendo, perdendo pernas, ficando inválido sob as rodas de ônibus, lotações, caminhões, etc. Uma das principais causas dessa calamidade é a falta de freio, o descontrôle dos veículos. Aqui vemos carros em exame pela Inspetoria de Trânsito.



Cena típica de compra de uma noiva entre êste povo africano. O pretendente faz a oferta e aguarda que o «patriarca» da tribo lhe responda: «Vá levando...»



COMO SE COMPRA UMA NOIVA

EM RABAUL É ASSIM ★ NÃO HÁ ROMANCES, MAS, SIM, INTERÊSSES ★ CADA POVO COM SEU USO ★ MANEIRA DIFERENTE DE AMAR E CONSEGUIR UMA BONITA NOIVINHA, EM NEW BRITAIN.

Em Kenya é praxe o homem pagar a mulher com a qual se casa. Êste Kikuyu entregou ao sôgro oito vacas, dez cabras e ainda muita cerveja, ao ficar noivo.

COMO se compra uma noiva? Entre os civilizados, tanto do Oriente como do Ocidente, ninguém vai dizer que quer comprar uma futura espôsa, embora, muitas vêzes, por detrás dos bastidores, possa haver alguns dedinhos de negócios e interêsses entrelaçados a bodas. Mas, de ordinário, uma noiva entre os civilizados se compra com amor, dedicação, afeto. Em Rabaul, New Britain, porém, a coisa é muito diferente. Um cidadão daquele mundão africano, quando resolve escolher sua companheira, não tem que começar pelo namorico do cinema, da casa de chá, dos passeios, tudo de acôrdo com o romance sentimental. O pretendente vai ao patriarca da tribo e lhe expõe o desejo. Então começa o «negócio». Mas negócio mesmo no duro: tem que comprar a noiva, do contrário... nada feito. Entre aquela gente ninguém compreenderia um noivado com mãos entrelaçadas, beijos furtados ou à vista dos papás, presentes para lá e para cá, sessões cinematográficas, ou temporadas de ópera. A cerimônia de um noivado em Rabaul, Kenya e outras regiões africanas habitadas pelas tribos mais remotas nada tem de semelhante com a dos povos ocidentais. Mas não deixa de ter também seus pitorescos tradicionais.

Nada de cortesias e provas de afeto. Tudo gira em tôrno do «quantum» a pagar pelo noivo a fim de ter direito à futura «cara metade». O caso é mesmo uma barganha; um comércio sem a menor dissimulação. Quem der mais, será o dono da noiva. Vale tudo: mercadoria, criações, roça, cerveja indígena, objetos, dinheiro, qualquer coisa que represente valor e que, pelo vulto, possa constituir um capital para os pais ou parentes da eleita. Mas não se pense que a noiva possa ser vista por êle antes de fechado o negócio e entregue a bolada. Ela fica isolada numa espécie de prisão, até que o valente cavaleiro paga os velhos o preço estabelecido.

Até hoje ninguém procurou saber se a triste noiva se conforma com essas imposições tradicionais. Que diria uma dessas pobres negrinhas, se pudesse abrir seu coração e confessar o que, realmente, lhe vai no fundo dalma? Será possível que essas noivas recebam de

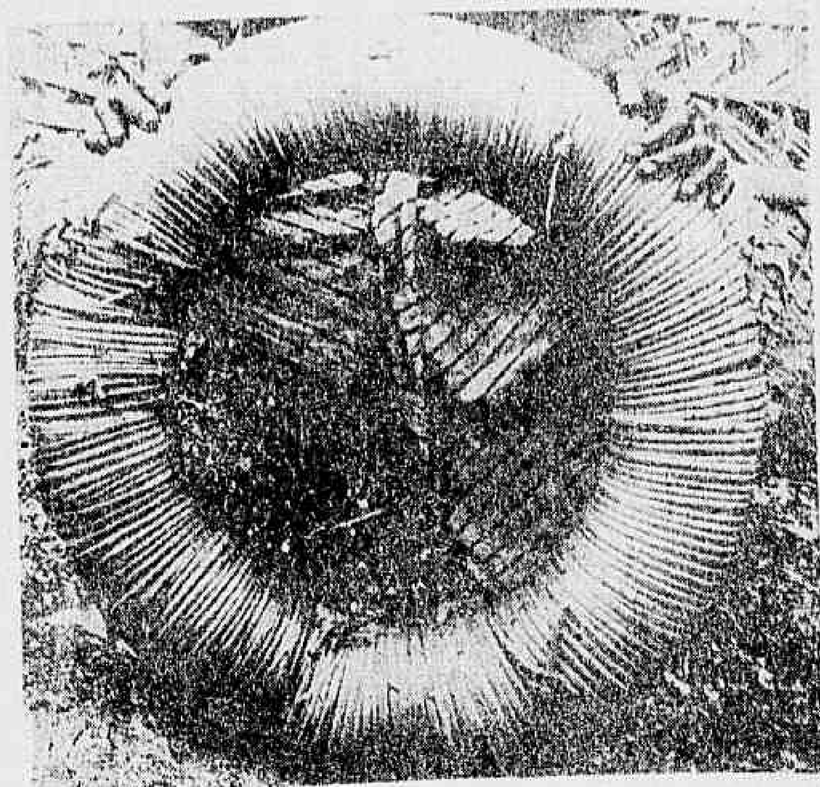


O noivo bate o «tom-tom» significando que entra em nova vida, enquanto há mascarados para entreter parentes e convivas, cada qual mais esforçado em suas vistosas fantasias e danças. Todos os selvagens da África são supersticiosos e dançam fantasiados para espantar o Diabo.





COMO SE COMPRA UMA NOIVA



Depois que o noivo adquire sua preferida por meio de compra, os futuros sogros, como é de praxe, presenteiam o genro com coisas assim.

bom grado uma reclusão dessas, ficando isoladas enquanto se discute o preço que o seu noivo terá de pagar por ela? Sòmente quando ela ouve o som cavo do «tom-tom» ou «tutupele», percebe que já pode libertar-se e ser entregue ao seu pretendente. O noivo, ao ver que sua oferta foi aceita, bate com dois toros de madeira em bambus. Tôda a tribo se reúne em tôrno dêle e a noiva sai do ergástulo para vê-lo pela primeira vez.

Então se organizam as comemorações para o casamento, que é um ritual misturado de superstições e tradição cívico-religiosa. Há danças e mascaradas, gente envôlta em fantasias e provas de valor e resistência. O povo inteiro se diverte, canta e baila. E' mais um elemento a engrossar a família de Rabaul, novos elos na imensa cadeia de africanos que vêm repetindo aquilo tudo desde séculos e séculos...

O que vemos neste cesto também faz parte do «capital» oferecido pelo noivo que escolheu a sua futura «cara metade» que fica escondida numa cabana até que termine a compra.



Eis aqui o esconderijo onde metem a noiva, a qual fica invisível aos olhos do pretendente, até que os «velhos» resolvam considerar suficiente a oferta para a compra. Só após essa importante parte das cerimônias é que o noivo tem o direito de ver de perto a «futura»...

O sr. Lucas Nogueira Garcez, uma vez empossado no govêrno do Estado de São Paulo, imitou, literalmente, o Anjo Rebelde. Insurgiu-se contra o seu criador e iniciou um jôgo duro, no pano verde da política nacional, negando, como está, aos próprios parceiros, a vista das cartas que, no corte do baralho, lhe foram ter às mãos.

A parada proposta pelo governador bandeirante está sendo cinsiderada muito forte, até mesmo pelo Presidente Getúlio Vargas que, segundo afirmam, ainda não lobrigou as intenções do político paulista.

Afinal de contas, pergunta muita gente, que deseja o governador de São Paulo? Quererá mesmo, a Presidência da República, frustando, assim, as pretenções do sr. Ademar de Barros? Ninguém sabe, ao certo, quais os objetivos políticos do sr. Lucas Garcez.

Em declarações recentes, S. Exa. contestou houvesse manifestado a alguém, onde quer que fôsse, o seu desejo de candidatar-se a um pôsto ou de apresentar um candidato seu, quer para sucedê-lo no govêrno paulista, quer para suceder o Presidente Getúlio Vargas na Presidência da República.

As atitudes do sr. Lucas Garcez estão desnorteando muita gente nas altas esferas da política partidária. Do mesmo modo estão constituindo seus velados objetivos, a maior incógnita do momento político nacional.



O duelo Garcez x Ademar — V

OS ASTROS E O SR. LUCAS GARCEZ

A ALMA DE UM HONESTO NA CABEÇA DE UM TEIMOSO ★ QUEM É O ATUAL GOVERNADOR DE SÃO PAULO? ★ FALTA-LHE "APLOMB" PARA AS ATIVIDADES POLITICAS? ★ O SR. LUCAS GARCEZ E A SUCESSÃO DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS.

De BATISTA DE OLIVEIRA para a «REVISTA DA SEMANA»

A nosso pedido, o astrólogo brasileiro, prof. Batista de Oliveira, concordou em levantar e ler, para a «Revista da Semana», o horóscopo do atual governador de São Paulo. Além da carta planetária de nascimento, o astrólogo também levantou o trânsito evolutivo do chefe do executivo bandeirante, para 1955, com o propósito de «ver» a posição do sr. Garcez no grande páreo da sucessão presidencial.

Que comportamento terá S. Exa. nas eleições presidenciais de 1955? Será candidato à sucessão do Presidente Getúlio ou se contentará em ser o grande eleitor de um candidato da oposição ao candidato do Catete? Vamos dar a palavra ao astrólogo.

QUEM É O SR. LUCAS GARCEZ?

O atual governador do Estado de São Paulo, o engenheiro Lucas Nogueira Garcez, nasceu na capital bandeirante, no dia 9 de dezembro de 1913, às onze horas meia de uma têrça-feira quente úmida e dominada pelo planêta Marte, então exaltado e retrógrado no signo térreo do Capricórnio. O sr. Lucas Garcez é um nato do signo fixo da Virgem, pois o ascendente, na sua figura horoscópica está disposto a 60 graus zodiacais. E' um mercuriano legítimo.

O atual chefe do executivo paulista, não tenhamos dúvida, é uma personalidade singular, tem regular inteligência, excessivos escrúpulos, é forte nas suas convicções sustenta com firmeza as idéias,

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 8 de novembro de 1903.

BONITOS PENTEADOS, BONITAS CABEÇAS!

É indispensavel um cuidado meticuloso na escolha de um penteado; porque a cabeça é o principal caracteristico de uma mulher. Se se annuncia uma novidade no arranjo dos cabellos, a 1ª preoccupação deve ser se veio ou não bem, e decididamente não usae o que vos fique mal, embora seja moda. Têm vv. exs. a escolher nessas 4 lindas cabeças a que mais lhe convnier

Na proxima semana dar-vos-ei blusas! Modelos elegantissimos e para fazer tecidos leves.

Aqui fico à disposição de vv. exs. — Frou-Frou.

A ESCURIDÃO E OS OLHOS DOS ANIMAES

● **Algumas pessoas, vendo que aos cães e, sobretudo, aos gatos lhes brilham os olhos na escuridão, creem equivocadamente, que estes têm uma especie de phosphorescencia. O que é facto é não existir a escuridão absoluta. Mesmo no meio da mais negra noite e nas casas mais hermeticamente fechadas, ha raios de luz que os olhos humanos não podem recolher, mas que são recolhidos pelos dos animaes, sobretudo pelos dos carnivoros. O brilho que vemos n'elles é, na realidade, essa luz reflectida no fundo das suas pupilas. Faz parecer maior este phenomeno da reflexão a faculdade que os animaes têm de dilatar enormemente as pupilas na escuridão, com que a claridade mais debil se concentra no fundo dos olhos e é reflectida pela retina como em um espelho concavo.**

Um irlandez, inquilino, foi acordado de noite por um formidavel vendaval; a casa tremia.

— Que é isto? perguntou elle.

— A casa treme e ameaça ruina, responderam-lhe.

— Que me importa a mim? ella não é minha; o prejuizo é do senhorio. E o homem tornou a deitar-se.

VIDA SPORTIVA

● A semana que findou foi bastante importante. O Jockey-Club realizou sua 17ª reunião sportiva da presente temporada, reunião esta que attrahiu grande concurrencia ao seu hyppodromo. O programma foi todo executado á risca, havendo lutas emocionantes entre os parelheiros Graciosa, Ouvidor, Caprichoso e Menelick, empatando Iris e Jahyra, no 4º pareo.

No programma figurava tambem a prova classica **Estado do Paraná** que teve por vencedores Sottéa e Gravatahy, empatados depois de excellente carreira. A corrida do Jockey foi uma das mais attrahentes deste anno.

Hoje no prado do Itamaraty, o Derby-Club proporcionará aos **sportmen** mais uma corrida para a qual a directoria bastante se esforçou na confecção de seu programma.

O TRANSMISSOR HOLZ

● *Temos em nosso poder uma curiosa e util invenção do Sr. H. Holz denominada Transmissor Holz. E' uma engenhosa descoberta para multiplicar o movimento rotativo de eixos, volantes, motores, bicycletas, automoveis, etc. O apparelho é o mais simples e facil de construção. No próximo numero da REVISTA DA SEMANA daremos publicidade a esta descoberta que vae trazer, certamente, um grande progresso para a locomoção. Necessitamos ainda de alguns minuciosos esclarecimentos e por isto pedimos ao sr. Holz, proprietario da descoberta, que venha até a nossa redação para nol-os fornecer.*

● *Muita gente suppõe que das Indias Orientaes só se extrahem diamantes e pedras preciosas. Alem d'estes mineraes, a que o Indostão deve em grande parte fortuna e fama, ainda elle produz annualmente: seis milhões de toneladas de hulha; um milhão de toneladas de sal; 63.000 de ferro; 40.000 de salitre; 16.000 kilos de ouro e um milhão e oitocentos mil hectolitros de petroleo.*

OS ASTROS E O SR. LUCAS GARCEZ

tem vontade própria e uma teimosia que o põe na esteira dos grandes cabeçudos da história. Há no seu caso, a alma de um honesto na cabeça de um teimoso.

Infelizmente não é harmônico o plexus impresso pelo Sol na primeira casa, constituindo o **hyleg**, a chamada «Parte da Saúde». Trata-se de uma quadratura lançada a sete graus de domitude, formando assim, um **hyleg** anareta, desfavorável, portanto.

O sr. Lucas Carcez não dispõe de uma resistência física igual à fôrça moral decorrente do potencial dinâmico da vontade de que é portador.

Podemos apontá-lo como a viva expressão de um homem determinado, dêsses que não se afastam, absolutamente, daquilo que lhes pareça justo, verdadeiro ou certo.

Essa feição do governador de São Paulo, põe, num plano elevado, a honestidade dos seus atos e das suas intenções e nos dá a medida da sua coragem pessoal e o desassombro das suas atitudes.

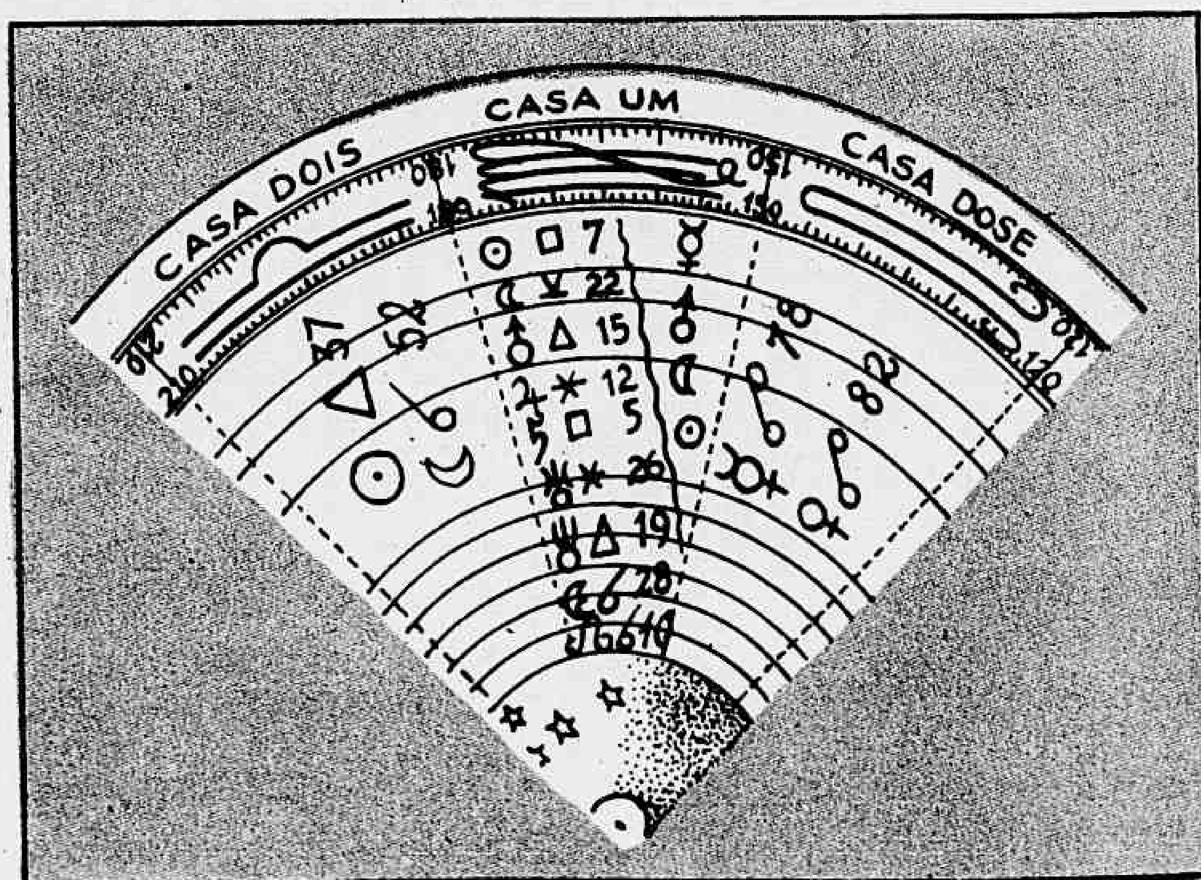
O JEREBA — UM POLÍTICO SEM EMBOCADURA

O governador Garcez não tem predicados políticos. A honestidade dos seus propósitos, a procedência dos seus atos e a boa fé que o anima em tudo o que planeja ou realiza, não o habilitam ao jôgo da política partidária, aos «arreglos» e conchavos dos partidos, às acomodações e às tricas a que a competência e a corrida às posições dão lugar. Se o acocharem muito, no govêrno do Estado, se lhe fizerem o mesmo que, no govêrno do general Dutra, fizeram ao sr. Ademar de Barros, pondo-lhe nas ilhargas, um Novelli qualquer, êle não terá dúvida em mandar o cargo e as posições às favas, senão com a calma e a displicência com que o sr. Casimir-Périer largou, enojado, a Presidência da República Francesa, pelo menos sem dar ouvidos aos que tentaram convencê-lo do inopinado da sua resolução e dos prejuízos decorrentes do seu gesto. O sr. Garcez não é homem para futricas.

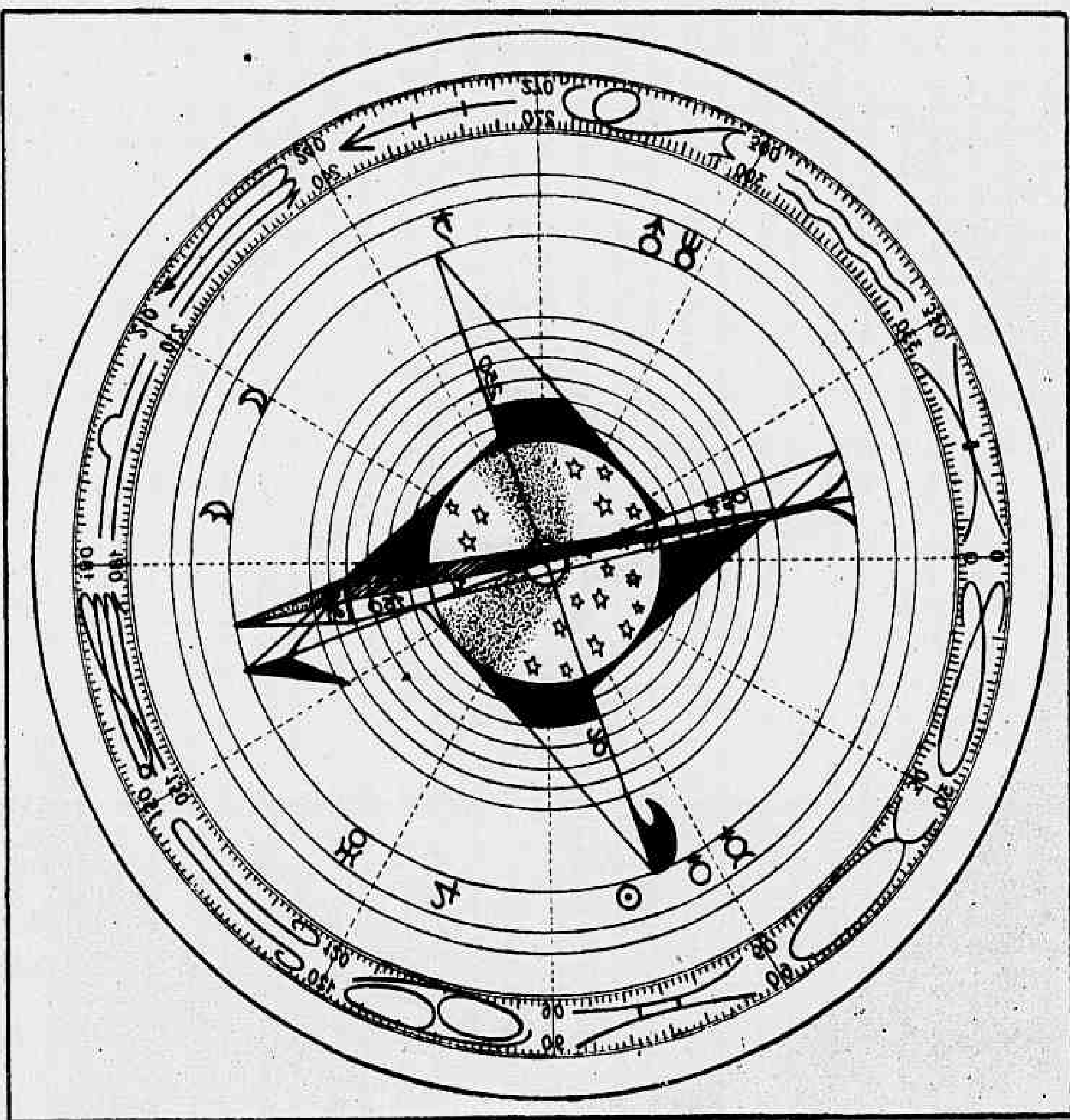
O governador atual de S. Paulo não tem, como o senhor Ademar de Barros, um plexus inarmônico de Mercúrio na casa um. O «Mensageiro» não lhe deu, para as lides da política partidária brasileira, a indispensável embocadura. Falta-lhe o jeitão, como dizem os cariocas.

Politicamente o sr. Lucas Garcez é um jereba, não na expressão popular dos paulistas, mas no sentido próprio do têrmo como o consigna o **Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa** — «Um desajeitado.»

Convenhamos, porém, que, para se chegar às posições, ao govêr-



Detalhe da Casa I, do sr. Lucas Garcez



Carta planetário natal do atual governador paulista.

no de um povo, não são indispensáveis grandes predicados políticos. O sr. Lucas Garcez mesmo, elegendo-se governador de S. Paulo, positivou o alegado.

Poderá S. Exa., avançando pelos mesmos caminhos, chegar à presidência da República? Vejamos o que nos dizem os plexus existentes na décima casa do seu horóscopo.

Saturno que é, incontestàvelmente, o índice mais eloqüente, no caso, imprimiu sua oposição, na casa dez, a 275 graus de domitude. Essa oposição é do tipo das oposições favoráveis e está impressa no clima de Mercúrio.

Ora, o plexus favorável de Saturno, na casa dez, leva o nato às mais elevadas posições e até mesmo, a posições supremas. O clima de Mercúrio, porém, é uma limitação.

O sr. Lucas Garcez está astrològicamente habilitado a governar um Estado. Faltam-lhe títulos, porém, para governar um país, para dirigir os destinos de uma nação, como seu chefe supremo.

Mercúrio constitui com Vênus, a escolta do Sol. E' um astro vassalo, não tem independência nem uma feição característica pròpriamente sua. Os astrólogos até o chamam de planêta conversível.

O plexus direto do Sol, na casa dez, está igualmente, no clima de Mercúrio, confirmando-se assim, as limitações impostas pelo «Mensageiro».

Com a teimosia que lhe é inata e que vem caracterizando sua administração no govêrno de S. Paulo, o sr. Lucas Garcez não conseguirá, até o término do seu mandato, tomar pé na opinião dos seus governados. Os avanços e recuos da sua política, tais como o que agora mesmo se processou com a dissolução da coligação partidária que, sob sua orientação, opôs um candidato majoritário ao senhor Jânio Quadros, estão desorientando os paulistas. Ninguém lhe entende a política, ninguém lhe alcança os propósitos, ninguém lhe vislumbra os rumos e os objetivos, rumos e objetivos tecidos ao **jour le jour**, como diriam os franceses, por fôrça e ao tropel dos acontecimentos.

(Conclui no próximo número)

A semana astrológica

Indicações do seu horóscopo entre os dias 7 e 13 de novembro de 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A violência gera o ódio. Na semana entrante, o leitor estará sujeito a violências e, conseqüentemente, a odiar. Previna-se. Não provoque nem alimente discussões. Fuja das feras, como se diz.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A situação não se modificará substancialmente, no caso do leitor. Os influxos planetários, embora pouco intensos, serão benéficos e lhe darão margem a uma atividade melhor remunerada.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não se aventure; nos próximo sete dias, a qualquer incursão nos domínios da política ou do amor. Êsses dois campos estarão defesos às pessoas de suas astralidades. Haverá perigo de uma situação difícil e ruinosa.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Poderá cavar um pouco mais a fundo. Os astros lhe proporcionarão melhores possibilidades de êxito nos empreendimentos, aumentando-lhe a chance para conseguir favores e amparo, eficientes e objetivos.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua situação melhorará no próximo período. Os negócios estarão melhor favorecidos, havendo mesmo, um benéfico concurso de circunstâncias. Uranus lhe dará imprevistos agradáveis.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não modifique sua posição nem a conduta aconselhada na semana anterior. O momento ainda lhe favorecerá, enormemente, a projeção. Destaque-se, projete tanto quanto puder, a própria personalidade.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Sua sugestionabilidade será maior na semana entrante. Estará mais confiante em si mesmo e capaz de um acometimento. Oriente-se como preciso e aproveite a oportunidade para sair da rotina.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Não inicie viagem por mar ou pelo ar, na próxima semana e dê o maior cuidado em se utilizando de transportes coletivos. Há perigo de acidente, notadamente nos dias 8 e 13.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá maior liberdade de movimento e encontrará, providencialmente, um maior campo de ação. Dois elementos de êxito, portanto, estarão conjugados e muito poderão contribuir para o desejado êxito no terreno profissional.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os astros não patrocinarão seus empreendimentos. Aconselhamos ao leitor a aguardar um momento propício às iniciativas. O que fizer, no próximo período, não terá o desenvolvimento desejado.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os dias 8, 12 e 13 serão terrìvelmente desfavoráveis aos seus interêsses e principalmente às especulações a que se entregar. O melhor, no seu caso, é a manutenção do ordinário, no terreno profissional. Recuse as inovações.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — As favorabilidades continuarão, no caso do leitor. As influências planetárias quase em nada se modificarão, em relação ao período anterior. Sua chance dilata-se, dêsse modo, dando-lhe as maiores possibilidades de ação e de sucesso.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro	7	—	Alcemir	—	Nígia
"	8	—	Estênio	—	Elvira
"	9	—	Eulino	—	Avaí
"	10	—	Almir	—	Ivana
"	11	—	Lúcio	—	Lucila
"	12	—	Aldo	—	Georgina
"	13	—	Efigênio	—	Clódia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro	7	—	14º 47' 23"	(Signo do Escorpião)
"	8	—	15º 47' 39"	(" " ")
"	9	—	16º 47' 57"	(" " ")
"	10	—	17º 47' 57"	(" " ")
"	11	—	18º 48' 58"	(" " ")
"	12	—	19º 49' 00"	(" " ")
"	13	—	20º 49' 24"	(" " ")

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

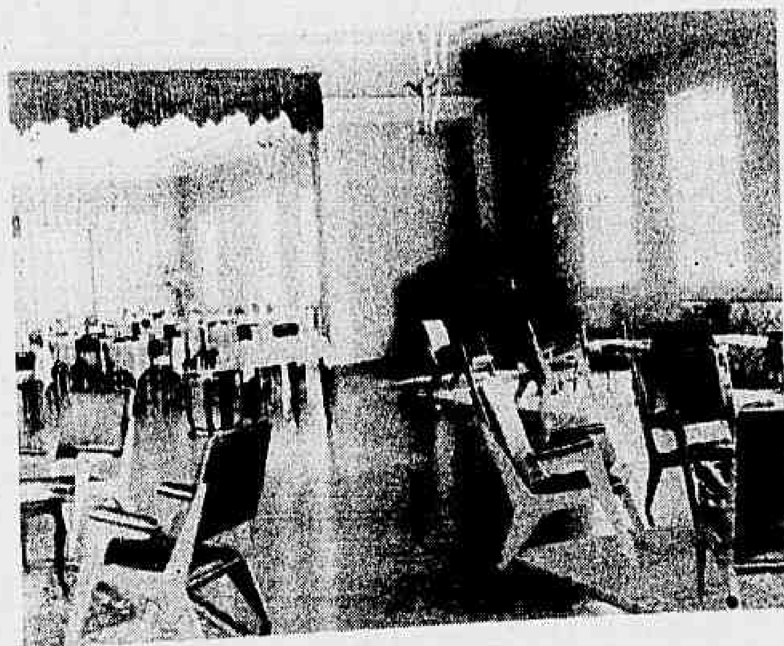
«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

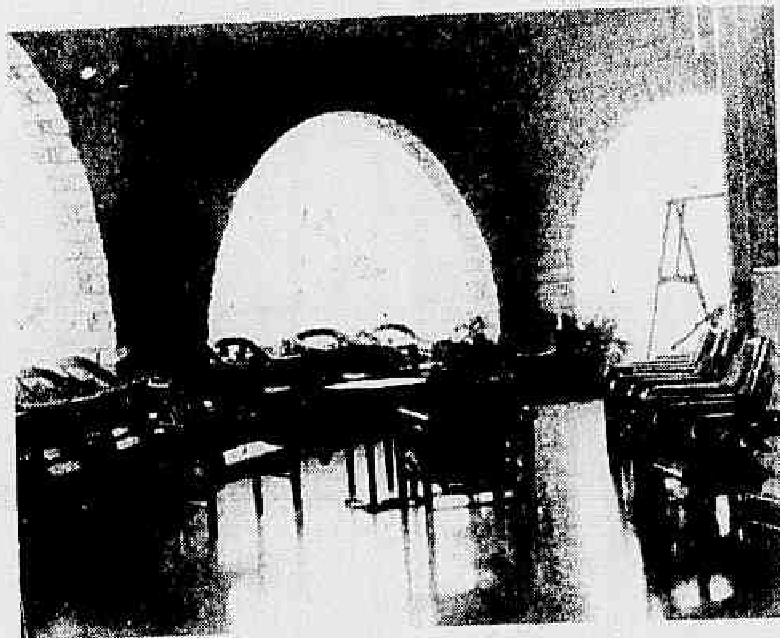
Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Rádio

ROBERTO ROCHA

O «CONSTA»

● A «novela» da Rádio Clube do Brasil, cujos capítulos mais dramáticos se vinham desenrolando nos últimos três meses, atingiu agora ao seu «climax»: foi decretada a falência da Sociedade Anônima, falência essa que havia sido requerida por Dias Gomes, ex-diretor de «broadcasting» da PRA-3, credor, por salários e indenizações, de cêrca de 40 mil cruzeiros. Procurando explicar por que Dias Gomes tomou aquela atitude, alguns elementos fizeram circular a notícia de que Dias Gomes teria vendido sua dívida a terceiros, os quais lhe teriam exigido o requerimento de falência. O «consta» tem poucos foros de veracidade, pois não parece provável que Dias Gomes, que sempre se mostrou solidário com os ex-colegas, assumisse aquela atitude.



PADRÕES ANTIGOS

NOS tempos heróicos do rádio, em que os salários não eram mais do que estímulos, por isso que todos eram, em essência, puros e sinceros amadores, tudo era feito sempre à última hora. E nem o produtor escapava dêsse destino que se tornava, pouco a pouco, verdadeira mania: quando o programa ia para o ar, muitas vêzes só estava escrito o início — pois a parte final ainda estava na máquina de escrever... Depois, o rádio evoluiu, tornou-se profissão, passou a ser mais cuidado, a ter mais aspecto técnico. Apareceram os anunciantes que encaravam sèriamente a publicidade radiofônica, surgiram as Agências de Publicidade. E o trabalho passou a ser feito com antecedência, a ser estudado e ensaiado. E os homens da "última hora", da improvisação, foram cedendo lugar àqueles que planificavam todo o trabalho.



Alguns, porém, sobrevivem: Paulo Roberto, por exemplo. Êste admirável produtor radiofônico, cujos programas fazem ***a delicia*** *de centenas de milhares de ouvintes, veterano do rádio,* ***não se livrou*** *da velha e já fora de moda "doença da última hora".* ***Seus*** *programas, via de regra, são escritos horas antes de serem irradiados. Muita coisa é improvisada na hora — e quem houve, afinal, a audição e sabe disso, fica admirado como tudo pode correr tão bem e como consegue Paulo Roberto, em verdadeiros "records" de tempo, preparar tudo que utiliza num programa com todos os modernos recursos do rádio, como sonoplastia, sublinhamento musical "ao vivo", rádio-teatro, contra-regra etc...*

É então que a dúvida persiste: serão melhores do que os antigos, os novos padrões de trabalho radiofônico? Ou o talento, a inteligência, a capacidade realizadora pode a tudo se sobrepor?

VÁRIAS

DIZEM QUE os opostos se atraem e é bem possível que sim. Quando Floriano Faissal foi, outro dia, homenageado no programa «Gente que Brilha», de Paulo Roberto, as palmas que estrugiam com mais entusiasmo eram as de Roberto Faissal. Dos seis Faissal, o mais novinho mostrava ser o maior fã do mais velhinho...

QUE AS «ESTRÊLAS» de rádio troquem de penteado a cada semana, é muito natural. Mas, agora, parece que a moda está pegando entre os homens, também... Pelo menos o Otávio França tem passeado pelos corredores da Tupi e da TV exibindo a cabeça inteiramente raspada, exceção de um topete que ornamenta o alto da testa... Pode não ser bonito, mas que é original, é — embora a turma do «pixe» comente: Pavoroso!...

GAGLIANO NETO dirigiu uma carta aos cronistas de rádio e a jornalistas especializados, anexando um «extrato» do programa «Problemas e Soluções», irradiado pela Rêde Continental no dia 5 de outubro. Com êsse documento, Gagliano Neto procura demonstrar três pontos essenciais:

1º) Que não pediu fechamento de nenhuma emissora, acusação que lhe tem sido dirigida insistentemente.

2º) Que os decretos-leis 8.356 e 8.543 não são inconstitucionais, não estão caducos nem atentam contra a liberdade de pensamento, conforme parecer do jurista Dr. Cândido de Araújo Neto, irradiado no mesmo dia.

3º) Que deseja submeter o caso a um tribunal de honra, sob a presidência dos Srs. Herbert Moses e Manoel Barcellos, presidentes, respectivamente, da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e da Associação Brasileira de Rádio (ABR).

O FATO

● O fato, entretanto, é que a decretação da falência veio complicar a situação, já angustiosa, dos ex-funcionários da Rádio Clube do Brasil. O pedido de falência, por Dias Gomes, foi, sem dúvida, inoportuno e precipitado — e talvez impeça que a Rádio Mundial (cuja concessão para funcionamento na faixa dos 860 quilociclos está prestes a ser assinada pelo Govêrno) utilize as instalações no «Edifício Cineac» e o transmissor da antiga PRA-3. Felizmente, segundo as últimas notícias, Almirante (ex-funcionário e credor da Rádio Clube) foi nomeado síndico da falência — e, naturalmente, vai agir de modo a acautelar os interêsses do pessoal que deu tanto de esfôrço ao rádio e que, ao final, pagou com sacrifícios e dificuldades, o preço de erros alheios.

MICRO-REPORTAGEM

Hoje: ORLANDO CORRÊA





● Há coisa de seis anos, cantava na Rádio Guanabara um rapaz fortezinho, sempre de paletó xadrez, aspecto de conquistador irresistível de «brotinhos» ingênuos. Parecia um pouco enfatuado — mas, passada a primeira impressão, todos gostavam dêle. Da Rádio Guanabara foi para a Rádio Clube do Brasil e, quando esta iniciou a arrancada (que hoje termina tão mal) aceitou um reiterado convite da Rádio Tupi. Então, já tinha um sucesso na praça («Meu sonho é você», de Altamiro Carrilho e Átila Nunes) e já era um nome de cartaz: Orlando Corrêa. Na Tupi, Orlando fêz uma carreira brilhante — e tem atualmente um horário noturno (quartas-feiras, 21,30 horas), em que é o «astro». Para espanto de tôda gente, Orlando não se embriagou com o sucesso e, tendo já, inclusive, excursionado ao Uruguai, com a Orquestra de Carioca, com um novo grande sucesso «Sistema Nervoso»», é o mesmo «menino grande» (com licença de Antônio Maria), accessível, alegre e por vêzes até humilde. Orlando Corrêa merece o sucesso. Tem boa voz, personalidade — e foi pelo próprio esfôrço que chegou, de mecânico de automóveis, a «astro» do microfone. Não vai dormir sob os louros de «Sistema Nervoso» — e afirma que sua gravação de fim de ano, «Natal sem Você», vai agradar e comover a tôda gente.

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

O HÁBITO — Os atos e os movimentos automáticos, pela sua repetição, chamam-se hábitos. A regularidade e a freqüência de sua repetição tomam o nome de «tics» ou manias. O hábito, todavia, não é puramente motor ou biológico. Os traços de caráter, a maneira de sentir, de agir e de pensar habituais, constituem os hábitos psicológicos. São, pois, os aspectos orgânicos fisiológicos da memória, recobrindo a vida fisio-psicológica. O caráter é um conjunto de hábitos, bem ou mal formados. A paixão é um hábito. Há pouco tempo um psicólogo americano fazia experiências psicológicas no sentido de curar certas paixões. São experiência baseadas em distrações, chegando, mesmo em certos casos, a provocar uma paramnésia. O hábito é uma espécie de envoltório orgânico da memória, impondo condições na reprodução das lembranças. A repetição duma lembrança a torna habitual. A paixão é uma repetição continuada. A substituição da lembrança por outra, cura o hábito. A paixão é um hábito tirânico, impondo-se a eliminar tôdas as outras lembranças que seriam um obstáculo à sua evolução. O automatismo do hábito tende a fazer desaparecer a consciência. O hábito se explica pela própria natureza da assimilação fisiológica que, na ordem biológica é uma analogia do hábito psicológico. O espírito de um povo é uma herança de hábitos dêsse mesmo povo: aptidões, temperamentos, qualidades e defeitos. Já houve quem definisse a hereditariedade como a memória orgânica da espécie. De certo isto não é um dogma. «Tendes de dogmatizar».... Poder-se-ia supor que a impotência de um argumento tão raso para diminuir até ao mínimo grau a soma do ceticismo geral no mundo, poderia levar alguns racionalistas a duvidarem se estas instantâneas afirmações lógicas são, apesar de tudo, modos fatais de aniquilar atitudes mentais vivas. O ceticismo geral é a atitude mental viva da recusa em concluir. E' um torpor permanente da vontade, renovando-se em minúcias em cada série sucessiva que oferece; e nós não o podemos, tão pouco aniquilar pela lógica como pela obstinação ou pelo ridículo prático.

★ **CADA QUAL GOZA a seu modo. O nosso deve ser conservar o nosso espírito, preservá-lo de revoltar-se, quer contra o próximo, quer contra os acontecimentos e fazer encarar benévolo os acontecimentos, acolhendo-os, saber aproveitá-los, segundo o seu mérito.**

A nenhum tipo intelectual é dado descernir a totalidade da verdade. Alguma escapa à nossa melhor compreensão — não acidentalmente, mas sistemàticamente, e porque nós temos uma barragem. Os fatos mostram-se apenas àqueles que têm afinidade mental com êles. Uma vez que êles são indisputàvelmente verificados e admitidos, o espírito crítico é melhor qualificado para os interpretar e discutir, porque passar das especulações místicas para as cinetíficas é como passar da loucura para a razão.

★ **CREDULIDADE — Nós todos, cientistas e não cientistas, vivemos em algum plano inclinado da credulidade. O plano inclina-se num sentido para um homem, noutro sentido para outro; e que aquêle cujo plano não se inclina para nenhum lado seja o primeiro a arremessar uma pedra. A ciência, como a vida, alimenta-se da sua própria decadência. Novos fatos destroem velhas regras; depois, concepções recentemente instituídas ligam os fatos velhos e os novos numa lei reconciliadora...**

★ **A SOCIEDADE — As mutações da sociedade, geração em geração, são principalmente devidas, direta ou indiretamente, aos atos ou aos exemplos de indivíduos, cujo gênio se adaptava muito bem às receptividades do momento, ou cuja posição acidental de autoridade era tão crítica que se tornaram fermentos, iniciadores de movimentos estabelecedores de precedentes ou de modêlos, centros de corrupção, ou destruidores de outras pessoas, e cujos dotes, se tivessem tido carta branca, teriam conduzido a sociedade noutra direção.**

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

ARGENTINA— (Rio)

SONHO — Sonhei que eu e uma mulher desconhecida, estávamos, parece, empregadas em uma casa de um senhor velho e ranzinza; a casa era muito grande e bem antiga. A mulher e eu saímos de casa, atravessamos a rua e ficamos a olhá-la, bem de frente; a minha companheira disse-me, então «espera um momento». E, atravessando novamente a rua, entrou em casa. Não demorou a voltar. Aproximou-se de mim e me disse que o velho havia morrido. Assustei-me e quis entrar na casa, para tirar as minhas cousas e duas notas de quinhentos cruzeiros que eu tinha deixado lá, porém, esta mulher me pediu que a acompanhasse a um sapateiro onde iria buscar um par de sapatos dela. Depois de muito andarmos chegamos ao sapateiro, mas os sapatos não estavam prontos. Ao voltarmos, atravessamos um cruzamento de linha férrea; o sinaleiro nos fazia sinais para que andássemos depressa, porém não demos importância e seguimos devagar e, quando olhamos para trás vimos que o trem havia acabado de passar atrás de nós; senti um calafrio me percorrer o corpo. Vimos, nesse instante um senhor desconhecido que se abaixou, junto dos trilhos, enquanto o trem passava velocíssimo, pelo lado dêle. Continuamos andando, novamente na lama, com grande dificuldade, até chegarmos outra vez em frente à casa, onde se ouviam murmúrios e movimento da descoberta da morte do velho. Tivemos a impressão de que estavam querendo saber a causa da morte, mas não víamos ninguém...

INTERPRETAÇÃO

As mensagens do subconsciente são, em verdade, bastante difíceis de serem interpretadas, por se referirem, umas à vida real — arquitetadas e feitas pelas nossas aspirações; outras, à vida espiritual, apresentando-se, às vêzes como uma advertência de que não andamos pelo caminho certo...

Você me manda dizer que tem tido, geralmente, sonhos que são verdadeiras antecipações às várias circunstâncias de sua existência e, que êste que me mandou deve se relacionar com algum fato que esteja-se dando, no presente momento. Parece-me que você fôra, ou ainda é, subjugada por alguém que a não compreende (senhor ranzinza), mas que você suporta ou suportou (empregada...) por se sentir sem coragem ou mesmo sem atrativos (casa velha) para encontrar cousa melhor.

Seu **Eu inferior** (você mesma) e sua natureza superior (mulher desconhecida), têm travado uma luta, um conflito tremendo, onde o subconsciente vem procurando se alijar da carga (velho morto) dando extravasões oníricas que a deixam perplexa e sem saber o que pensar. Você tem mêdo de recomeçar uma nova vida, com **alguém** (assustei-me e quis entrar em casa), cujo **alguém** pode lhe trazer um certo desafôgo financeiro (quinhentos cruzeiros), porém sua razão lhe adverte e lhe previne de que, talvez ainda venha a passar por piores situações do que já passou (sapatos, que não estavam prontos). E' evidente que algo muito importante lhe tem feito pensar e refletir de mais (afundávamos no lama) e considerar que certa proposta, não lhe será totalmente favorável (sapatos, sapateiros). Você tem golpes de mulher inteligente e previdente (sinaleiro que lhe dava avisos), mas, um tanto ambiciosa não dá a devida atenção (não lhe dei importância).

Seus pensamentos vibram com grande intensidade (trem velocíssimo) e sua mente procura captar as ondas do desconhecido (senhor desconhecido que se abaixou) para se certificar do que lhe reserva ainda o destino (continuamos andando). Você sabe que há, em sua vida, algo escuso (andar na lama) e tem procurado dêle se desvencilhar (frente da casa), mas sua sensualidade é bastante forte (ouvia murmúrios) e impetuosa e muito contribui para o seu desalento (descobrir a morte do velho). Horas há em que você se julga só, isolada e sem ter ninguém que a faça feliz (não vi ninguém) e, então chora para desabafar (mas só ouvimos o murmúrio), mas no fundo de seu coração mora um amor oculto, que não sabe como o revelar. Você deve andar em lastimável estado de ânimo ou mesmo de nervos (dar várias voltas, até encontrar a casa) que a deixa sem fôrças para prosseguir na sua **viagem** por êste planêta. O número um, indica início, princípio, mudanças de situações e o ARCANO UM, vem demonstrar, com seu quadro sinótico o começo de uma nova vida (1º aniversário).

Vejo em você uma pessoa tímida que vive, talvez, recalcada em seus sentimentos afetivos (... como não tinha intimidade...) e sente-se expoliada em seus anseios e desejos (uma velinha...)...

Sua alma é cândida e sua vida, por se passar junto de seus sobrinhos, conforme me mandou dizer, deve ser muito simples e despretenciosa (aniversário de criança)...

O VELHO LOURENÇO

LOURENÇO Tavares era o barbeiro da rua de minha casa. Já velho, de cabelos grisalhos, com seus quarenta e tantos anos, morava em pobre casa de alpendre ao lado, uma janela em frente, com os caixilhos sem vidros e quebrados, fazia muitos anos; não sei se quinze, vinte ou mais. O certo é que desde criança habituei-me a vê-lo passar à porta de casa, na calçada, bem cedinho; meu pai mandava-me também todos os meses ao salão de Lourenço, para cortar o cabelo. O mundo para êle era a barbearia; suas amizades, as palestras rápidas com os fregueses conhecidos; e as distrações, estas se limitavam exclusivamente aos passeios matinais pelo campo, sòzinho. Para mim e para muitos, tratava-se simplesmente de um barbeiro, um ninguém sem família, nem lar, nem nada. Nunca se soube fato algum que se referisse aos seus parentes ou ao seu passado.

Um dia passou por nossa rua uma jovem de dezoito a vinte anos, mais ou menos, loira e bela. Caminhava lento, a olhar para as casas, como que procurando descobrir alguma, ou coisa qualquer. Em certa altura parou e interrogou um transeunte:

— Qual é a casa de um senhor chamado Lourenço Tavares, nesta rua?

— Um barbeiro?

— Não, senhor! Não é barbeiro.

— Bem, se fôr, é mais acima; há uma placa na porta.

A moça andou um pedaço, viu a casa e a placa.

— Barbeiro! exclamou ela. Não deve ser êle!

Parou. No salão havia várias pessoas a conversar, e uma na cadeira raspando a barba. A moça deu alguns passos, pssou à frente da porta, devagar, relanceou os olhos para dentro e viu o barbeiro; fixou-o. Pensou em entrar, mas advertiu que seria melhor esperar um pouco. Foi até ao fim da rua, abriu a bôlsa que trazia na mão, retirou uma velha fotografia e mirou-a durante poucos minutos.

— Parece ser êle mesmo! concluiu.

Volvido algum tempo, tornou ela. Podia ser dez horas da manhã. Não havia ninguém na barbearia; apenas o barbeiro afiava a navalha.

Daí por diante, começou a caminhar trêmula, aflita.

— Bom dia! Estou falando ao senhor Lourenço Tavares? perguntou ela, procurando dissipar suas dúvidas.

— Sim, senhora, às ordens!

Mal teve tempo de proferir aquelas palavras, a jovem deu um passo e abraçou-o sôfregamente, exclamando entre soluços:

— Meu pai! Meu pai!

Lourenço afastou-a de si, e sem tirar-lhe as mãos dos ombros olhou-a espantado e demoradamente; não disse nada a princípio, mas tinha o olhar interrogativo.

— Quem é você?

— Sua filha Cassilda!

— Cassilda! . . .

O barbeiro meteu-se em silêncio, virou-se para um canto e ali ficou fingindo mexer numa coisa e noutra. Cassilda sentou-se numa cadeira. Lourenço maquinalmente levantou os olhos ao relógio da parede: onze horas.

— Você já almoçou?

— Não, senhor.

— Venha comigo!

Passaram à sala e depois à cozinha. Uma preta chegou pouco depois, trazendo a comida. Entregou-a ao barbeiro e saiu em seguida. Almoçaram. Foi aí, então, que êle pôde disfarçadamente observá-la: os gestos, o olhar, o porte, tudo era o reflexo da mãe. Estremeceu. Aquela figura de mulher trazia-lhe triste recordação do passado. Cassilda referiu-lhe os episódios da viagem, que o procurou durante um mês ou mais, sem esperanças de encontrá-lo.

— Que a trouxe aqui? perguntou por fim.

— Mamãe . . .

— Não fale aqui em sua mãe! atalhou ríspidamente êle, levantando-se irritado e saindo ao terreiro.

Voltou mais calmo, pediu a Cassilda que descansasse um pouco e indicou-lhe seu quarto.

— Vim para a sua companhia; estou sòzinha! Minha mãe morreu há quatro meses! . . .

— Morreu Helena?! exclamou Lourenço.

Depois êle baixou a cabeça e dissimulou duas lágrimas que lhe correram pela face.

— Finou-se arrependida, meu pai! prosseguiu Cassilda. Antes da morte, pediu repetidas vêzes que o senhor lhe perdoasse.

— Helena morta; quanto a amei! Que de lágrimas verti por sua mãe, durante meus longos anos de clausura nesta casa, onde me amortalhei a existência! Tôdas as esperanças me morreram na alma, depois que nos separamos! . . .

Aí parou Lourenço. No dia seguinte e nos outros, Cassilda instou com êle para que lhe contasse o resto de suas desventuras, sem resultado.

Passou um ano. De quando em quando acintosamente tocava ela no assunto, esperando uma reação de seu pai.

Certo dia êle chegou tarde a casa, meio embriagado. Cassilda o esperava, como de costume. Lourenço chamou-a:

— Cassilda, casei-me com sua mãe por amor; ela era muito rica; eu tinha apenas um diploma de guarda-livros e a direção contábil de uma importante casa comercial; ganhava o suficiente para viver modestamente. Depois do casamento, radical foi a sua transformação. Meiga e compreensível a princípio, tornou-se exigente após casada. Não havia festas sem a sua vaidosa presença. Isso me irritava, porque me acostumei na vida modesta, longe da sociedade hipócrita. Já me sentia saturado de tudo. Um dia, como não permitisse sua ida à festa de uma parenta, ela gritou comigo, ameaçou-me de abandono, e foi sòzinha. Estava eu, então, sem emprêgo; a casa onde trabalhava fechou. Julgava ela, erróneamente, poder comprar-me com seu dinheiro; não o consenti. Em casa as coisas mudaram por completo. Eu parecia mais um criado; ùltimamente nem à mesa ceava com Helena.

Meu sonho era ter um filho; ela o sabia. Quando Helena se internou na maternidade, não me permitiu a visitasse; tive loucuras de ver meu filho; soube tão sòmente que nascera no dia seguinte, era menina, e recebera o nome Cassilda.

Esperei impaciente a volta de sua mãe para casa. Apesar disso, procurei embair-me por algum tempo, crendo que tôda aquela impertinência era devida ao seu estado; não era. Sua mãe não voltou, como julguei. Dias depois fui procurá-la; soube que saíra do hospital, em companhia dos pais e partira para São Paulo. Aquilo me enfureceu. Nunca soube porque tanta aversão por parte de Helena, a ponto de privar-me de meu grande desejo — ver minha filha. Sentia aos poucos repetirem-se-me aos ouvidos suas palavras da véspera de seu internamento: «Você não terá o prazer de ver tão cedo nosso filho!»

Quando voltei para casa era já noite escura. Amuado, com o coração aos pedaços, juntei as malas e parti para nunca mais vê-la.

Nesse ponto, Lourenço sentiu-se obrigado a parar, porque teve de enxugar uma lágrima. Cassilda, a seu lado, permanecia calada, coando pelo coração palavra por palavra do pai. O barbeiro continuou:

Dois meses depois de nossa separação, recebi carta dela, implorando-me que voltasse, que estava mudada e arrependida; dizia-me nomes muito ternos. Não sei como soube do meu paradeiro. Li a carta, amarrotei-a enraivecido, e atirei-a ao fogo. Nada respondi. Mais dois meses rolaram. Tornei-me barbeiro, meu primeiro ofício; não sentia mais prazer em escritórios, e a convivência entre homens modestos trazia-me de certa forma alento às minhas dores.

Um dia tive a surprêsa de abrir o salão e vê-la à porta. Foi pessoalmente confessar-me seu arrependimento e buscar-me. Aludiu-me muitas gracinhas da filha, para reforçar seu intento. Não acedi; suas lágrimas não me demoveram de meu infernal propósito. Ela partiu, e eu me mudei para cá, isto há vinte anos . . .

Durante êsse tempo vivi com o pensamento prêso ao pé de seu berço, vendo-a brincar, crescer e tornar-se bela. Muitas vêzes estive para desatar os grilhões que me atavam os pés, mas tinha para mim que o homem deve conservar na sua compleição a fibra do amor próprio. Sua mãe, sim, procurei esquecê-la, sepultando-lhe a imagem nos escombros de meu desastroso passado.

— Que tragédia, meu pai! exclamou Cassilda à meia voz.

Lourenço levantou-se da cadeira em que estava, caminhou para Cassilda, olhou-a fixamente bem de perto, com os olhos rasos de lágrimas, e concluiu com estas palavras entrecortadas pela comoção:

— Entretanto, envelheci esperando-a. Não cuidei que o poder abraçá-la e chamar-lhe filha me custasse a tortura de vinte anos! . . .

Conto de NÉGE ALÉM **Ilustração de RENATO SOUZA**



Cinema

NEWTON COUTO

Notícias

● A França Filmes do Brasil, por intermédio de sua matriz, a COFRAM, sediada em Paris, acaba de assinar contrato para a distribuição em todo o território nacional dos seguintes filmes italianos e co-produções franco-italianas: «L'Etá Dell' Amore», «Schiavitu», «Terza Liceo», «Un Marito per Anna Zacheo», «Riscatto», «I Sette Dell Orsa Magiore», «Musoduro», «Una Donna Prega» e «Il Cappotto».

● Aproxima-se o lançamento, no Rio e São Paulo, do filme de Jacques Becker, «Amôres de Apache», cujo título original é «Casque d'Or», e é protagonizado por Simone Signoret e Serge Reggiani.



MARY LOPEZ encontra-se atuando na «Boite Bèguin». Intérprete de músicas portenhas, Mary vem obtendo grande sucesso. Trata-se de uma cantora muito bonita, que além de enfeitar com sua presença as noites da luxuosa «boite» do Hotel Glória, possui ainda uma voz bastante agradável. Mary Lopez é a «lady-crooner» de uma orquestra que ali se apresenta, cantando diversos gêneros de melodia, inclusive a brasileira. Mary também já apareceu num filme argentino intitulado «La Bestia Negra», ao lado de Arturo de Cordova.

A "TELA PANORÂMICA"

INFELIZMENTE, no Brasil, a desonestidade é um fato. Agora chegou a vez das companhias cinematográficas ludibriarem o público. Todos os nossos leitores devem recordar-se que o cinema Plaza possuia uma tela panorâmica, que era descida durante a projeção, quando o filme continha uma cena de batalha, ou uma outra passagem, onde era apresentada uma seqüência de grande montagem. Esta tela foi retirada, depois das obras que aquêle cinema sofreu há pouco tempo. Eis que, agora, a Metro-Goldwyn-Mayer no Brasil, aproveitando a oportunidade em que outras companhias americanas começam a anunciar os seus filmes em terceira dimensão, como a Warner Bros., com o sistema "polaroid", a Universal International, com o mesmo processo, e a 20th Century-Fox, com o sistema "Cinemascope", que diz ter também relêvo, apresentou essa tela panorâmica, para fazer confusão no espírito do público, que ainda se acha um pouco confuso, misturando "Cinerama", que é outro gênero de espetáculo completamente diferente da terceira dimensão, com esta pròpriamente dita, anunciando esta tela, como se a mesma fôsse de terceira dimensão, tendo o topete, até, de anunciar que não era preciso o uso de óculos (sistema "polaroid"). Para inaugurá-la, escolheu a película em tecnicolor "Lili", com Leslie Caron, Mel Ferrer, Jean Pierre Aumont e Kurt Kaznar, sob a direção de Charles Walters. Acontece que, para poder confundir ainda mais o público, a Metro colocou uma tela um pouco côncava e semelhante a que é usada pelo processo "Cinemascope" e o "Cinerama". Além do mais, a tela panorâmica que os Cines Metro apresentam não tem o tamanho normal exigido, por que os mesmos foram construidos para uma tela menor. Resultado: em virtude das mesmas serem completamente retangulares, atravessando o palco de lado a lado, e não sendo possível fazê-la do tamanho necessário, na altura, o filme é prejudicado na sua composição, por que todo êle é cortado em cima, decepando a cabeça dos artistas e os objetos, sendo impossível projetar os letreiros da fita, que é feito no tamanho antigo, pois senão os mesmos seriam também cortados. A projeção nada tem de anormal, pois apenas foi mudada a lente dos aparelhos de projeção. Como o feitiço sempre se vira contra o feiticeiro, a Metro será prejudicada nas projeções de suas películas em "Cinemascope", porque o público já não acreditará mais na publicidade dos mencionados celulóides... Apenas lucrou numa coisa: foi beneficiada na bilheteria do filme "Lili", que dificilmente ficaria em segunda semana.



Desde a Praça da Estrêla, ante o Arco do Triunfo, onde a «Marselhesa» de Rude segue cantando há um século, Michéle Morgan pode perceber a perspectiva dos Campos Elíseos, «via real da elegância e do bom gôsto», quartel general do Cinema, onde se concebe, nasce e se projetam as melhores películas francesas...

● Robert Mitchum, Jack Palance e Linda Darnell calculam que levaram, cada um dêles, uma semana para autografar fotografias para os que as pediram, durante a recente filmagem na cidade do México, Texaco e Cuernavaca, do novo drama de Edmund Grainger para a RKO Radio — «Última Chance» (Second Chance). Para sermos bem explícitos, cada um deve ter autografado 3.851 fotos, que foram expedidos pelo correio para os solicitadores. Mitchum e Palance apareceram, também, no baile em benefício da «Cidade dos Rapazes», do México, e não conseguiram escapulir a mais pedidos de autógrafos. Não havia muito tempo a perder. E para que ninguém ficasse desapontado, ficou combinado que cada pessoa presente, desejando uma foto autografada, escrevesse seu nome e endereço em um pedaço de papel e quando os dois voltassem para os estúdios atenderiam os pedidos feitos. Embora Linda Darnell não pudesse ter comparecido ao baile por estar doente, foi incluída em quase todos os pedidos. «Cavacos da fama»!...

No "set" de filmagem de NUNCA FOMOS COVARDES

QUANDO cheguei ao novo e enorme palco de som, dos estúdios de Walt Disney, para assistir a filmagem de «Nunca Fomos Covardes» (Never Wave At A WAC), com Rosalind Russell, Paul Douglas e Marie Wilson, estava sendo realizada uma elegante reunião, da alta sociedade de Washington... Êste filme não é produção de Walt Disney, porém uma comédia produzida para a RKO, pela «Independent Artists», companhia dirigida por Rosalind Russell e seu marido, o produtor Frederick Brisson. Havia em cena, aproximadamente, cinqüenta dos melhores extras, vestidos adequadamente e cuidadosamente escolhidos para representarem celebridades, figuras políticas e sociais, que tinham sido convidadas pela filha de um senador, cujo papel Miss Russell retratava. Estavam todos ensaiando os diálogos que cada um, por sua vez, teria com Rosalind, enquanto ela ia de um a um para os cumprimentos sociais.

Num canto da sala, porém, onde estava o camarim-móvel da artista, Rosalind e outra atriz estavam profundamente ocupadas em suas próprias linhas a dizer. Quando me aproximei mais, reparei que a outra atriz não era senão a «bacaníssima» espôsa de Van Johnson — Evie Johnson. «Chegaste mesmo a tempo de veres uma atriz de palco fazer sua estréia no cinema», disse-me Rosalind, logo que me viu espreitando. «Freddie e eu persuadimos Evie a trabalhar em nosso filme e, francamente, não sei quem está mais nervosa, Evie ou eu». O ruído de uma buzina daqueles carros franceses antigos, anunciou que as câmaras estavam prontas. O assistente do diretor, Ben Chapman, chamou pelo «primeiro team» e nós três chegamo-nos até o palco. O produtor Brisson, conversando comigo, explicou-me que, embora Mrs. Johnson nunca tivesse trabalhado em um filme até aquêle momento, vinha tendo grande sucesso nos palcos da Broadway, até então, quando veio visitar Hollwood. «Roz e eu somos bons amigos de Evie e Van, e Evie está fazendo êsse trabalho mais por esporte, e por se tratar de uma peça maliciosa, do que por outra qualquer coisa. Fizemos, antes, um «teste cinematográfico» e ficamos tão maravilhosamente surpresos que não cogitamos de apanhá-la e convencê-la».

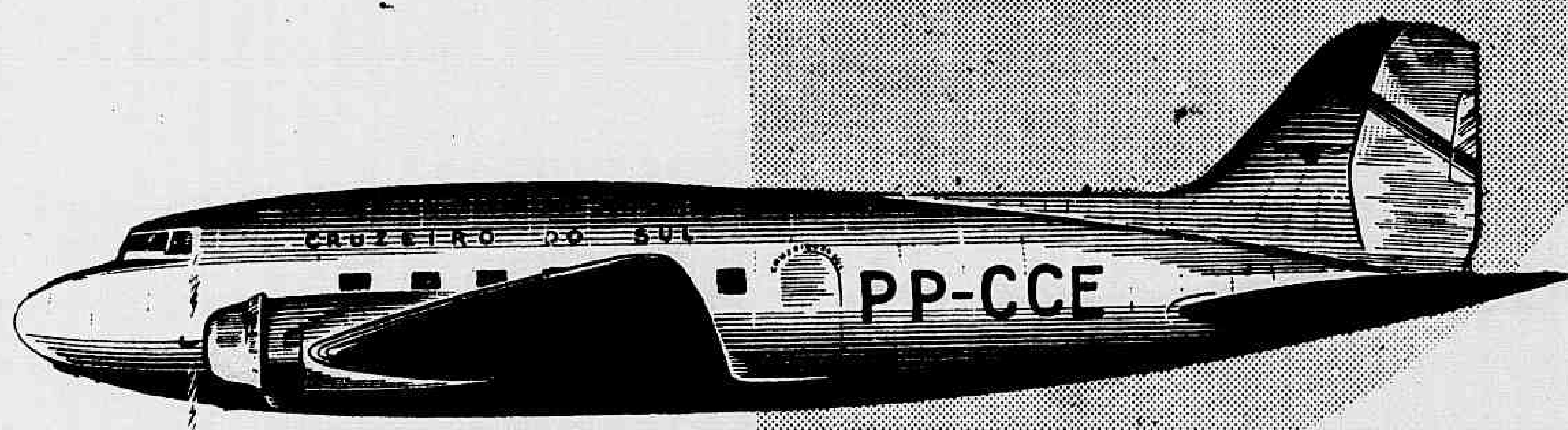
A filmagem iniciou-se então, suavemente. Entrando Miss Russell na sala, onde encontra-se por acaso com Mrs. Johnson: «Evie, querida, você está positivamente radiante de beleza», exclama Roz. Mas ao colocar a mão sôbre os ombros da convidada, num gesto amigável de cumprimento, algumas cinzas do cigarro que Roz trazia nos dedos, caíram sôbre o vestido de Evie e Rosalind disse a Evie, com sentido real: «Oh! desculpe-me. Queimei-a por acaso?» E parou embaraçada. Esta interrupção fêz com que o diretor Norman McLeod cortasse a cena; dirigindo-se às duas, disse à Roz: «Você fêz mal em ter parado. Seria muito natural, êsse pedaço de cena, e agora quero que o que você disse faça parte do diálogo. Comecemos tudo outra vez do princípio, e, agora, faça a mesma coisa — «sem ser por acaso». E foi aí que Rosalind se viu mais embaraçada mesmo... Mas, não se importem os fãs, a cena saiu tão real como antes ela saíra, sem estar no roteiro. Em «Nunca Fomos Covardes», os nossos leitores poderão assistir Roz dizer como as mulheres podem «desafiar» os homens... sem tomarem prejuizos...



Rosalind Russel e Paul Douglas numa cena amorosa do filme da RKO Radio Pictures, «Nunca Fomos Covardes» (Never Wave At A WAC).

Para honrar o Brasil

A Mais Vasta
Rede Aérea Doméstica
Do Mundo!



Abrangendo a totalidade do território nacional

linhas regulares para todos os Estados e Territórios Nacionais, inclusive as capitais respectivas, afóra derivações para Argentina, Bolivia, Venezuela, e Guianas Inglesa e Francesa

Serviços Aéreos



CRUZEIRO DO SUL

AV. RIO BRANCO, 128 — TEL. 42-6060
AV. NILO PEÇANHA, 26-A — TEL. 32-7000



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Romance de MICHEL DUCHEMIM

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel, tentado pelos cartazes de uma agência de turismo, resolve visitar a Iugoslávia. A idéia é recebida sob protestos por sua mãe que, não obstante, começa a informar-se sôbre o lugar. Os apuros de Michel começam aí com os amigos dando palpites desencontrados. No dia da partida a mala ainda está por fazer e reina grande confusão, aumentada pela mãe de Michel. Em cima da hora o viajante entulha a mala e corre para pegar o trem. A estação lhe parece deserta, mas então aparece o «organizador» da viagem, que revela que os rapazes todos desistiram e Michel viajará com dez moças, e sendo o único rapaz da turma, é a êle que entrega a responsabilidade de tudo. O trem parte. Michel confere os passaportes com as moças presentes e separa os das que embarcarão nas próximas estações. E assim chegam a Modane, onde mais duas moças se juntam ao grupo. Uma vez aumentada a turma é preciso dividi-la, e foi um problema escolher quem iria para o outro vagão, mas tudo se resolve. Nisto duas das moças começam a discutir um assunto, que parece sério, e pedem ao rapaz que desça as duas malas (pesadíssimas), a fim de resolverem a dúvida.

VOLTO de orelhas caídas ao nosso compartimento; é preciso avisar Colette... mas como? Colette porém não tem no momento o costumeiro ar patético e ao contrário segue com interêsse uma discussão entre Denise e Nicole, discussão que me parece, à primeira vista, tratar de questões de vida e morte nos tempos de Cristo ou talvez da traição e ouço:

— São trinta «deniers» eu tenho certeza...

— Trinta «deniers»??? No mínimo quarenta, veja, salta aos olhos!

— Continuo a firmar: trinta «deniers» (fala Nicole irritada).

Hum... Judas Iscariotes estaria bem arranjado discutido assim por aquêles lindos lábios.

— Vamos ver, isto é muito fácil de verificar. Senhor, quer fazer o favor de descer a minha mala? (falou Nicole).

Nicole me pediu êste pequeno favor acompanhado de um sorriso irresistível. De qualquer modo, mesmo sem sorriso não é uma questão de resistir. Ainda que ela se dirigisse a um cavalheiro estranho, seria atendida automàticamente. Meio sufocado pelo pêso da mala, forrada de xadrez, de Nicole, eu lhe disse:

— Nada de «senhor», por favor. Vamos acabar com os protocolos de uma vez por tôdas. «Michel» apenas, está bem?

A malazinha de dimensões modestas, que eu pensei poder descer com facilidade, caiu sôbre o meu ombro com tôda a dignidade, mal pude equilibrá-la. Uma dor forte me percorreu o braço, esperei não ter uma fratura.

— Oh! Esqueci de prevenir, Michel, esta mala é um pouco pesada...

— Isto não é nada. Nem é tão pesada assim, pelo menos não para mim, por exemplo.

Pra que fui dizer isso? E naquele tom confiante! Que idéia tola! Agora tinha de estar disposto a carregar malas em qualquer ocasião. Mas o que conteria aquela tonelada?

— Michel, quer tirar a minha maleta, por favor? É um pouco pesada também (disse Denise com sua voz sussurrante).

Desta vez, com as devidas precauções, desci o bloco de chumbo que Denise chamou de maleta e coloquei docemente sôbre o banco. Uff! Aquelas doces criaturas carregavam consigo em viagem, por certo, vários volumes de História da Civilização ou Direito Romano ou talvez até a «Somme», de São Tomás, completa. Talvez sua intenção ao tirar férias era estudar e discutir as origens do cristianismo ou a influência da traição de Judas na evolução da humanidade. Ali havia, certamente, material farto sôbre o assunto. Eu já estava preferindo a discussão sôbre o verde gabardine.

— Michel, você acha que conseguiremos abrir a minha mala?

Esta súplica vinha da voz doce de Nicole.

Precipito-me a atendê-la curioso. E curioso, aquela mala não tem nem fechadura nem fecho-eclair.

— Como vê, Michel, é tudo aí do lado; é só virar a alça com jeito e a tampa se abre.

Era de uma simplicidade tão evidente que eu sorri, indulgente, ante aquela inaptidão feminina.

Virei a alça com jeito. Nem sinal. Virei com jeito para a direita, para a esquerda. O mesmo resultado.

As pequenas se debruçaram tôdas por cima de mim e da mala para ver aquêle fecho extraordinário e de um hermetismo invencível. Ante o impasse, Gisèle sugeriu:

— Quem sabe se com a chave ficaria mais fácil, há uma fechadurazinha...

— Meu Deus, é mesmo... (gritou Nicole) mas... será que eu trouxe a chave? Acho que não.

Certamente que não! E então, da minha bem freqüentada carteira, de meus bolsos e correntes, reuni uma dúzia de chavezinhas — da máquina de escrever, maletas, caixinhas, enfim perfeitamente inúteis até aquêle momento e que agora, por seu tamanho e feitio, talvez resolvessem o caso.

E fomos experimentando; chegando à décima, soltamos sete gritos de alegria, mas tão altos e entusiastas, que fizeram Marie Anne e Catherine virem correndo lá do outro compartimento, de rostos assustados, perguntando:

— Quem foi assassinado aqui?

— «Abrimos» afinal a minha maleta! (respondeu Nicole, feliz). Eu impaciente só tinha olhos para o conteúdo que ia aparecer depois de tanta luta, de tanto pêso. Começou o desfile: um par de botas de montar, um par de botas de andar na neve, e um terceiro par de botas e mais outro de sapato e outro mais. Mas não era possível! Contando com o sapato que Nicole tinha nos pés, já tínhamos chegado a meia dúzia de calçados para quinze dias de viagem.

E Nicole continuou retirando coisas, frascos de feitio encantador, parecendo talhados em blocos de cristal, compreendi imediatamente por que dizem «cristal de rocha» e fiz também uma anotação mental: comprar para minha espôsa, quando tiver uma, belos frascos de matéria plástica, muito decorativos e práticos para viagens.

— O que foi que eu disse? (grita Nicole).

E retira da mala um par de meias ainda com etiquêtas e, nestas, farta literatura que ela apresenta sorridente a Denise para que esta leia.

Silêncio absoluto.

Prendemos a respiração. E eu não compreendo coisa alguma do que se passa. Finalmente Denise admite:

— Na verdade, você tem razão. Mas tem mesmo certeza de que estas são iguais àquelas?

Em lugar de responder, Nicole toma a meia com etiquêtas, enfia na mão e levanta a bela perna até a altura da mão, comparando. Bem que eu tentei ficar absorto na leitura do «Life», mas tôdas se agitam e falam, os bancos cobertos de malas e coisas...

— Sim, você tem razão (concorda mansamente Denise). Pois eu seria capaz de jurar que eram quarenta «deniers»! Que transparência! Olhe as minhas, por exemplo, trinta «deniers», mas não se pode comparar...

Tìmidamente pego o braço de Marie Anne, que volta para o corredor em direção ao outro compartimento, e pergunto:

— Marie Anne, explique por favor o motivo do debate; de que se trata afinal?

— Uma discussão sôbre meias. E inteiramente injustificada. Trinta «deniers» é assim como que um índice de transparência. Não sei dizer bem o significado da palavra, mas o sentido, enfim, é êste. Sabe, Michel, conosco você vai se instruir muito, tem muito que aprender. Se você não tem irmãs deve se sentir muito pouco a vontade, não?

— Oh! não, ao contrário, absolutamente. É até agradável, interessante mesmo, é uma experiência nova para mim. E eu tenho um fraco por experiências... experiências em relações humanas, sabe?

Eu teria certamente desenvolvido o assunto se uma sacudidela brusca não nos houvesse atirado, a mim e a Marie Anne, de encontro a uma pilha de malas que estava equilibrada na entrada do corredor.

— Vamos, vamos partir (gritaram alegres as minhas meninas). Recomendei-lhes que voltassem aos seus respectivos lugares e tive o prazer de constatar que minha autoridade doce e firme fôra respeitada.

Alcançamos o sol, passamos o desfiladeiro.

E quando descemos alegremente a planície do Pô, olhando os vilarejos animados de passagem, de aspecto pitoresco, festivos alguns...

De repente uma dorzinha fina nos fere o coração.

Já agora uma fronteira nos separa de nossas famílias. E eu agora era o chefe absoluto do grupo, abaixo de Deus.

★

E fomos todos, simultâneamente, assaltados pela mesma idéia, a batuta de um maestro não teria conseguido tal sincronia como a daquela frase que escapou — com infinidades de sutis variações sonoras — de nove bôcas a um só tempo:

— Vou escrever algumas palavras para casa.

Imediatamente, movido por um sentimento de dever que crescia a cada nova volta da roda, eu propus que devolvêssemos o passaporte da ausente. Pobre Marie Emile, que perdera o trem, a viagem, e quem sabe lá... as melhores horas da sua vida...

No meu melhor estilo escrevi a mamãe: «A paisagem se torna cada vez mais bonita e eu não tenho sentido dor de dentes». Piedosa mentira... mas não me sentia a vontade para contar que meus companheiros de viagem se chamavam Catherine, Denise, Nicole, Andrea... sem falar na hipotética Françoise...

— Oh! (gemeu neste momento Colette olhando o relógio) é impossível, é ma-

Tradução SILVIA JAMBEIRO **Ilustração de RAMON**



terialmente impossível que não nos desencontremos de Françoise . . .

Denise, a lógica em pessoa, explicou então, com bastante calma, que não desencontraríamos de forma alguma pois, ou o trem acertava o atraso e tudo iria bem ou Françoise, percebendo tudo, tomaria o expresso seguinte.

Mas a cabeça de Colette, transformada de repente em pêndulo de relógio, dizia: não-não-não . . . e com voz cavernosa, lá do seu profundo desconsôlo a pobre pequena informou:

— Na véspera da partida telefonei a Françoise, que estava em Stresa, e eu disse a ela . . .

Nós prendemos a respiração; que será que ela disse, meu Deus?

— Eu disse a ela, e disse duas vêzes: «Se você não me achar logo na estação ou numa janela do vagão, não faz mal, embarque assim mesmo e nos encontraremos dentro do trem» . . .

Ficamos desconsolados.

— E ela vai embarcar no trem que passar àquela hora (gemeu novamente Colette).

Sentei-me muito triste, talvez porque já passava das onze e eu tinha fome, mas estava com vergonha de confessar. Em tais circunstâncias achei que seria pouco civil.

Tentei me distrair e como o trem dera uma parada rápida, aproveitei para terminar minha carta para casa, carta enorme, cujos cantos já estavam atingindo quatro das meninas. Calculei depois que, descendo em Novaro, poderíamos talvez ainda tomar um táxi ou dois táxis e chegar a tempo em Milão, antes do Simplon. Ficamos supondo os preços dos táxis italianos, porque eu só tinha dez mil liras. E tôdas as minhas meninas, exceto Colette, me fitavam com olhos escuros.

— A mim parece uma cartada bem arriscada, Michel (fala Catherine).

— Você acha? Mas parece ser a única solução . . .

Alguém lá de um canto se dirige para nós: (Cont. no próximo número)



JANELA SÔBRE O MUNDO

TUDO NOS... UNIA

Até há bem pouco tempo, quaisquer irmãos xifopagos poderiam dizer: «tudo nos une, nada nos separa»... Agora, entretanto, os médicos da Fundação Oschner, em Nova Orleans, realizaram, com pleno êxito a separação das irmãs siamesas que aparecem na foto entre seus pais, o Prefeito Ashton Mouton, de Lafaiete, Louisiana, e a senhora Mouton. O Papai está comovido, mas as enfermeiras que seguram Emita e Ina Mounton, partilham do sorriso da Memãe. E agora está tudo azul.



CAMPEONATO DE BASKET

Os esportistas brasileiros estão promovendo entendimentos internacionais para que seja realizado no Brasil o campeonato mundial de «basket-ball» de 1954. E' dêsse entendimento a foto aqui estampada, mostrando-nos, da esquerda para a direita: Mme. Raposo, o dr. Scuri, presidente da Federação de Basket-ball Italiana e Internacional, e o sr. Raposo, secretário geral da Federação Brasileira de Basket-ball, quando, em Roma, tratava com autoridades esportivas, sôbre o assunto.



CONTRASTES CURIOSOS

Nos jardins do castelo de Versailles confrontam-se dois veículos que representam duas épocas já muito distantes: uma carruagem de alguns séculos passados e o mais novo tipo de automóvel das fábricas francesas, o «Panhard», tendo como chofer um cidadão vestido com o mesmo estilo da bela dama que desce do velhíssimo coche. E' o mundo que se encontra em duas páginas diferentes, cada qual com seu modo de ver, de sentir, de viver. Qual dos dois seria o melhor, leitor amável?

AMOR AOS CÃES

Mr. Cecil Mayhew, de Southall, Middlesex, Inglaterra, tem bela criação de cães das raças «S. Bernardo» e «Newfoundlands», vencendo campeonatos caninos com a exibição de seus admiráveis exemplares. Quando morre algum dêsses seus dedicados amigos, Mr. Mayhew sente tanto como se se tratasse de um filho. E então manda empalhá-los, dando aos seus cães mortos as aparências de que estão vivos. Eis aqui o criador de cães com dois de seus mais belos falecidos, sôbre os seus ombros.





SEJA BENVINDO!

O general de Artilharia, Rembe, o mais idoso militar a regressar da Rússia, chega finalmente ao campo de Friedland, após uma longa ausência. O retôrno do general Rembe, como é natural, causou júbilo a todos e muito especialmente à sua família, que receava pela saúde do idoso militar. Na foto, o general, quando recebia os votos de boas vindas, já no campo de Friedland, que lhe apresentaram sua filha e seu genro, dr. Hagemann. O gal. não quis dar entrevistas, o que é justo.



UMA BALEIA EM PARIS

Não é pilhéria, leitor. O que está aí dentro é uma baleia em carne e ôsso. Chama-se «Jonas», e é gigantesca, medindo mais de vinte metros de comprimento e pesando cinqüenta e oito mil quilos. Capturada ao largo de Trondjem, Noruega, vem sendo exibida em muitos países da Europa. A fim de ser confortàvelmente transportada, foi construído êsse enorme carro-piscina. A baleia tem servido de motivo para estudos a colegiais, e acaba de chegar a Paris, onde despertou curiosidade.



TERROR NO EGITO

O Tribunal Revolucionário Egípcio, constituído com poderes absolutos e que vem provocando uma onda de completo terror em todo o Egito, pronunciou sua primeira sentença de morte, contra Mahmoued Sadry Ali, de 59 anos, dado como antigo empregado do Exército Britânico na zona do Canal de Suez. Esta foto tomada poucos momentos antes da execução de Mahmoued Sadry Ali, mostra bem o terror e a revolta de que o condenado está possuído, na trágica antevisão da morte.

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

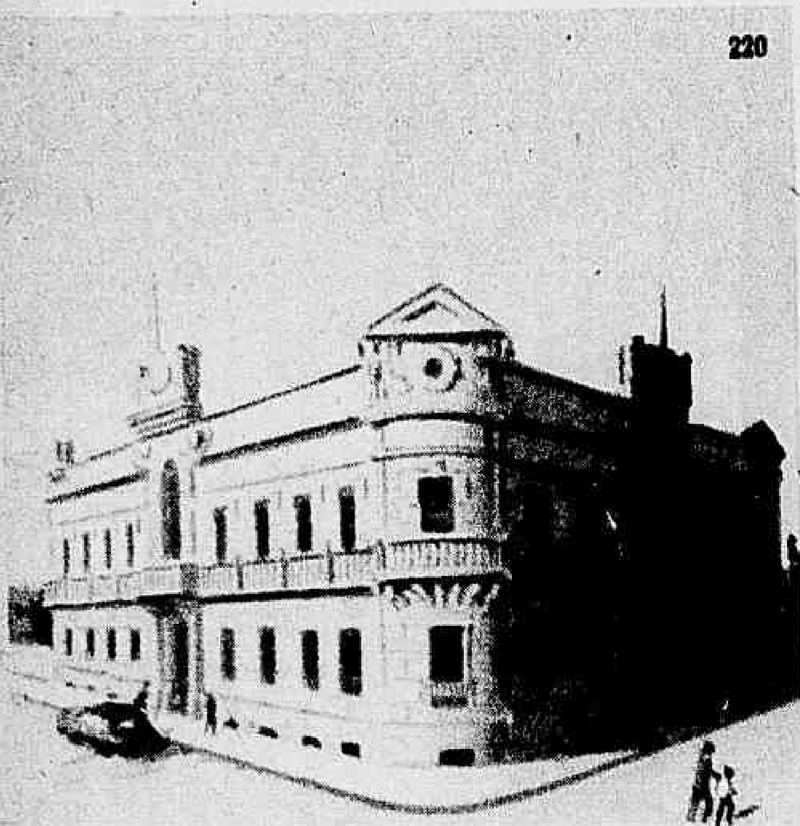


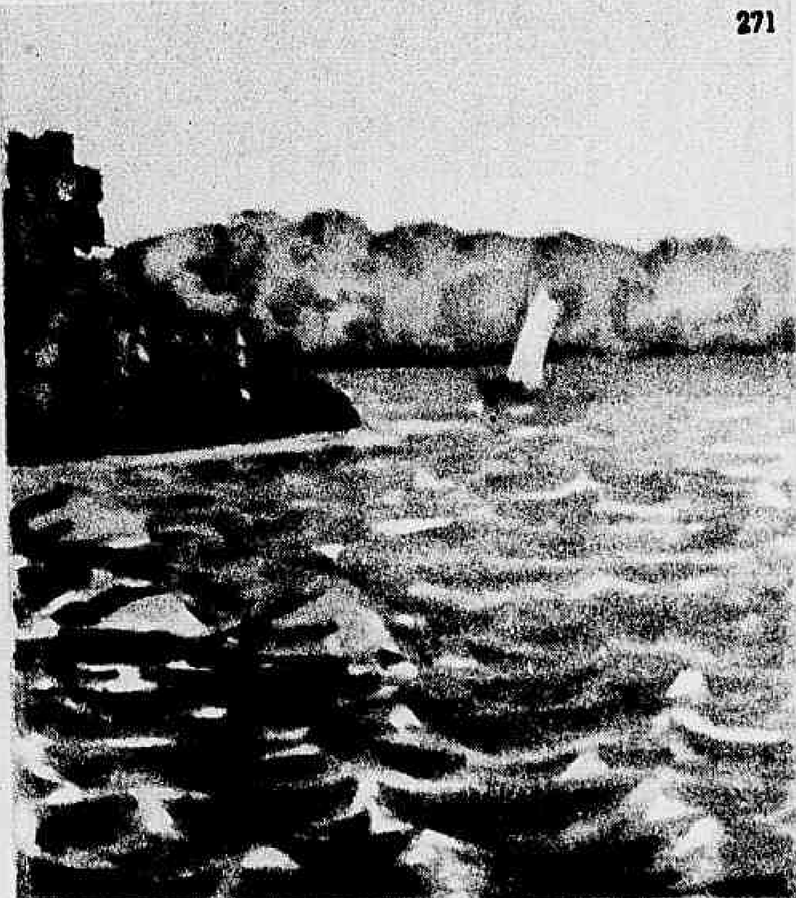
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

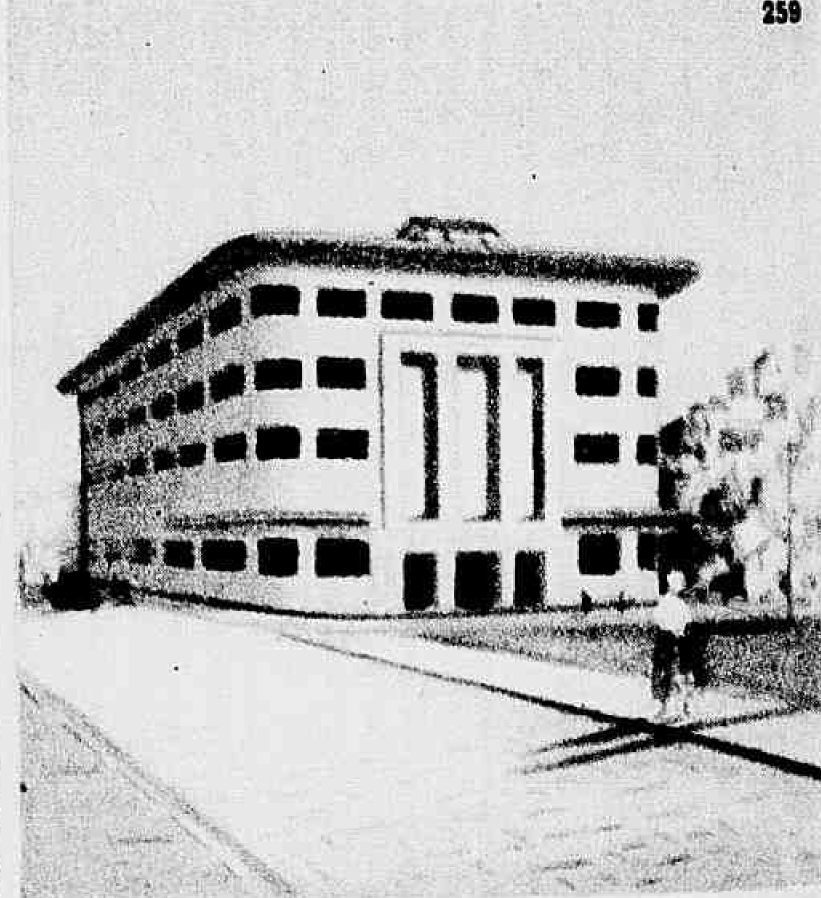
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da REVISTA, na segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.

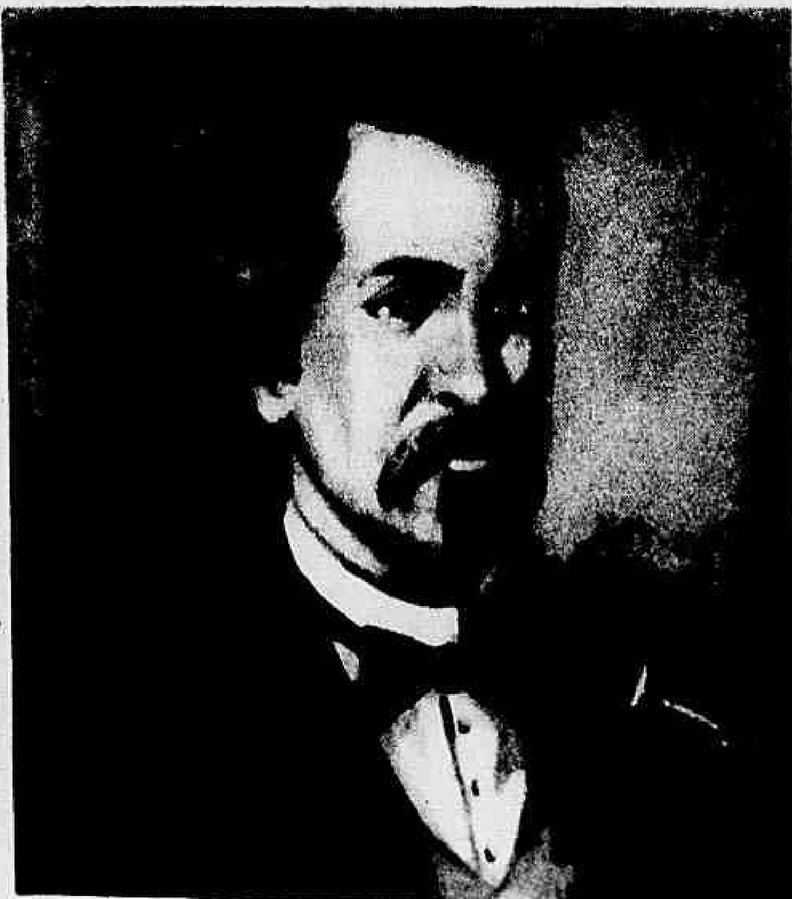
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.

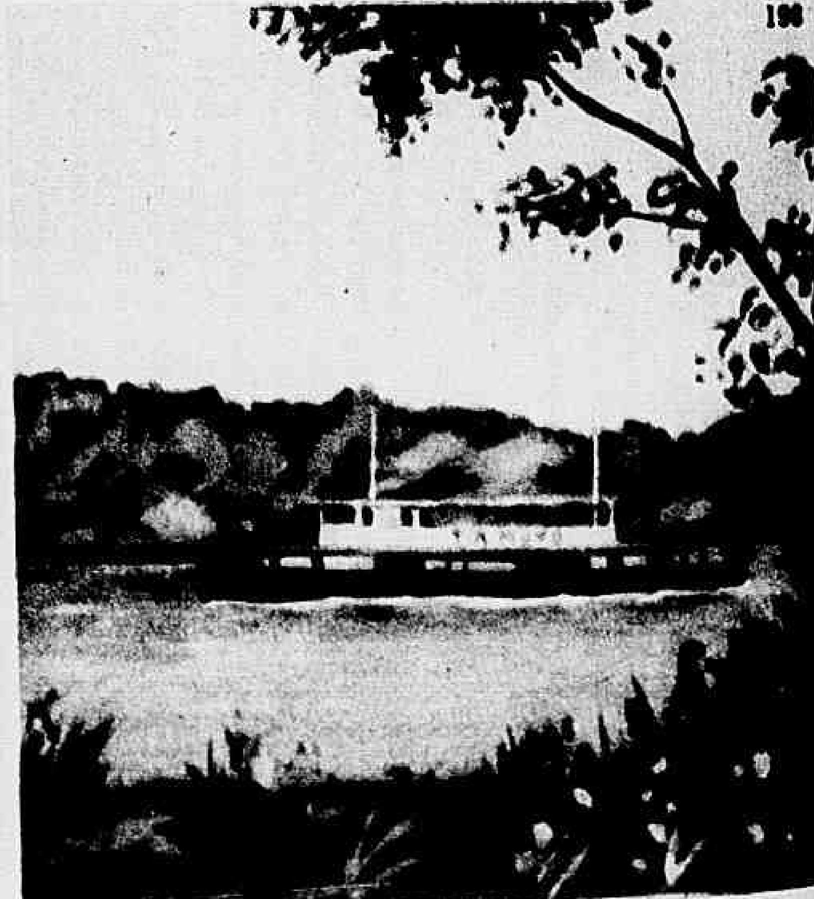












MARTIRIO DOS MÚSCULOS E DA CARNE



Aí está a máscara do sofrimento, do desespêro, quase... E, no entanto, Mr. Max não se comove com a expressão de dor da bailarina, que aprende a se contorcer...

AS AULAS DE MR. MAX «TOUT COURT» ★ QUANDO SE VENCE SOFRENDO... E SE SOFRE PARA VENCER ★ «BALLET» E ACROBACIA ★ LÁGRIMAS DE DOR QUE LOGO SE TRANSMUDAM EM SORRISOS

SEGUE

MARTÍRIO DOS MÚSCULOS E DA CARNE

UMA grande sala, inteiramente vazia, quatro paredes cinzentas e nuas, a luz se infiltrando com dificuldade através de janelas não muito limpas e maltratadas pelas intempéries e pela idade. Junte-se a isso o ruído trepidante do **boulevard** de Clichy, com o concêrto das businas, no qual os ônibus desempenham o papel de contrabaixo.

E' nesse «cenário» que **Monsieur** Max recebe seus alunos. Talvez pudéssemos dizer «suas vítimas», pois que Max é um torcionário e tôdas as deliciosas criaturas, que desfilam da manhã até a noite nesse salão austero, vão ali ùnicamente para torturar o próprio corpo. E pagam para isso! Pagam nada menos de 300 francos por hora para que lhes estiquem os braços, torçam as pernas ou as façam caminhar sôbre as duas mãos, etc., sem falar dos «exercícios» mais sérios e mais sábios. Extenuadas, a fisionomia marcada pela dor, algumas vêzes até com lágrimas nos olhos, não escondem a sua satisfação e a sua gratidão por êsse adorado torturador. Nada as amedronta ou espanta e, fatalmente, na manhã seguinte, voltam tôdas, no horário fixado por Max.

Os leitores, por certo, já adivinharam que não se trata, absolutamente, de um temível sádico, mas do célebre professor de acrobacias, cujo nome é Mr. Cavillon, embora todo o mundo do bailado o conheça pelo nome de Max **tout court.** Outrora famoso dançarino-acrobata, Max abandonou o palco em 1932 e, desde essa data, dá lições de acrobacia. Formou cêrca de 3.000 alunos, muitos dos quais ganharam a celebridade. Nem todos, é claro, desejavam tornar-se acrobatas, tendo comparecido à «Academia» de Max com o fim único de **domar** os músculos e dar-lhes maior elasticidade.

Max é professor diplomado de educação física e, ainda, especialista no domínio da ginástica terapêutica. As grandes «estrêlas» da Ópera, como Chauviré, Darsonval, Tcherina, Pagava, Vyrubova, etc., formaram entre os seus alunos, enquanto entre os acrobatas, pròpriamente ditos e formados por Max, podem ser citadas Lona Rita e as irmãs Belmas. Um curso, na «academia» de Max, tem a duração de um ano, a razão de 3 horas por semana, e é interessante salientar que, a fim de poder «torturar» suficientemente cada «vítima», êle aceita um máximo de cinco alunos em cada curso.

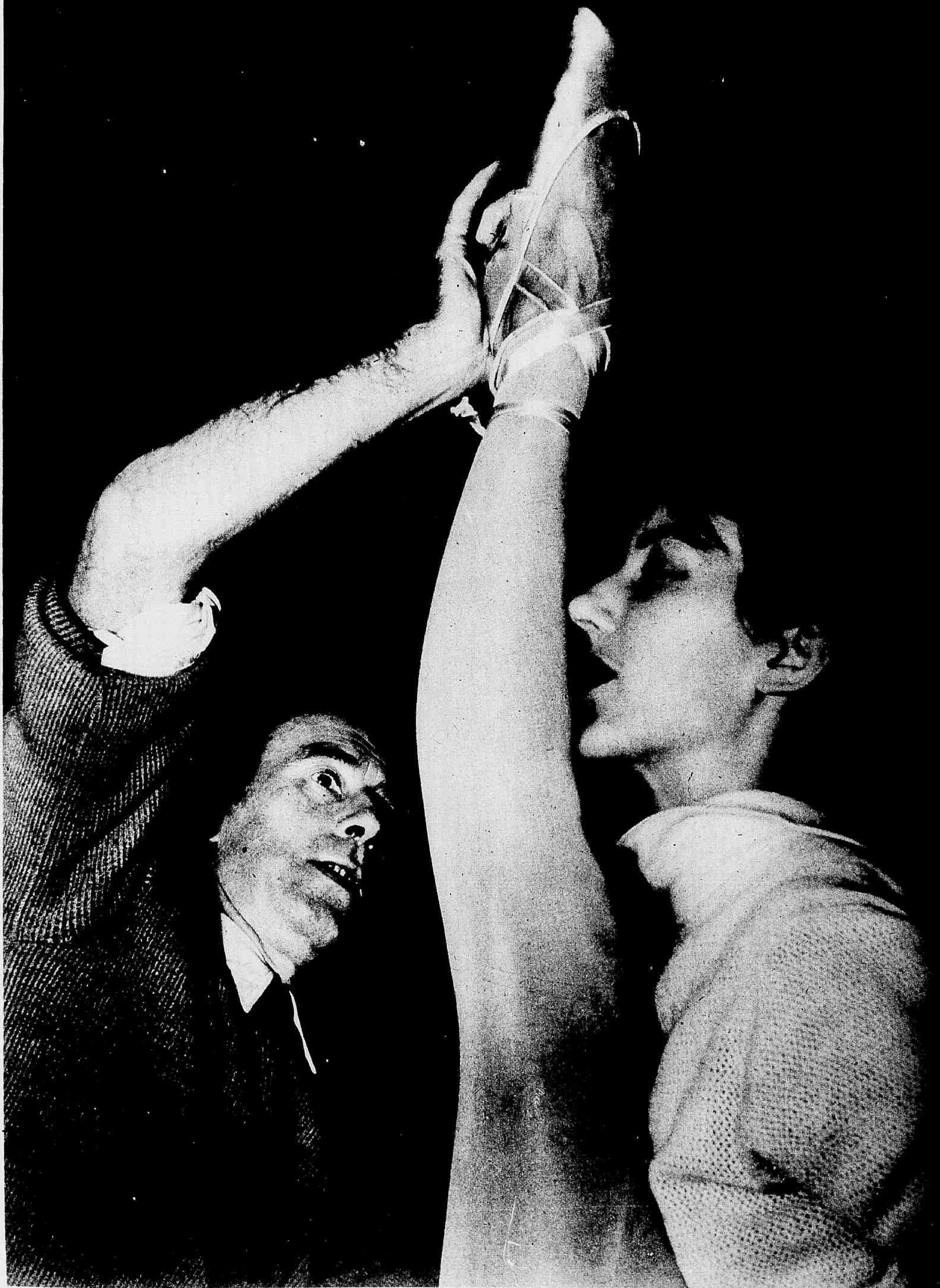
Êste é Max, «o contorcionista adorado». Inflinge em seus alunos sofrimentos, para fazer dêles no futuro, bons e ágeis artistas do «ballet».



Conhecedor dos músculos do corpo, sabe exatamente até aonde vai a resistência das alunas, mostra o exercício chamado «a ponte». Parece fácil...



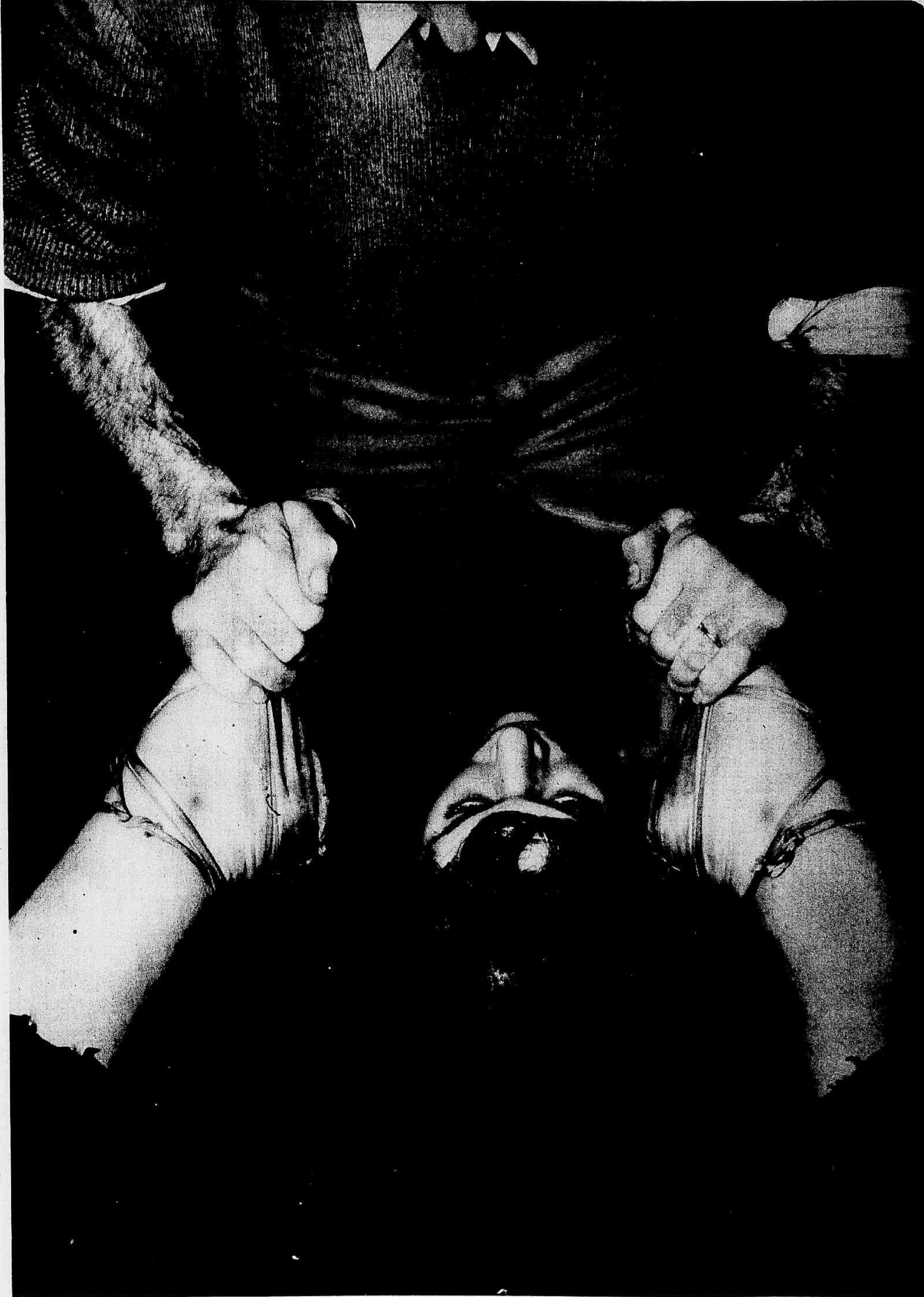
Max ajuda a bailarina a conseguir formar o exercício chamado «de elasticidade». Aos poucos os alunos vão vencendo as dores musculares.



Uma dançarina treinada, depois de algum tempo na academia de Mr. Max «toutcourt», pode fazer o exercício sem demonstrar sinais de dor...



Com o estranho professor do «boulevard» de Clichy, jamais ocorrem acidentes, embora os exercícios sejam penosos. Para obter elasticidade da coluna vertebral, as dançarinas devem agarrar-se às pernas do professor, que levanta, assim, gradualmente, o corpo de sua aluna.



Um pouco confuso, bastante doloroso... «Monsieur» Max, porém, entende tudo muito bem — e faz sofrer suas alunas no limite estrito de sua resistência. A perícia e a energia de Mr. Max, entretanto, têm criado verdadeiras «estrêlas» do «ballet» e da acrobacia mundial.

GABLE NA FÔRÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS

TIMIDO COM AS GARÔTAS, NA INFANCIA ★ DE SIMPLES SOLDADO A MAJOR ★ ÊLE QUERIA COMBATER ★ GANHOU A MEDALHA DO AR ★ ESCAPOU DA MORTE DIVERSAS VÊZES ★ O HOMEM QUE REPRESENTA UM SÍMBOLO.

Durante a última Grande Guerra, Clark Gable foi «cameraman» e artilheiro, chegando ao pôsto de major, ao ser transferido para a reserva.

Por OMAR GARRISON

(Exclusividade da «REVISTA DA SEMANA»)

CLARK, de coração, é religioso, mas não pode ser êle mesmo — é uma frase atribuída a Josephine Dillon, sua primeira espôsa.

Gable foi, como ela declarou, vítima de um tipo de moléstia muito familiar, que Josephine denominou de «hipnose de Hollywood».

Lá em Cadiz, cidade natal do astro, o reverendo Samuel Williams, ministro da igreja metodista que Clark freqüentou quando menino, concorda que Gable certamente precisava de um bom seguro contra incêndio, para sua vida posterior.

Êle pediu a sua congregação de 300 membros para rezar pelo astro da tela que era, em sua opinião, «um corruptor da juventude, que serve o demônio da volúpia em seus filmes.»

— Lembro-me — êle acrescentou — que o menino cantava nos exercícios diários das crianças, com uma voz que geralmente se destacava acima das vozes dos demais. Naquela época, êle era tímido em relação às meninas e nem de longe lembrava o galã que viria a ser.

Quanto mais o pastor Williams pensava no assunto, mais ficava convencido de que Clark Gable contrariara o rumo a que estava destinado. Êle devia ser um homem da igreja e não do celulóide.

Com esta convicção no seu íntimo, o eclesiástico gastou três dias escrevendo um «persuasor» de 10.000 palavras; em seguida, rumou para Hollywood, a fim de recrutar Gable para o púlpito.

Depois de uma vigília de dois dias gastos em vão na Ilha Catalina, onde Gable estava filmando, o reverendo desfez sua tenda e retirou-se, pesaroso.

— Êle teve sucesso em fugir de mim — declarou o pastor aos seus correligionários. — Mas deixei uma nota calorosa em sua casa de Brentwood e creio que a mesma produzirá o efeito desejado.

E, de fato, o reverendo tinha razão. Desde então, Gable passou a sentir-se inquieto, quando na presença de ministros.

ÊLE É COMEDIDO E HONESTO

Um homem estranhamente modesto e honesto, Gable tem um forte senso de obrigação moral e noção do dever.

Êsse foi o motivo que o levou a telefonar para o seu amigo, General Hap Arnold, pouco depois da morte de Carole Lombard. Estas foram suas palavras:

— Hap, quero alistar-me na Fôrça Aérea, como soldado raso. Mas acontece que tenho 41 anos e não sei como proceder para conseguir o alistamento. Gostaria de pegar um trabalho árduo. Assim, talvez alguns dos rapazes se convençam de que, se um velho como Gable pode cumprir esta ou aquela missão, êles também estarão capacitados para tanto.

O general Arnold informou que a Fôrça Aérea estava tendo dificuldades em arranjar artilheiros. Assim, Clark alistou-se como soldado e foi para a escola de artilharia. Ao terminar o curso, era o terceiro da classe.

Para os fãs do «Rei do Cinema», um dos aspectos de sua vida como militar que mais os trouxe irritados foi a necessidade dêle ter que raspar o bigode pois, de acôrdo com o regulamento, sòmente os oficiais podiam usar tal «adôrno».

Eventualmente, Clark se ofereceu para treinar na Escola de Candidatos a Oficiais e, depois de ser comissionado como segundo tenente, foi enviado para a Inglaterra, num conjunto de homens de 15 e 20 anos mais jovens do que êle.

(Cont. na pág. 48)



Êle em companhia de Suzanne Dalbert, a linda francesinha, que segundo os boatos correntes, será a sua quinta espôsa. Aguardemos.



Aqui êle posa em companhia de Ava Gardner e de dois figurantes de «Mogambo», um dos seus últimos filmes, passado no continente africano.



Eis o Clark Gable de S[illegible] grisalho e com o rosto marcado pelas linhas da experiência. Mas simpático e jovial como sempre.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

A MARECHALA JUNOT

Por SERGIA FIACCAVENTO

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

CAPITULO V — (Conclusão)

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR

Laura Junot, espôsa do famoso marechal de Napoleão, casara-se muito jovem. O marido, conquistador inveterado, preocupava-se, porém, mais com aventuras do que com a própria espôsa, que, humilhada e desprezada, encontra em Metternich o amor pelo qual ansiava e que o marido não queria lhe dar. Ao saber, porém, que a espôsa o traía, Junot, num acesso de ciúme doentio, desencadeia uma cena violenta, ferindo-a com um par de tesouras. Laura jaz desfalecida, sangrando...

QUANDO o príncipe Clemente de Metternich fôra chamado a Viena pelo seu Imperador, Napoleão mantivera como reféns, em Paris, sua espôsa e seus filhos, alojando-os no Palácio de Couvland, na Praça Luís XV, perto do Palácio do Duque de Abrantes. A Princesa, sempre muito inquieta com a sorte dos filhos e do marido, apelava freqüentemente para a Duquesa, a fim de acalmar suas inquietações, recebendo dela palavras de confôrto e ajuda. De caráter firme e de inteligência viva, nunca considerava Laura como uma rival. Conhecendo a escandalosa infidelidade de Junot, sentia sincera simpatia pela Duquesa. Separada, na realidade, há seis anos do marido, por uma falta que ela própria confessara lealmente, não podia acusar a duquesa de Abrantes de culpa a seu respeito. Junot, porém, que entre as cartas de Metternich a Laura encontrara uma em que êle agradecia-lhe a ajuda e amizade que dedicava à espôsa, pensou vingar-se, revelando à princesa as relações entre Laura e o Príncipe, esperando, com isso, despertar-lhe o ódio e o desprêzo. Um valete fôra mandado à Princesa com um bilhete conciso.

Tendo avançado alguns passos, e vendo Laura inanimada, a princesa de Metternich gritou horrorizada e correu para junto da ferida. Junot deteve-a, porém:

— Um momento... escute-me Princesa... Há muito tempo que vosso marido é amante de minha mulher. Descobri, há pouco, êsse fato vergonhoso. Teria todo direito de matá-la como a um cão. No entanto, se a matasse não apagaria a vergonha com a qual manchou minha honra, nem me libertaria do sofrimento que me oprime...

Deu alguns passos pelo quarto e prosseguiu:

— Encontrei, porém, a maneira de ferir o coração de vosso marido. Matarei os filhos...

Durante essa estranha conversa, em que apareciam já os sinais de uma loucura feroz, a Princesa calara-se; atônita, como oprimida por pavoroso pesadelo.

A presença de Laura, porém, sangrando e desfalecida, tocou a sua sensibilidade feminina. Era triste o quadro que se apresentava a seus olhos.

Inclinada sôbre Laura, procurou febrilmente estancar o sangue que corria ainda abundantemente das feridas, murmurando palavras de afetuosa doçura.

— Meu Deus! Senhora... em que estado estais!... Que terrível!...

Acariciava-lhe o rosto, levantava-lhe os cabelos, esquentava-lhe as mãos.

— Está morrendo!... — exclamou desesperada, voltando-se para Junot, que parecia surdo e insensível.

— Assim o espero... Perdoai-me!...

— Chegou-lhe, como num sôpro, a voz de Laura.

— Que esperas para socorrê-la?. — gritou, desesperada, a Princesa ao Marechal, que, impassível junto à porta, estava pronto a impedir o acesso de quem quer que fôsse. Depois, ela prosseguiu com cólera e desprêzo:

— Como podeis, senhor Duque? Como podeis assistir à visão de vossa espôsa morrendo em sangue, por vossas feridas? Com que tola pretensão vos arrogais o papel de vingador, depois de ter escandalizado tôda a França com vossas infidelidades, com as aventuras mais desavergonhadas e descaradas, que vossa mulher aturou por longos anos com uma dignidade que não merecieis? Não, senhor Duque, vós não sois um gentil-homem. Sois um assassino vulgar!

Como única resposta, Junot sorriu, depois, com uma frieza capaz de enrregelar o coração mais corajoso, replicou:

— Sabia que, também vós, sois uma mulher sem pudor nem honestidade, mas não acreditei nunca que chegásseis ao ponto de tratar com afetuosa doçura a amante de vosso marido.

Diante do brutal insulto a Princesa recuperou tôda altaneria de sua raça, há séculos educada para comandar. De pé, fixando bem de frente Junot nas pupilas, apostrofou-o com desprêzo:

— O insulto de um assassino não chega nem mesmo a aflorar a bainha da roupa de uma princesa de Metternich. No entanto, será melhor para minha dignidade que não tolere nem mais um minuto vossa presença.

Aproximou-se de Laura e, inclinando-se junto a seu ouvido, perguntou-lhe amável:

— Não posso fazer nada por vós? Quereis socorro? Quereis que chame um médico?

— Quero apenas morrer — foi, ainda, a resposta que chegou-lhe.

— Mas vós não deveis morrer para dar prazer àquele bruto. Deixai que eu vos lave as feridas, que vos leve até vosso leito. Estais crivada de cortes.

— Deixai-me morrer, Princesa. Gostaria, apenas, de abraçar os meus filhinhos.

— Os vossos filhinhos? — interrompeu violentamente Junot — Vós não sois mãe! Lembráveis, por acaso, de vossos filhinhos, quando, como uma prostituta, os abandonáveis para correr aos encontros com vosso amante?

Depois de um minuto, com voz furiosa e o olhar de louco, o Marechal se voltou para a princesa de Metternich:

— Dissésteis que não podíeis tolerar mais um minuto minha presença. Estou em minha casa. Compete-vos sair.

Sem pressa, com o busto erguido, e a pose de uma rainha, a Princesa, depois de mais uma vez volver um olhar desolado a Laura, dirigiu-se para a porta e saiu.

Alguns anos mais tarde, ela própria contava que, na realidade, tivera mêdo de não sair viva daquele trágico aposento.

Enquanto essa cena se desenrolava, a pobre Laura, em estado de semi-inconsciência, ficara estendida inerte sôbre a espreguiçadeira. O sangue começava a coagular sôbre as feridas numerosas, porém não muito profundas. Algumas vertigens rápidas toldavam-lhe a visão, as têmporas e a fronte estavam como apertadas por um aro de ferro candente, e doiam-lhe lancinantemente.

Pouco a pouco, a cólera exasperada de Junot foi-se apagando. Ouvindo os gemidos de Laura, tomou-lhe uma das mãos, que tombava sôbre o braço da espreguiçadeira, e, sentindo-a tremer a seu contacto, perguntou com voz taciturna:

— Eu vos causo horror?

Laura, com os olhos semi-fechados, não distinguia claramente o rosto do marido, mas ouvia sua respiração ofegante. A tempestade ainda não se afastara. Com a coragem de desespêro, desejosa de acabar de uma vez, ela própria quis provocá-lo.

— Que vos pode importar tudo isso, já que devemos nos separar?

— Separar-nos? — gritou Junot.

— Não sei como podeis ainda acreditar que, depois de um tal escândalo, eu possa continuar sob vosso teto!

— E, sem dúvida, deixaríeis também a França?!

— Minha sorte não pode e não deve interessar-vos mais. De qualquer forma, devo dizer-vos que, depois dessa noite sanguinolenta, não poderia olhar-vos sem sentir por vós um sentimento que, se o conhecêsseis vos faria sofrer.

Junot levantou-se num ímpeto, como um tigre. Deu um pontapé violento numa mesa, que tombou, e gritou com voz ameaçadora:

— Isso não acontecerá jamais! Jurai imediatamente que não me deixareis!

— Depois, mudando a tonalidade da voz — Deveis jurar-me, Laura, compreendestes? Quero que me jures, Laura, perdoa-me, eu te amo! Agora sei que sempre te amei! Jura-me que nunca me deixarás. Jura por nossos filhos!

Laura sacudiu a cabeça lentamente. Com firmeza tranqüila, que não deixava dúvidas sôbre sua decisão, replicou:

— Deves ter percebido, Alexandre, que não tenho mêdo da morte. Podes estar certo de que nenhuma ameaça mudará minha decisão.

Nesse momento, sòmente um médico de doenças mentais poderia explicar a transformação que as palavras de Laura produziram sôbre o Marechal. Como petrificado, volveu os olhos esbugalhados para o rosto da espôsa. Depois êstes se acenderam de uma chama repentina, misto de paixão e loucura, e pousaram-se sôbre aquêle corpo quase nu. As mãos se lhe abriram e fecharam, num ritmo veloz e nervoso. Os lábios se lhe contraíram lentamente, em um leve sorriso, que descobriu a alvura de seus belíssimos dentes. Ficou alguns momentos hesitante. Depois, com gesto bestial jogou-se sôbre Laura aterrorizada e tomou-a, apertando-a com gesto brutal.

O gesto foi tão rápido que, sob o corpo pesado do marido, ela não teve tempo nem jeito de evitá-lo. Sentiu os beijos violentos e as carícias brutais, procurando, como podia, afastar sua bôca da bôca furiosa que a atormentava, com um incoercível sentimento de desgôsto. O asco, o horror, impediam-lhe até mesmo de sentir o queimar lancinante das feridas que se reabriam.

As fôrças já lhe faltavam quase, quando imprevistante sentiu-se libertada. Abriu os olhos. Junot estava de pé e, com voz sufocada, repetia:

— Sou um monstro! Sou realmente um monstro! Tens razão, dou nojo... não me olhes assim apavorada! Sou um monstro, um louco. Não morra! Procura viver para os nossos filhos. Sou eu quem me vou.

Com passos incertos aproximou-se da campainha e tocou-a com fôrça:

— Josefina — ordenou à camareira que acorrera, com o rosto ainda banhado de lágrimas — corre até o doutor Magnier e traga-o imediatamente.

O cirurgião Magnier, que era o médico dos duques de Abrantes, chegou pouco depois, com uma mala cheia de ferros cirúrgicos, e prodigou os cuidados necessários à jovem senhora que, agora, jazia sem sentidos sôbre o espêsso tapête ensanguentado.

Laura sobreviveu àquela noite trágica. Junot voltou para Portugal, e ela convalesceu perto de seus filhos que passavam dias inteiros junto a seu leito. No entanto, foi para ela êsse um período triste e desconsolado. A pobre mulher sentia que se lhe fôra a mocidade; que sua reputação estava inexoràvelmente comprometida; que o amor que enchera de alegria e encantamento o seu coração, estava para sempre perdido; que o pai de seus filhos, aquêle que um dia sonhara como o doce companheiro de tôda sua vida, dela estava separado por uma barreira de ódio e desprêzo.

Durante alguns anos foi sustentada pela recordação daquele que fizera vibrar sua sensibilidade com apenas o som de sua voz inebriante, com o toque leve de uma carícia, com o frêmito de um beijo. Depois, tudo desapareceu na densa névoa do tempo.

Napoleão consentiu, sem objeção, na separação dos esposos de Abrantes. Laura ficou em Paris, onde, mesmo não aparecendo mais na Côrte, freqüentava todos os salões da alta sociedade, que acolheram-na com cordialidade e afeição.

A estrêla de Junot declinava. Em Portugal e na Espanha, Weelington, com fôrças superiores, vencia os franceses com regularidade, e colocava os alicerces de uma fortaleza que poucos anos depois, veria tremular ao vento a bandeira de Waterloo.

Tendo sido chamado da Espanha, onde o substituiu o marechal Fould, Junot acumulava atos de insanidade, até que um dia, em 1813, então já às voltas com uma loucura verdadeira, atravessou a cavalo as ruas de Ragusa, inteiramente nu, levando ao pescoço suas condecorações de brilhante, a espada sob um braço, e o seu grande chapéu de plumas sob o outro.

Pouco depois se suicidava, jogando-se do quarto andar do palácio onde se alojara.

★

Durante muitos anos, ainda, Laura conservou-se fiel às recordações de seu «Príncipe Azul». Êste, então Ministro do Exterior de seu País, já movia com a habilidade de gênio os fios muito sutis que manobravam a política européia, reconquistando para o Império Austríaco o prestígio e a fôrça, que os exércitos napoleônicos haviam pisado com a truculência de vencedores.

Por alguns meses, ainda, depois da noite trágica do palácio de Abrantes, os dois amantes escreveram-se. Nas suas cartas, o príncipe de Metternich foi, pouco a pouco, substituindo as palavras apaixonadas por outras de doce afeição, mas desprovidas de qualquer vibração amorosa.

A alta posição que conquistara em Viena, a enorme responsabilidade que pesava sob seus ombros, deixavam pouco tempo para o amor. Ocupado em todos os instantes a bater-se com o grande Corso, no terreno diplomático, preparava a poderosa coalisão que devia inexoràvelmente vencê-lo, nos campos de Waterloo!

Durante muito tempo dois sentimentos opostos perturbaram o coração de Laura: o amor pelo seu Príncipe e pela sua Pátria.

Tinha já 34 anos, quando, convidada para uma festa no palácio da marechala Marmont, de quem era amiga, ouviu anunciar à porta do salão o nome do príncipe de Metternich.

Isso ocorreu, exatamente, 10 anos depois daquela festa nas Tuilerias, na qual, como num sonho angustioso, invocara sua aparição. Revia, finalmente, o rosto do homem amado! Como estava diferente! O tempo marcara os traços indeléveis de sua passagem. O Ministro do Exterior do Império Austríaco, com o rosto sulcado de rugas miúdas, nada mais tinha em comum com o belo Clemente de Laura.

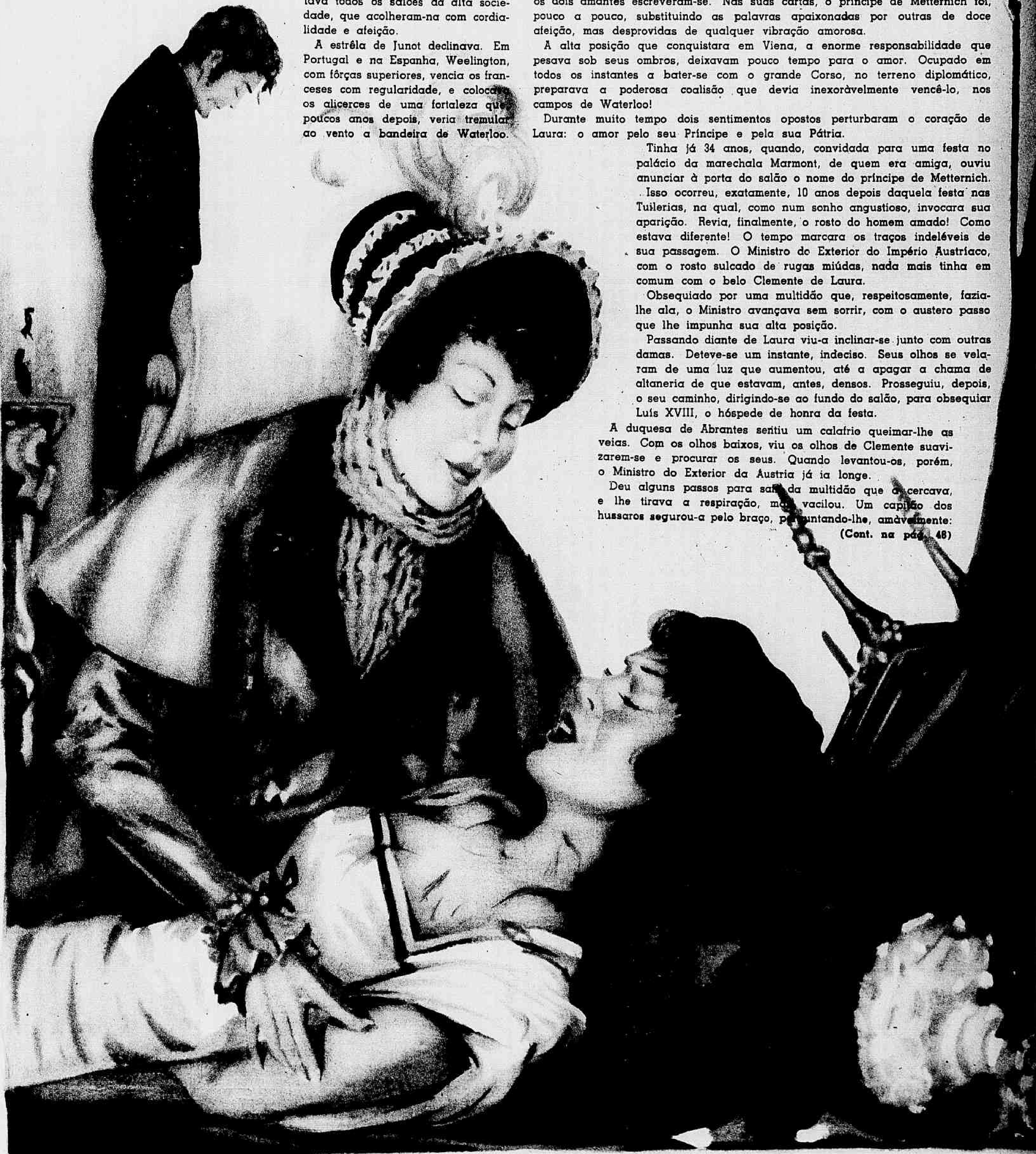
Obsequiado por uma multidão que, respeitosamente, fazia-lhe ala, o Ministro avançava sem sorrir, com o austero passo que lhe impunha sua alta posição.

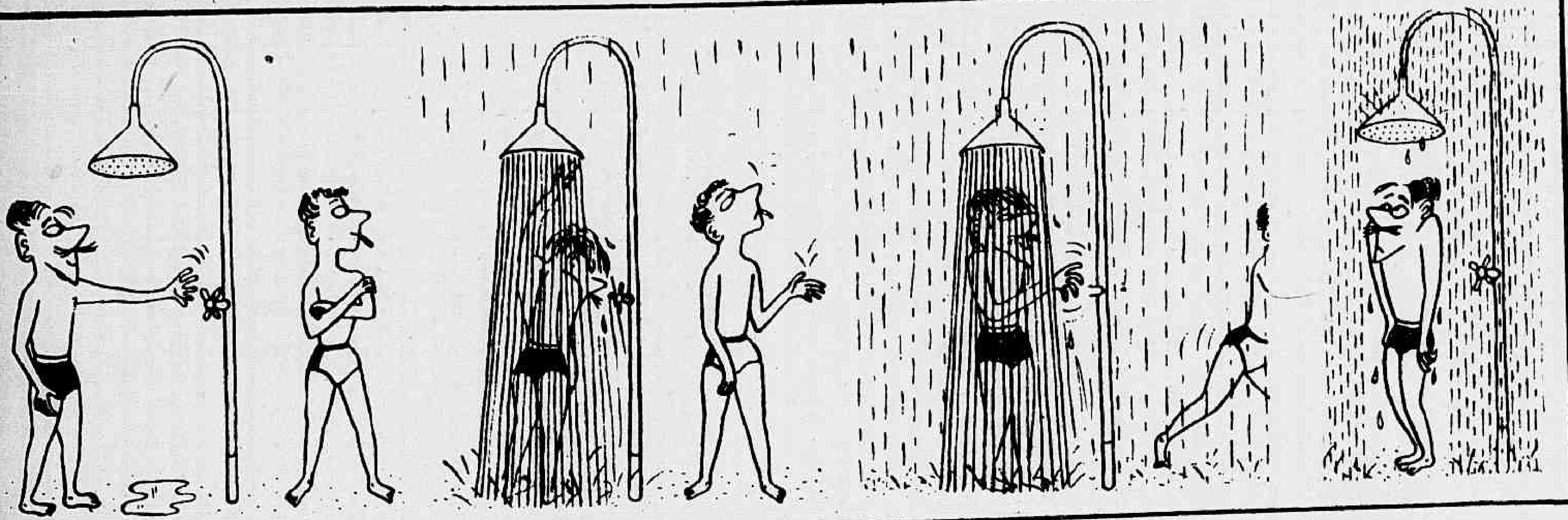
Passando diante de Laura viu-a inclinar-se junto com outras damas. Deteve-se um instante, indeciso. Seus olhos se velaram de uma luz que aumentou, até a apagar a chama de altaneria de que estavam, antes, densos. Prosseguiu, depois, o seu caminho, dirigindo-se ao fundo do salão, para obsequiar Luís XVIII, o hóspede de honra da festa.

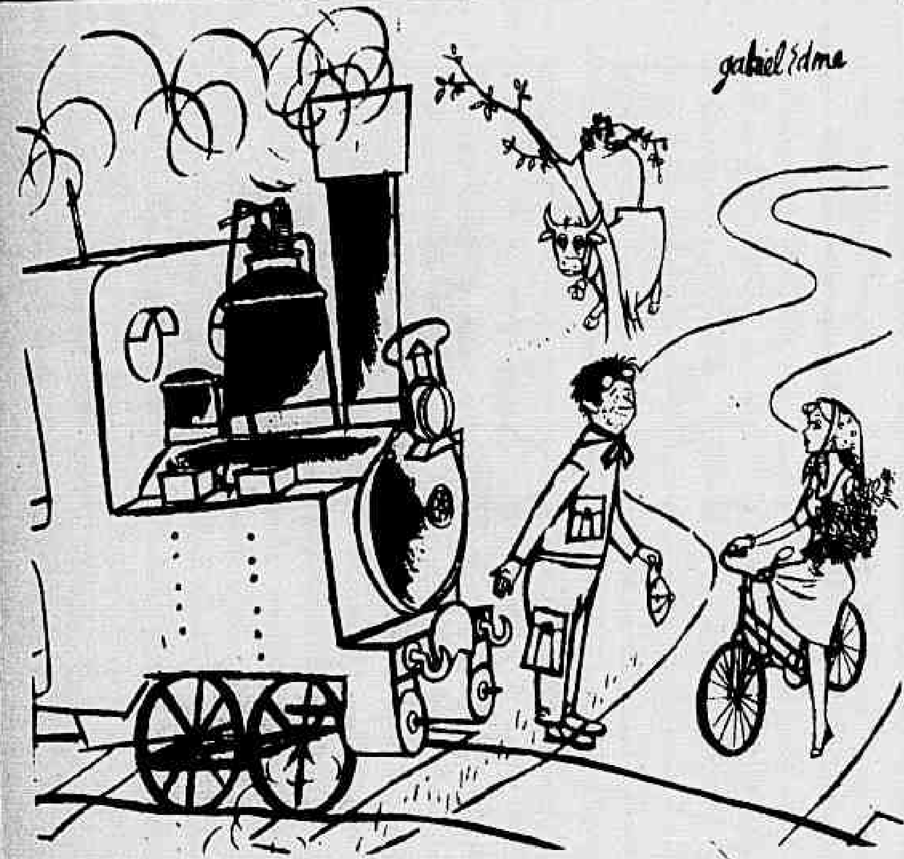
A duquesa de Abrantes sentiu um calafrio queimar-lhe as veias. Com os olhos baixos, viu os olhos de Clemente suavizarem-se e procurar os seus. Quando levantou-os, porém, o Ministro do Exterior da Austria já ia longe.

Deu alguns passos para sair da multidão que a cercava, e lhe tirava a respiração, mas vacilou. Um capitão dos hussaros segurou-a pelo braço, perguntando-lhe, amàvelmente:

(Cont. na pág. 48)

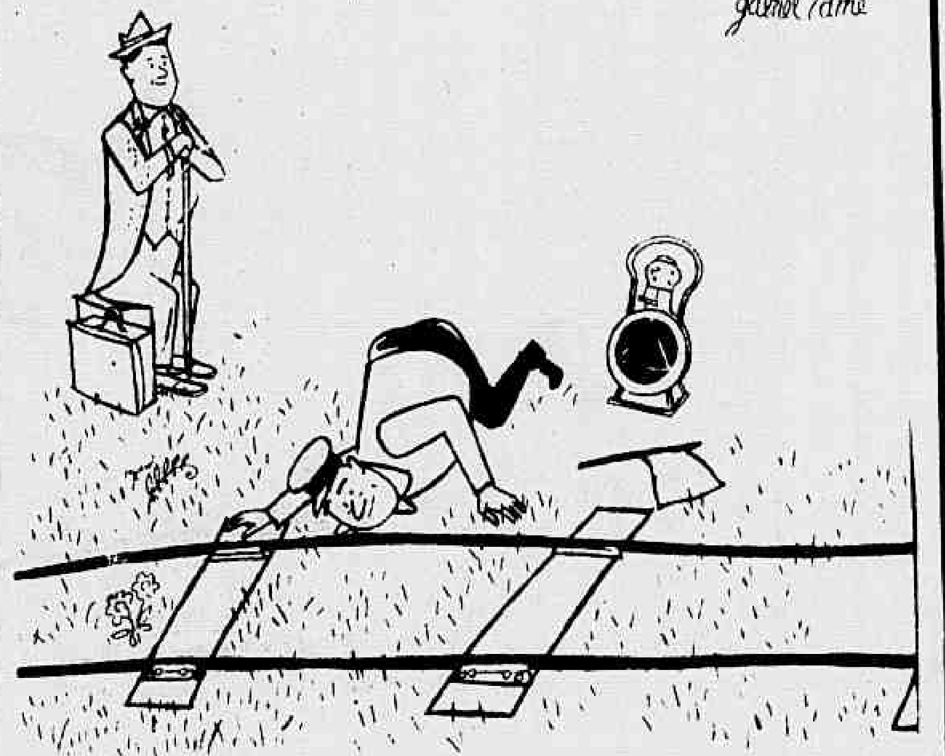


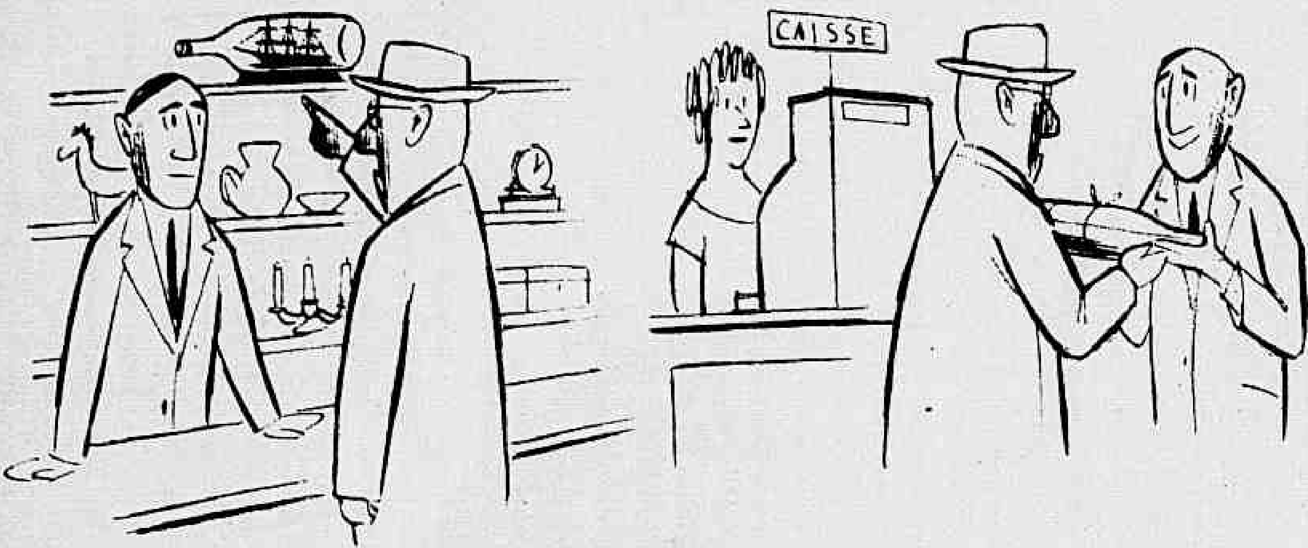




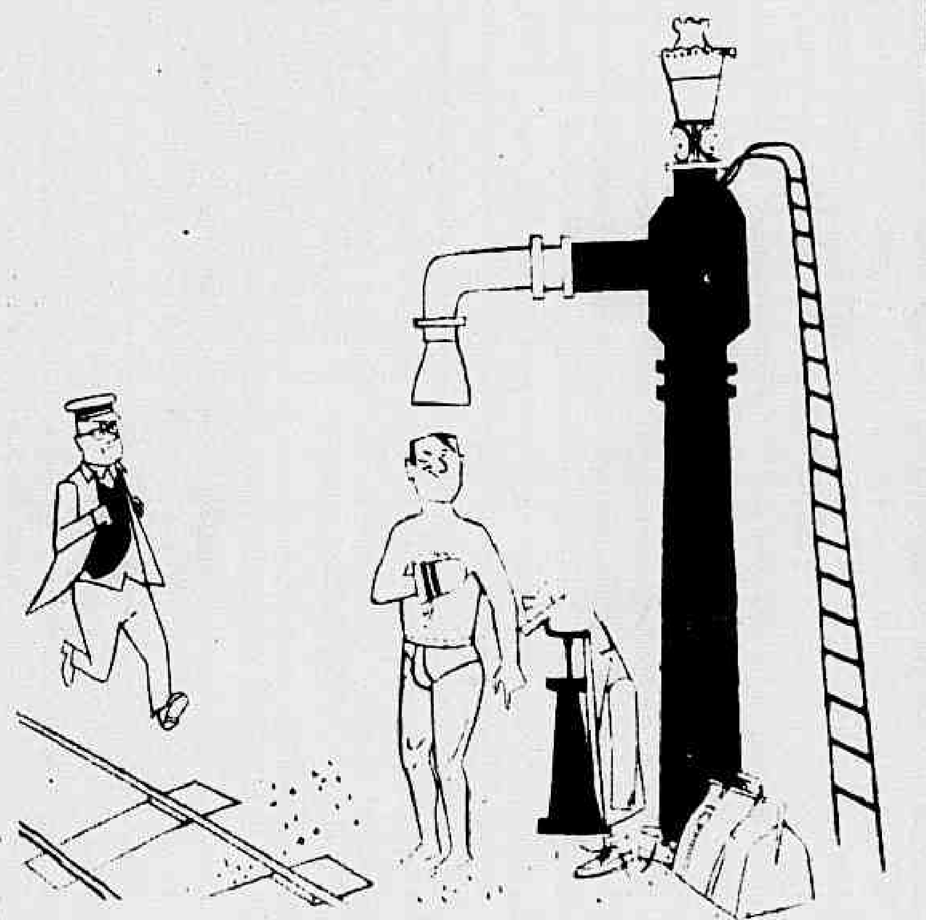
— Por favor, senhorita...

O RISO DOS OUTROS









— Aposto que êle vem me passar um «sabão»...



Teatro

SOUTO DE ALMEIDA

COMENTANDO

O desenvolvimento do nosso teatro nos últimos tempos — tanto do ponto de vista artístico como do interêsse popular — não vem sendo acompanhado, paralelamente,pelo aparecimento de novas casas de espetáculo. A falta de tea tros na capital da República já se tornou, mesmo, mal crônico. Com dez teatros em atividade, o interêsse do público já autorizava o funcionamento de outros tantos. Mas, tem ocorrido justamente o contrário. Fecha-se o admirável Fênix, sujeito a um processo lentíssimo de desapropriação; o Ginástico acha-se em obras seculares; e o Copacabana — um dos melhores da cidade — é destruído por incêndio. Não fôsse a construção de pequenos teatros em Copacabana (e um em Madureira) e o público e a classe teatral ver-se-iam privados de local de diversão e local de trabalho. Fala-se, aliás, na inauguração de um novo teatrinho na zona sul, situado na Galeria Alaska, em Copacabana, onde Procópio deveria estrear. Mas, por outro lado, a Tijuca — bairro com imensas possibilidades — ainda está esperando que um capitalista esclarecido (ou vários) queira fazer uma inversão certa, construindo uma casa de espetáculos nessa populosa e próspera zona da cidade. Como palavra, resta-nos o consôlo da boa notícia de que já se iniciaram as obras de reconstrução do Teatro Copacabana, que terá todo o confôrto do anterior, acrescidos de vários melhoramentos para o palco, inclusive um sistema que o tornará à prova de fogo. Em outubro de 1954, "Os Artistas Unidos" já estarão de volta a Copacabana.

Teatro em Paris

● Setenta teatros em funcionamento na capital francesa, número que é de causar inveja. Duas peças de Jacques Deval, nome já conhecido do público brasileiro, estão em cartaz na nova temporada: «Demeure Chaste et Pure» e a já famosa comédia «Tovaritch», com a célebre Elvira Popesco e o antigo comediante do cinema, o ator Mischa Auer. ★ Mas, uma grande novidade é a estréia no teatro de Cécile Aubry na comédia «Ô, Mes Aieux», de Lacour, com Pierre Mardy e Paul Demange, êste no papel de um papagaio. ★ «Lorsque L'Enfant Parait . . .», de Roussin, continua com sua carreira vitoriosa, já no terceiro ano de representações consecutivas, com a conhecida atriz Gaby Morlay encabeçando o elenco. Esta peça de Roussin também foi grande êxito no Rio, sob o título «A Cegonha se Diverte», que «Os Artistas Unidos» apresentaram recentemente, em segunda montagem, no Teatro República, depois do sucesso alcançado no Teatro Copacabana.



A «pin-up» Cecile Aubry estreou no teatro!

MOVIMENTO



Laura Suarez, Francisco Dantas e Henriette Morienau. Belo Horizonte (em janeiro) e Salvador (em fevereiro) verão «Os Artistas Unidos».

★ De volta de Belo Horizonte, onde a peça «O Imperador Galante», de Magalhães Júnior registrou um expressivo êxito, a Companhia Dulcina-Odilon vai estrear no próximo dia 6 no Teatro Carlos Gomes para uma temporada de um mês, finda a qual rumará para Curitiba, onde inaugurará uma nova casa de espetáculos. De Curitiba, Dulcina seguirá para S. Paulo.

★ Carlos Brant, empresário de «Os Artistas Unidos», estêve na Bahia onde foi acertar pormenores da visita de sua companhia à terra do Sinhô do Bonfim. O elenco dirigido por Madame Morineau realizará espetáculos em Belo Horizonte, durante todo o mês de janeiro, estreando em Salvador no mês de fevereiro. Em março, a companhia ocupará o Teatro Carlos Gomes, promotendo grandes lançamentos. A peça de estréia será «Daqui não Saio», de Jean Valmy. Uma peça inédita de Alejandro Casona — «A Terceira Palavra» — também foi incluída no repertório de 1954. Aliás, Hélio Rodrigues, um dos diretores de «Os Artistas Unidos», nos disse que a companhia tem os direitos de representação de um grande sucesso parisiense: a comédia « L'Heure Éblouissante», de Bonacci. Notícia que damos em primeira mão.

★ Geysa Bôscoli volta a produzir de parceria com Luís Peixoto. Ambos assinam a nova revistinha de bôlso do Teatro Jardel, Copacabana, que vai estrear na próxima 5ª feira, dia 5 de novembro. Intitula-se o musical: «Botando Azeite é Melhor». Atrações: a sambista Déo Maia, o cômico Evilásio Marçal e a estréia do primeiro comediante da Companhia Espanhola de Espetáculos Musicais (Romeria) — o ator Paquito Cano. Uma cantora alemã, Marian B.rg, também estréia no conjunto.

★ É com pezar que registramos o malogro da temporada de Alda Garrido, em Lisboa. Sua peça de estréia — «Dona Xepa» — não resistiu cinco dias em cartaz — e foi substituída por «Se o Guilherme fôsse vivo», que também não fêz carreira. Nosso informante acrescentou que o prejuízo de Alda é grande, devendo retornar imediatamente ao Brasil, com viagem marcada para o dia 8 de novembro.

★ Dificuldades para a obtenção dos direitos autorais da peça «Escola dos Enganados», de Roussin, fizeram com que a nova companhia do Teatro de Bôlso, liderada por Maria Matos, Celme Silva e Narto Lanza, adiasse a sua estréia que se deu, afinal, na semana passada. No espetáculo, além da peça de Roussin, figuram um original de Checkov e outro de Machado de Assis.

Teatro na Broadway



Roland Culver e Anne Vernon em «A pequena cabana» (The Little Hut) — Roussin importado.

● O comêço do Outono (22 de setembro) marca, verdadeiramente, o início da grande estação teatral, quando tem lugar os grandes lançamentos em meio da expectativa do público, da crítica e dos produtores. O alto custo dos espetáculos não admite meio têrmo: ou as lotações se esgotam diàriamente ou a peça é retirada de cartaz incontinenti. Foi o que sucedeu com «On Earth as in Heaven», versão americana da famosa peça «Assim na Terra como no Céu», de Fritz Hochwalder que, traduzida para o francês por Jean Mercure, constituiu um grande êxito em Paris. A peça de Hochwalder já foi encenada na Alemanha, Suíça, Holanda, Finlândia, Noruega, Argentina e também em nosso país, pois o Teatro Brasileiro de Comédia recentemente montou-a em S. Paulo. Acontece que «Assim na Terra como no Céu» não é peça para grande público, em que pese a excelência de sua estrutura dramática. Por isso malogrou na Broadway, como sucedera em S. Paulo (apesar da alta categoria do espetáculo). Nos Estados Unidos, a peça teve o mesmo intérprete de Paris: Vitor Francen. Dennis King e Nils Asther (veterano ator do cinema, fazendo agora a sua estréia na Broadway) integravam o elenco, dirigido por Margareth Webster.

● Um novo autor estreou na Broadway, Robert Anderson, com a peça «Tea and Simpathy», que aborda o tema da falsa acusação de homosexualismo a um jovem escolar. A atriz Deborah Kerr é sua primeira figura e tanto diretor como cenógrafo são de primeira grandeza: Eliz Kazan e Jo Mielzner, respectivamente. A crítica novaiorquina elogiou a direção de Kazan. No elenco, também, o ator de cinema Leif Ericson, que se achava afastado da Broadway desde 1941.

● Um grande sucesso parisiense, «La Cuisine des Anges», de Albert Husson, converteu-se em outro grande êxito na Broadway, sob a tradução «Meus Três Anjos» (My Three Angels), com Walter Slezak no principal intérprete. A referida peça foi estreada em março em New York e ainda se mantém em cartaz, tendo sido o espetáculo dirigido por José Ferrer.



Vitor Francen. «Assim na Terra como no Céu» — sucesso em Paris, malôgro em New York.

● O conhecido compositor Richard Rodgers foi a Londres para assistir à estréia de seu famoso espetáculo musicado «The King and I», no Drury Lane Theater (estreou a 8 de outubro) em substituição a «South Pacific», que estêve em cartaz desde novembro de 1951 até o mês passado. O espetáculo é a teatralização do romance «Ana e o Rei do Sião», que Hollywood já filmou e tem sido um dos recordistas de bilheteria. A conhecida atriz inglêsa Valerie Robson protagoniza Ana.



STELLA BACICH, da Califórnia — Calça três quartos, em linho rosa. Blusa negra, com borlas bordadas em linha rosa. O motivo da blusa se repete no detalhe das calças.



ANDRE LEDOUX, Paris — Conjunto em lonita mescla e listrada: calças, blusão e gorrinho, combinando entre si, cinza e vermelho.

Férias nas montanhas

VOCÊ já deve estar pensando nas roupas esportivas que levará para as férias, em Caxambu, São Lourenço, Itatiaia ou Campos do Jordão. Para auxiliá-la na escolha, apresentamos hoje uma coleção de trajes bem interessantes e modernos, quase todos criados para o clima de montanha, que, mesmo no verão, pede roupas um pouco agazalhadas, principalmente ao cair da tarde. As calças três quartos, muito práticas, continuam em moda: muitas vêzes um recorte, um abotoado ou mesmo um bordado, enfeitam a barra, na altura do joelho ou um pouco abaixo dêste. As calças compridas êste ano são bastante mais justas, na bôca, com corte em funil. Usam-se, umas e outras, com blusas, blusões ou casaquinhos nos feitios os mais diversos, conforme se pode ver pelos modelos que escolhemos especialmente para as leitoras da **Revista da Semana.** - FLAMA.



LAST FASHION, de Milão — Calças três quartos, em tecido azul-claro. Blusão azul-marinho e côr-de-palha, bordado em palha branca, amarela e côr-de-laranja.



BEST & CO. — Conjunto muito original em tecido verde claro listrado de negro. Acompanha blusa negra, em malha de lã ou algodão.



ANDRE LADOUX, Paris — Conjunto muito elegante, em tecido de lã fina, quadriculado. Blusa com decote assimétrico, com enfeites em negro.

A origem do "Dia de Finados"

O Dia de Finados foi instituído pelo Abade Santo Odilo há quase mil anos atrás...

A «Visão de Santo Odilo» — quando lhe apareceram as almas do Purgatório em sofrimento — interpretada pelo pintor Umberto Romano.

HÁ muitos anos atrás, um teólogo católico escreveu que, se os mortos pudessem falar com os vivos, lhes diriam: «Pensai em nós e fazei bom uso do tempo que vos resta ainda de vida. Infinitamente preciosos são as horas e minutos que ainda possuis. Não os desperdiceis em ódios e temores. Aquêles a quem odiais em breve estarão mortos; tudo aquilo que temeis ter que sofrer, e a própria morte, chegarão como vossos melhores amigos. Por isso, amais e continuai amando, pois no amor está a vida eterna. Vivei vossa vida, enquanto o tempo ainda vos pertence, fortalecidos por nós todos, de quem guardais uma recordação amorosa...»

★

Numa fria tarde de outono, na célebre abadia de Cluny, na França, estava um dos abades, chamado Odilo, lendo as sagradas escrituras na quietude do santuário. Porém, sua mente não se concentrava em suas devoções. Seu espírito vagava, a pensar na espantosa miséria do mundo exterior, nos pobres e oprimidos.

A peste negra dizimará quase dois têrços da população da Europa, e as populações apavoradas acreditavam ter chegado o fim do mundo. Há poucos dias atrás, percorrendo os campos, Odilo encontrara o cadáver de dois meninos que tinham morrido de fome e tão compadecido ficou o monge ao vê-los que chorou.

Agora, com o coração entristecido, no silêncio do santuário, apareceu-lhe uma luz divina que, sùbitamente, iluminou tôda a igreja. Odilo levantou os olhos e contemplou uma visão das almas do Purgatório. Ficou tão impressionado com o sofrimento que demonstravam, pelo desejo de, enfim, chegarem ao céu, que jurou fazer tudo que pudesse para ajudá-las. Imediatamente ordenou aos monjes de Cluny que, no dia seguinte ao das festas de Todos os Santos, dedicassem suas orações às almas dos mortos que ainda não tinham alcançado a bemaventurança. Foi essa a primeira comemoração do Dia de Finados, como, desde então, passou a ser chamado o dois de novembro. O monje Odilo foi, depois, manonizado pela Igreja Católica.

As comemorações do Dia de Finados foi se estendendo gradualmente para além das fronteiras do mosteiro de Cluny, e, já no século XIII, eram universais, entre os cristãos. No entanto, a forma dessas comemorações varia um pouco de país para país, em alguns associando-se às lembranças dos antigos cultos pagãos ou regionais, em memória dos mortos.

Na maioria dos países caracteriza-se pela peregrinação aos cemitérios, colocando-se muitas flores nos túmulos dos parentes e amigos falecidos. Na Sardenha, porém, muitas famílias deixam, nesse dia, jarras com água na porta de casa, para que as almas que, como acreditam, voltam para visitar a terra, possam matar a sêde. Costuma-se preparar, também, um banquete, que se põe em frente à lareira, e acender velas em honra dos parentes falecidos.

Na Itália do Sul as famílias também preparam um banquete, porém de frutas do outono, em homenagem às almas errantes. Depois, vão para a igreja rezar por elas e, é mal sinal se na volta encontram a comida intacta. Em verdade, sabem todos que a mesma é consumida pelos mendigos da cidade.

Os aldeões e pescadores da Bretanha regam as louzas com leite e água benta, e, depois de rezar pelas almas, preparam um almôço sôbre o túmulo. Em muitos países da América do Sul, principalmente nas regiões rurais, persistem hábitos parecidos. No México há um curiosíssimo costume. Doceiros ambulantes vendem crâneos e caixões fúnebres, feitos de doces, que são comidos nas reuniões familiares junto aos túmulos.

Em muitas cidadezinhas do interior do Brasil, ainda hoje, o dia de finados é passado em devoção respeitosa. Não se houve música, não se ri alto, nem se contam anedotas. Nas reuniões, à noitinha, em volta da mesa, relatam-se histórias de fantasmas... dos sertões aos pampas, em tôrno às fogueiras, os mais valentes peões e «cabras» estremecem, ao ouvir contar episódios de «aparições», e no fim de cada história repetem em côro: «T'esconjuro»! — L.J.

★★★

Sugestão para o lar

EIS UMA idéia muito interessante para ornamentar seu banheiro: cortinas estampadas, colocadas de forma a ocultar a banheira e a formar uma "saia" que transforma a parte inferior da pia num espaço muito útil, que, com a colocação de prateleiras, servirá para se guardar sabão, escovas, e muitas outras coisas... A cortina grande, que fecha a banheira, foi feita em babados. Não, não é de matéria plástica o estampado, mas só a parte que fica do lado de dentro, para que não se molhe. O plástico é usado como "fôrro", apenas. Escolha um tecido resistente, o chintz, será ótimo, mas pode usar outra fazenda se preferir. Pregue as três fileiras de babados sôbre o plástico bem grosso. Na parte superior ponha um arremate plástico, com ilhoses, para os ganchos. A "saia" para a pia, foi realizada com o mesmo tecido, porém, aí não há necessidade do fôrro plástico. O franzido é prêso a uma armação de madeira que embute exatamente na parte inferior da pia. Pinte as prateleiras, que mandará fazer para baixo, com tinta esmalte, branca, ou, se preferir, numa côr que combine com a decoração do banheiro. A idéia é uma sugestão de Greef, muito econômica. - N i k e.



UM POUCO DE BELEZA

Conselhos...

★ *Para ter olhos bonitos e saudáveis é conveniente que os descanse de vez em quando, quando estiver lendo ou escrevendo. O melhor processo é levantar a cabeça do livro ou do trabalho, e fixar algum ponto distante.*

★ *Quando tomar banho de imersão, descanse perto de dez minutos dentro d'água, antes de começar a se ensaboar. É ótimo para repousar os músculos, e a água, enquanto você está quieta, se incumbe de remover grande parte da poeira e transpiração à flor da pele.*

★ *Com uma escôva de fibra muito macia você poderá fazer uma ótima massagem no seu rosto, estimulando a circulação do sangue. Passe a escôva, porém sempre de baixo para cima, durante uns cinco minutos.*

★ *Cuide das cutículas das unhas de seus pés. Não use, porém, alicate. Passe um removedor de cutícula e empurre-a com um espinho de laranjeira. Cortar a cutícula é perigoso.*

Quando estiver se queimando ao sol da praia, lembre-se que um amorenado bonito se obtém quando é espalhado por igual. Vire-se, pois, com freqüência, mesmo que ache confortável ficar de costas ou de bruços. (Mimie Van Doren - U.I.)

Cabelos belos e sadios

Os cabelos constituem a moldura do rosto, e, portanto, dêles dependerá em grande parte o brilho de seus olhos e a aparência suave de sua cutis. Por isso, os cuidados para com êles não devem ser desleixados, ao executar você o seu ritual diário de beleza. Cabelo brilhante é sinal de cabelo saudável — isso, conquanto seja um dito popular, é perfeitamente certo. Cabelos sem brilho são ressecados e enfraquecidos. Para se ter, porém, uma cabeleira bonita, é necessário que saudável seja também o couro cabeludo. E, isso, dependerá muito de seu estado geral de saude: boa alimentação, repouso, exercícios. Se notar, por exemplo, que uma substância sêca e esbranquiçada cibre-lhe o couro cabeludo é sinal de que sofre de alguma deficiência orgânica, provàvelmente, ocasionada pela má alimentação. Quanto ao tratamento dos cabelos, o que de melhor se conhece para estimulálos é o uso freqüente da escova: da brilho,ativa a circulação, limpa-os, areja-os. Conforme a espécie de cabelos que você tem, poderá, além de escová-los, ter os seguintes cuidados ★ Se forem secos, faça uma massagem com óleo quente, na véspera de lavá-los, ou se não fôr possível, umas 2 ou 3 horas antes. ★ Se forem, ao contrário, oleosos, use uma loção adstringente no intervalo das lavagens com xampus. ★ Se estiverem ressecados apenas nas pontas, use um pouquinho de brilhantina. Há ainda, o problema dos **cabelos brancos.** As vêzes os cabelos embranquecem muito cedo, em pessoas bem moças. Se você está nesse caso, e não gosta de uma cabeça grisalha, tinja seus cabelos. Procure, porém, para fazê-lo, um bom cabelereiro. E' muito difícil conseguir-se uma tintura uniforme, quando feita em casa... e, uma cabeça manchada é horrível. Se deseja conservar seus cabelos muito alvos, enxague-os, sempre que lavá-los, com água de anil — perderão o tom amarelado, comum nos cabelos brancos. **Julia de Milo.**



Week-end na cozinha

LEGUMES e vegetais podem ser preparados de mil maneiras, algumas de forma que talvez você nunca tenha ouvido falar! Pepinos, por exemplo, não são comidos sòmente em saladas, e com abóboras se fazem pãesinhos muito saborosos!

TIA DULCE

PÃESINHOS DE ABÓBORA

● **INGREDIENTES**

½ xícara de abóbora, cozida e amassada
¼ de xícara de açúcar mascavo
½ xícara dágua quente
1 pitada de sal
1 pacotinho de fermento de cerveja
½ xícara de leite morno
¼ de xícara de óleo
1 xícara de farinha de centeio
3 xícaras de farinha de trigo

● MANEIRA DE FAZER

1. Dissolva o fermento na água quente, junte o açúcar, o sal, a abóbora, o óleo, o leite e o centeio.

2. Aos poucos, gradativamente, junte a farinha de trigo (deixando reservada meia xícara para polvilhar a tábua). Misture tudo com a mão, amassando. Bata, na tábua, cêrca de 15 minutos, e, depois, deixe descansar, numa tijela untada, até dobrar de tamanho.

3. Quando isso se der, abra a massa sôbre uma tábua polvilhada com a farinha. A massa deve ficar com a espessura de 2 cm. mais ou menos. Corte com o cortador de biscoitos ou com a bôca de um cálice. Arrume num taboleiro untado, deixando bastante espaço entre cada pãosinho.

4. Pincele com manteiga derretida, cubra e deixe descansando, até dobrarem de tamanho. Asse em forno moderado, cêrca de 40 minutos.

PEPINO DE FORNO

● **INGREDIENTES**

3 pepinos de tamanho médio
½ pimentão verde, picado
½ xícara de aipo picado
1 cebola picada
1 xícara de queijo de Minas, ralado
5 biscoitos de sal, moídos
2 colheres das de sopa, de manteiga
2 ovos, ligeiramente batidos
1½ xícara de leite
½ colher, das de chá, de sal
1 pitadinha de pimenta

● MANEIRA DE FAZER

1. Descasque os pepinos e corte-os em quatro pedaços, no sentido do comprimento. Tire as sementes e pique tudo, bem miúdo.

2. Cozinhe os pepinos e o pimentão numa panela, com 2 dedos de água salgada, durante 10 minutos, ou até ficarem macios. Escorra a água, e adicione, depois, os outros ingredientes, misturando tudo.

3. Ponha numa fôrma untada, e asse em forno moderado, cêrca de 35 minutos. Pode enfeitar com anéis de pimentão, como na fotografia.

CONSELHOS ÚTEIS

★ Um bom sistema para guardar as facas de cozinha é espetá-las numa lata cheia de areia. A areia deve ser bem lavada, de forma a não conter sal do mar. A areia afia as facas, tôdas as vêzes que elas forem enfiadas ou retiradas. ★ Não jogue fora as folhas de aipo. Ponha-as para secar ao sol ou no forno quente. Guarde-as num vidro fechado. Constituem um excelente tempêro para sopas, guisados ou peixes, substituindo a salsa. ★ Os ovos estão caros... Faça, pois, render muito mais as omeletes, incluindo na sua preparação um pedaço de miolo de pão, umidecido no leite. As omeletes com cebolas ficam especialmente deliciosas assim preparadas. ★ Corte salsichas em rodelas bem finas. Frite-as em gordura ou manteiga quente. Misture com môlho branco com queijo. Espalhe sôbre torradas. Terá um prato diferente e saborosíssimo! ★ Para que a pia da cozinha não entupa nem fique com mau cheiro, jogue, duas vêzes por semana, uma chaleira de água quente com sal, no ralo. Evitará ter que estar chamando sempre o bombeiro para desentupi-la.

A distinção no perfume



Promesa







MYRURGIA

EXTRATO • LOÇÃO • PÓ DE ARROZ



Túlio Berti quando está sem idéias pede que um bonito «brotinho» lhe suba aos ombros, ponha as mãos à sua cabeça. É é batata.

Excentricidades a granel



Os dois sonhavam com uma vida de aventuras; mas não notaram, que por trás do «traidor» estava alguém pronta a meter sua colher na cabeça dêle.

VOLTINHA, MARCHA À RÉ, CACOETES ★ TÚLIO BERTI E ROSITA ROCHA FAZEM DAS SUAS DENTRO E FORA DO PALCO ★ PERDIDO NO MEIO DE OITO BROTINHOS ★ UMA ESTRÉIA DESASTRADA.

Reportagem de SAMUEL AVERBACH ★ **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

QUEM o vê atuar, diz logo:

— Êste é um cômico diferente.

Sim, porque Túlio Berti pode ser considerado um artista completo: canta, dança, sapateia, diz piadas e, tudo isto, em diversos idiomas, chegando mesmo a traduzir para o português as brincadeiras que diz, satisfazendo assim a gregos e troianos.

Decididos a saber algo da sua vida, aparecemos de surprêsa na «boite» em que trabalha, chegando a tempo de apreciar uma seção de cacoetes e de passinhos desencontrados que êle executa, enquanto brincava com as pessoas que ali se encontravam.

Ofegante mas sorridente, o paulista de 43 anos chamou D. Rosita, sua espôsa, a fim de auxiliá-lo naquele trabalho de memória.

Túlio Berti é filho de italianos e, possuindo boa voz, ingressou na companhia de operetas de Clara Waiss, em São Paulo. Sua estréia, porém, só se deu em Pôrto Alegre e podemos taxá-la de desastrosa, pois o elegante rapaz, que era também dançarino, desmaiou em pleno palco, dançando a valsa da «Princesa das Czardas». Apesar disso, êle não perdeu o ardor, tornando ao palco na noite seguinte e prosseguindo em sua carreira, integrando várias outras companhias de operetas. Depois de excursionar pela América do Sul, resolveu aderir ao gênero revista, trabalhando no Teatro Recreio. Nessa época, conheceu Rosita Rocha, resolvendo formar uma dupla com ela, no palco e na vida real. Depois de consorciados, foram atuar nos principais cassinos do país, trabalhando ao lado de Libertad Lamarque, Jean Sablon, Hugo del Carril e outros grandes nomes da época. Tentados pela comédia, Túlio e Rosita entraram para a companhia de Raul Roulien e assim continuaram, variando de atividades, ora no teatro, ora no rádio, ora na televisão.

Sua primeira apresentação no rádio teve lugar na Tupi, de São Paulo, onde atuaram durante algum tempo, passando depois para outras emissoras. Atendendo à solicitação de Gilberto Martins, vieram para a Tupi do Rio, onde fundaram o programa Rádio Seqüência G-3, ocasião em que ganharam os apelidos pelos



Isto aqui podia inspirar uma outra Ordem da Jarreteira: «Honni Soit Qui Mal Y Pense». Mas acontece que estamos na era republicana.

CORREIO DA REVISTA

★ Sr. Diretor da «Revista da Semana».

Ontem pela manhã recebi um dos maiores choques de minha vida, ao manosear uma revista que estava na mezinha de Salão do meu barbeiro. Era ela a «Revista da Semana» de 14 de fevereiro de 1953. Nº 7 — ao deparar com a ilustração «A aviação do Futuro» — e com a descrição com o título de «Nem mortos nem feridos!"

A princípio surprêso e mil e uma idéias malevolas surgiu-me ao cérebro, por ser êste assunto que diz respeito de um meu invento, iniciado a princípio de 1951 e ultimado em 21 de novembro de 1951.

Mas, analisando-o com a calma costumeira, verifiquei pela ilustração, quer pela descrição, que não se trata do meu aparelho de «Lança-pára-quedas», quer pela colocação, quer pela transformação total que deveria passar os aviões de passageiros, e os de carga.

O meu aparelho não carece de tão grande modificação, e adaptável a qualquer avião descrito, não é dispendioso, e de fácil manêjo, está sendo estudado pelo Departamento de Material de Pesquisas do Ministério da Aeronáutica, embora êsse departamento não possua ainda os desenhos técnicos, já solicitados, e as peças que constituem o «segrêdo» também não foram enviadas, por motivos de não estar ainda registrado no Departamento Nac. de Propriedade Industrial.

Porém, foram encaminhados esboços teóricos, da fácil compreenção, à Secretaria da Presidência da República, e ao Ministério da Aeronáutica juntamente com o requerimento em 9 de dezembro de 1952.

Portanto, vai fazer quase um ano, e ainda não obtive despacho. O que me refiro, embora exista uma grande diferença entre ao que foi ilustrado, e o meu, com larga distância de vantagem sôbre êsse, seja êle Americano ou Inglês, quero frizar-lhe que êsse invento é genuinamente **«brasileiro»**, com a diferença que os outros países põe em prática tôda e qualquer idéia, mesmo sendo absurda, e em nosso país, os requerimentos dessas naturezas embora entram pelos olhos a dentro, ficam anos, engavetados, dando aso para outros atravessarem na frente.

Não pensa que escrevi essa poucas linhas para cartaz, pelo contrário nem quero que meu nome seja mencionado, escrevo-lhe porque os feitos nacionais são sempre despresados, êste é um dos exemplos. Diga ao seu jornal ou Revista, para o público em geral, apenas de que é invento «brasileiro», e podemos fazer o confronto eu lhe forneceri o croqui teórico, e verificaremos qual o melhor, que o público se pronuncie.

Queira receber dêste seu servo, a mais alta estima e aprêço, penhoradamente me subscrevo, muito atenciosamente. **José Helio Brassi** — Carteira de Identidade R.G. 316.308 — São Paulo. — 19 de outubro de 1953.

★ ELIZABETH — não foi possível aproveitar seu conto. O tema é muito batido. Para que pudesse ser publicado, seria necessário que a senhora lhe houvesse dado forma um tanto mais original, numa linguagem fluente, português escorreito. Mas, infelizmente, nada disso se encontra em sua composição literária. Não desanime, porém. Continue a escrever, a tentar assuntos.

★ I.G.P. — S. Paulo — A opinião daquele seu amigo não pode prevalecer. Todos nós temos obrigação de escrever segundo o que decretou o Govêrno Federal em 1943. Não há nenhuma dúvida quanto ao verdadeiro modo de grafarmos as palavras em nossa língua. O que há, e seu amigo não quis, ou não soube explicar, é a duplicidade gráfica ou prosódica de algumas palavras, que, tanto no Brasil como em Portugal, são escritas e pronunciadas com diferenciações. Exemplos: acróbata e acrobata; seção e secção; intelectual e inteletual; tetó e tecto, etc. Mas isso entrou na órbita das grafias concorrentes. Ambas estão certas, tanto na prosódia, como na grafia.

★ SENADOR EZEQUIAS DA ROCHA — Rio — Agradecemos. Se a matéria fôsse inédita seria publicada.

★ CIRANO — S. Paulo — Vamos examinar os dois contos literários e, em seguida, daremos opinião sôbre o mesmo. Mas não será antes de três semanas, em face do acúmulo de correspondência a ler e julgar.

★ MARIA ALICE — Salvador — Pode mandar. Esta Revista muito se interessa pelos que começam a surgir nas letras. Não fazemos julgamentos deprimentes. Todo aquêle que tem um ideal merece nossa simpatia. Quem sabe se a senhorita, apesar de tão jovem não virá a ser uma de nossas mais eficientes colaboradoras?

★ SÉRGIO MONTEIRO — Mande, sem o menor susto. Se merecer, sairá.

★ Parabéns reportagem Guiana Castilhos Cabral Armando Viveiros Escrivão do Sexto Ofício.

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — **Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.**

EXCENTRICIDADES A GRANEL

quais até hoje são conhecidos: «o homem da voltinha e da marcha à ré»» e «a meio-quilo».

Várias frases humorísticas de caráter popular são devidas a êsse casal de artistas; as mais recentes e mais lembradas, são:

«Que que há com teu peru?» e «Confusão no reboque».

Afora o rádio e o teatro, Túlio e Rosita atuaram durante algum tempo na televisão, no Rio e em São Paulo, além de tomarem parte em alguns filmes nacionais, como: «Aves Sem Ninho», «O Malandro e a Grã-fina», «Vinte e Quatro Horas de Sonho», etc.

Assim enfronhados nos fatos de sua vida artística, resolvemos efetuar algumas perguntas curiosas:

— Qual o fato que o deixou mais impressionado, em seu contato com o público?

— A minha estréia desastrada, naturalmente. Pena que eu mesmo não tenha podido assistir à cena extra do desmaio.

— Quem foi o seu professor no teatro e na opereta?

— Aprendi boa parte do que sei com César Fronzi, o grande diretor de operetas. No teatro, como não podia deixar de ser, aprendi aos pouquinhos, durante as próprias representações.

— Está satisfeito por haver formado dupla com sua espôsa ou acha que poderia obter sucesso trabalhando sòzinho?

— Bem, esta pergunta é um tanto forte. Devo dizer que tenho sangue de artista e, como dançarino e cantor, poderia ir muito longe. Mas, confesso: com Rosita sinto-me bem mais à vontade, pois chegamos a improvisar brincadeiras, em certos momentos de inspiração. Além disso, cada um de nós contribui com 50% de comicidade para os atos que apresentamos.

— Por que então está trabalhando sòzinho nesse «show» «Coquetel Proibido»?

— Sòzinho não, queira desculpar. Então os oito «brotinhos» não valem nada? Que-me diz, por exemplo, da Maria Vitória ou da Maria Toledo?

— Quem está fazendo as perguntas sou eu...

— Bem, nesse caso, dir-lhe-ei porque Rosita não trabalha ao meu lado: ela estêve acamada e o médico recomendou-lhe respouso absoluto. Portanto, ainda permanecerá inativa por mais algum tempo. Isto não impede porém que ela vá me vigiar tôdas as noites, munida de uma colher de pau. Está vendo êste galo na cabeça? Apalpe, não tenha receio. Pois é. Interprete como quiser...

A esta altura, sentimo-nos um tanto sem jeito. Rosita nos lança um olhar cândido e não podemos imaginá-la capaz de desferir tamanha colherada. Logo aventamos a idéia de um acidente.

— O senhor toma qualquer coisa?

— Não, obrigado. Embora não pareça, estou trabalhando.

— Mas nem uma atitude?

— Ora, ora. Muito boa essa. Uma última pergunta: Quais as suas últimas excentricidades?

— Não sou excêntrico, apesar do que dizem por aí. Gosto apenas de brincar e fazer o público rir. Excentricidade, «no duro», foi a que fiz recentemente: decidi tocar alguns discos que haviam sido gravados durante meus programas humorísticos. Quer saber de uma coisa, em particular? **Não achei a mínima graça!**



Túlio Berti e Rosita Rocha são duas criaturas que se viram, se compreenderam e foram trabalhar juntos, e sempre com muito sucesso

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS



Um instantâneo do já conhecido salão de literatura e arte da sra. Carmen Dolores Barbosa (em São Paulo). Da esquerda para a direita: escritor Sérgio Milliet, poeta José Tavares de Miranda, romancista José Geraldo Vieira, dr. Durval Marcondes, sra. Isolina Portugal e editor e bibliófilo Hernani Seabra.

CENTENÁRIO DE PATROCÍNIO

Por iniciativa oficial, está sendo comemorado em todo o país o primeiro centenário do nascimento de José do Patrocínio, jornalista eminente, notável paladino do abolicionismo. Nesse sentido, foi determinada a edição de suas obras completas, por muito tempo relegadas ao esquecimento, embora muito tenha deixado de real importância.

EMBAIXADOR OLEGÁRIO MARIANO

Partiu para Portugal o novo embaixador do Brasil naquele país, o poeta Olegário Mariano cujo embarque levou ao cais grande número de seus incontáveis amigos e admiradores, certos de que o novo representante do Brasil em Lisboa muito fará pelo melhor entendimento entre portuguêses e brasileiros, principalmente no âmbito das relações culturais.

FORA DO PRELO

● PSICOLOGIA DO TRABALHO INDUSTRIAL — Não são comuns as obras de psicologia aplicadas ao trabalho. O assunto exige uma soma de qualidades extraordinárias, ademais duma independência total de quem se dedica à tarefa. O nome de Léon Walther figura entre os raros mestres dessa especialidade. Quando surgiu a primeira edição do presente livro, as discussões assumiram caráter de interêsse geral. Agora, ampliada, traduzida pelo prof. Lourenço Filho, que lhe apôs pequeno prefácio, «Psicologia do Trabalho Industrial», de Léon Walther, aparece em excelente volume das Edições Melhoramentos. Desnecessário lembrar que é compêndio da mais viva atualidade.

● MODELOS PARA BORDADOS — Estão em moda os trabalhos em vagonite, notadamente aquêles que seguem belos modelos e delicados padrões. Em sua série de Modelos para Bordados, as Edições Melhoramentos, que já haviam apresentado o 1º álbum, em vagonite, agora estampam o segundo, também em vagonite. Anuncia-se o terceiro, em cânhamo.

● CONJUGAÇÃO DE VERBOS LATINOS — Assinado pelo prof. Maximiano Augusto Gonçalves, é útil caderno, já em 5ª edição, com noções de estrutura dos verbos latinos, conjugações, formação dos tempos, com modelos das quatro conjugações regulares, etc. Editado pela Livraria H. Antunes, é do máximo interêsse dos estudantes.

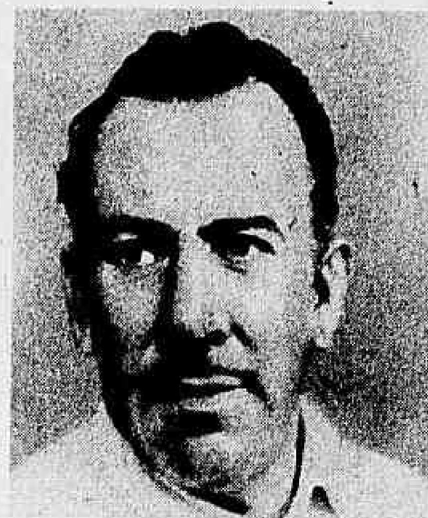
● ALMA E CORPO DA BAHIA — Numa edição monumental (Pongetti), com ilustrações de Mário de Murtas, aparece uma nova tiragem de «Alma e Corpo da Bahia», de Eduardo Tourinho, edição que de muito se esperava, tanta importância tem o livro do ilustre escritor baiano. Voltaremos a comentar o livro, pròximamente, valendo esta nota apenas como advertência aos leitores.

● A HERANÇA — Um dos livros de poesia de maior interêsse aparecidos no ano passado, êste, de Marcos Konder Reis, «A Herança» (Pongetti). Estimando em Marcos Konder Reis um dos mais altos poetas atuais do Brasil, até hoje não nos foi possível o vagar necessário para falar mais extensamente a respeito dêstes grandes poemas, o que prometemos para próximo.

● ULISSES — Em edição do Caderno de Letras «Meridiano», de Teresina, aparece êste «Ulisses», de O. G. Rêgo de Carvalho, coleção de novelas de caráter autobiográfico.

UM AUTOR

JOHN STEIMBECK



APRESENTANDO certa vez um romance de Steinbeck, a revista «Coronet», de Chicago, conta que, em abril de 1939, mandara um repórter entrevistar um jovem e obscuro escritor, residente em Monterey, na Califórnia. O nome dêsse estreante das letras era John Steinbeck, até então mal conhecido dos leitores americanos:

— Nada possuímos, eu e minha mulher — contou o entrevistado. Vivemos nesta casa com trinta dólares por mês. Mas, isto não tem importância. Sei que estou escrevendo o que devo escrever.

Então, Steinbeck trabalhava num livro cujo cenário era a própria ensolarada paisagem de Monterey: «Tortilla Flat», obra depois filmada e traduzida entre nós, com o título de «Boêmios Errantes». Foi êsse livro que lhe granjeou a fama inicial. Depois, vieram os outros: «Ratos e Homens», «Vinhas da Ira» e Steinbeck, sem ter pensado nisso, ficou sendo um dos grandes nomes do mundo literário atual. Passaram-se poucos anos desde então, menos de três lustros. Ao publicar-se «Canary Row», cujo ambiente é ainda o colorido Monterey, com os seus boêmios e os seus enlatadores de sardinhas, seus quadros agrestes e duros, cheios de poesia e de sonho, John Steinbeck é um nome glorioso, universalmente conhecido e estimado, com um prestígio sólido, autor de livros significativos e não de «best-sellers» de ocasião. Livros que ficarão como impressos documentos de nosso tempo.

UM LIVRO:

"Poemas de Rainer Maria Rilke"

ACABA de aparecer, na seleção coleção Rubaiyat, da Livraria José Olympio, esta coletânea de poemas de Rainer Maria Rilke, em excelente tradução do poeta Geir Campos. Naturalmente não precisamos falar aqui nos poemas de Rilke, tão vulgarizados, por último, entre nós, em traduções, como no original. O que nos interessa no registro do aparecimento dêste volume é a contribuição de Geir Campos, para o melhor entendimento da poesia e mais detido conhecimento do grande poeta.

De fato, o livro se enriquece com uma introdução sôbre Rilke em que não sabemos que mais admirar, se a clareza, se o afeto ali postos pelo tradutor brasileiro, um dos jovens poetas mais dotados de sua geração. Em seguida, ficamos devendo a Geir Campos as «Notas sôbre os poemas», os que êle traduziu e enfeixou neste volume. Essas notas vão facilitar ao leitor a compreensão dos poemas, pois os situa, tanto na obra de Rilke, como na realidade, mostrando-lhes as fontes — o que põe em realce o extraordinário fenômeno poético rilkeano.

A seleção dos poemas aqui traduzidos mostra tanto a estima que Geir Campos tem pelo poeta alemão, como a sua sensibilidade, o seu gôsto. Além disso, representa como que uma síntese propositada da obra de Rilke. Melhor, é um roteiro no mundo do poeta, apresentando todos os ângulos de sua personalidade e de sua obra. Estamos em que ninguém poderia construir melhor esta miniatura rilkeana, tão esclarecedora e tão feliz, que nos dá uma visão de conjunto do poeta, embora suas limitadas proporções. Geir Campos talvez não tenha tido êsse propósito crítico, deixando-se levar pelo instinto poético — sempre o melhor guia, num caso assim. Na realidade, porém, êsse detalhe não escapará a quem quer que, depois de conhecer Rilke, encontre esta pequena seleção tão expressiva de sua obra, tanto nas suas linhas mestras, como nas minúcias do seu gênio, ao mesmo tempo tão particular e tocante.



Esperemos que Geir Campos nos dê, agora, uma tradução dos «Cadernos de Malte». Os leitores brasileiros precisam conhecer, ao lado da obra poética de Rilke, êsse livro de tão alta importância na literatura contemporânea. E ninguém melhor do que Geir Campos nos poderá dar, por aqui, uma tradução dêsse livro, tradução feita com a lição do próprio Rilke, nesses mesmos «Cadernos», tão bem lembrada no limiar dêstes «Poemas»: «Traduzir não é cingir-se à pura troca de palavras; é necessário manter o movimento interior, o ritmo e a música do original, sem o quê seria substituir um corpo vivo por uma imagem de cêra, um frio cadáver».

No clichê, um retrato de Rilke em sua juventude.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 79

A	Presto atenção	1	43	12	102	133	63	■	■
B	Partia em diversas porções	11	4	38	159	139	59	101	■
C	Invente; engenhe	26	115	7	95	130	15	153	103
D	Em que há perigo	45	18	6	147	82	61	158	110
E	Ligado; tolhido	123	107	162	19	53	■	■	■
F	São de utilidade	75	100	30	56	87	■	■	■
G	Laje de sepultura	58	108	90	140	131	32	■	■
H	Precede; vem antes	114	161	85	35	21	112	124	142
I	Causam opressão	134	67	8	51	2	116	40	■
J	Pequeno chicote	25	41	55	118	99	74	65	129
K	Qualidade do que é altivo	148	91	128	156	52	68	13	■
L	Não resistem	149	54	62	94	36	■	■	■
M	Vivem em terra e nágua	150	42	141	20	57	121	160	84
N	Vivem na ociosidade	44	60	132	104	157	86	120	■
O	Consagre; tribute; ofereça	122	92	105	49	64	80	136	■
P	Pronome pessoal feminino pl.	66	113	127	34	■	■	■	■
Q	Pancada com a ponta do pé	97	154	145	50	138	111	79	■
R	Assim seja	24	48	144	81	■	■	■	■
S	Impelirá com o remo	46	125	89	16	143	78	■	■
T	Alcunha; cognome	14	152	70	137	47	109	37	■
U	Luzidios; de pele lustrosa	31	126	77	28	98	119	■	■
V	Impossibilitado; interrompido	39	17	135	76	29	106	69	5
W	Ignorantes ineptos	10	71	33	117	22	151	93	■
X	Frinchas; rachas	155	83	23	72	9	96	■	■
Y	Balança; vacila	73	27	146	88	163	3	■	■

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	■	I 2	Y 3	B 4	V 5	D 6	■	C 7	I 8	X 9	W 10	B 11	A 12
K 13	T 14	■	C 15	S 16	■	V 17	D 18	E 19	M 20	H 21	W 22	X 23	R 24
■	J 25	C 26	Y 27	U 28	V 29	F 30	■	U 31	G 32	W 33	P 34	H 35	■
L 36	T 37	B 38	V 39	I 40	J 41	M 42	A 43	N 44	■	D 45	S 46	T 47	R 48
O 49	O 50	I 51	K 52	E 53	■	L 54	■	J 55	F 56	M 57	G 58	B 59	N 60
D 61	■	L 62	A 63	■	O 64	J 65	P 66	■	I 67	K 68	V 69	T 70	■
W 71	■	X 72	Y 73	■	J 74	F 75	V 76	■	U 77	S 78	■	Q 79	■
O 80	R 81	■	D 82	X 83	M 84	H 85	N 86	■	F 87	Y 88	S 89	G 90	K 91
O 92	W 93	Mu	L 94	■	C 95	X 96	Q 97	U 98	J 99	F 100	B 101	A 102	C 103
N 104	■	O 105	V 106	E 107	G 108	T 109	D 110	■	Q 111	H 112	P 113	H 114	■
C 115	I 116	W 117	J 118	U 119	N 120	M 121	O 122	E 123	H 124	S 125	■	U 126	■
P 127	K 128	J 129	C 130	G 131	N 132	A 133	I 134	■	V 135	O 136	T 137	Q 138	■
B 139	G 140	M 141	H 142	S 143	R 144	Q 145	Y 146	D 147	K 148	L 149	M 150	W 151	■
T 152	C 153	Q 154	X 155	K 156	N 157	D 158	B 159	M 160	H 161	E 162	Y 163	Cataner	

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 78 — HENRIQUE COELHO NETO. SERTÃO. "Nos altos ramos, araçaris chacarreiros trabalhavam, e de quando em quando, num vôo pesado, uma arara atravessava o labirinto da folhagem com um grito agudo que repercutia."

O SEGRÊDO DE CLARK GABLE

(Cont. da pág. 33)

Ficou estacionado em Polebrook, próximo a Peterborough, condado de Northampton e foi designado para comandar um pequeno grupo de câmaras que iriam filmar os bombardeios do Oitavo Grupo Aéreo.

A êsse tempo, seu bigode já estava novamente de volta, em luxuriante plenitude, e êle era instantâneamente reconhecido, onde quer que fôsse. Gable compreendeu que os homens de seu esquadrão olhavam-no, a princípio, com profunda suspeita. Êles esperavam que o "manda-chuva do cinema" fôsse tratado com imensa cortesia, tivesse um quarto melhor e fôsse designado para uma função simples, longe dos perigos comuns que todos enfrentavam.

Mas estavam enganados. Como os demais oficiais da unidade do Coronel William S. Hatcher, Gable ocupava um quarto simples, mobilado com uma cama e uma estufa.

ÊLE QUERIA LUTAR

E mais ainda, tornou-se evidente, para os demais soldados, que o ator atravessara o Atlântico com o intuito de lutar. Sua primeira missão de combate teve lugar sôbre Antuérpia. Êle era um artilheiro-fotógrafo e se mantinha no lugar mais perigoso do avião — a tôrre superior. Durante êsse raide, uma bala de vinte milímetros atingiu a tôrre, deixando de perfurar a cabeça de Gable por apenas alguns centímetros. O avião retornou bastante avariado.

Em sua segunda missão, bem no âmago do Ruhr germânico, Clark Gable permaneceu encolhido na sua tôrre durante sete horas, a 30.000 pés de altitude. Mais uma vez, o avião foi atingido por vários projéteis anti-aéreos.

Os homens do seu grupo começaram a notar que êle era um "sujeito às direitas". Chamavam-no de "Pappy" (o mesmo apelido que Carole Lombard lhe dera) e viviam em seu quarto, a fim de conhecerem fatos e curiosidades a respeito da capital do cinema.

Por ser bastante isolada a localidade de Peterborough e também por serem muito incertos os meios de transportes durante a guerra, Clark não ia a Londres com frequência. Êle não se sentia atraído por passeios, pois havia sempre o perigo de ser reconhecido e importunado pelos fãs.

Durante uma visita que fêz a Londres foi reconhecido em Piccadilly Circus por uma horda de americanos, inglêses, poloneses e outros aliados uniformizados. Obrigado a recuar até uma parede, êle se viu na contingência de assinar autógrafos durante uma hora.

ATÉ MESMO EM PETERBOROUGH

Após o incidente de Piccadily, Gable não se aventurou em ir a Londres por muitas vêzes, preferindo passar a maior parte do tempo livre, por ali mesmo. Mas até mesmo em Peterborough, êle foi reconhecido na rua principal em certo dia, e a sua presença reuniu tão grande número de pessoas, que elementos da Policia Militar que passavam por ali, julgando tratar-se de um movimento anti-americano, solicitaram a presença do esquadrão de choque. Quando conseguiram perfurar a multidão, chegando ao ponto em que se concentravam tôdas as atenções, encontraram o infeliz Capitão Gable assinando autógrafos.

Outra ocasião, Gable foi a Liverpool para tirar algumas fotografias de uma cantina para aviadores, próxima ao Mar Irlandês. Mal teve tempo de assestar sua câmara, quando uma pequena multidão o assaltou. Uma mulher chegou mesmo a correr para êle, gritando:

— Beije-me! Dê-me pelo menos um beijo!

Após serenarem os ânimos, os oficiais convenceram a mulher a não repetir tal solicitação, levando-a para longe dali. E, quando Gable retornou a Peterborough, os homens de sua unidade o recebiam com os lábios enrugados, gritando de modo unissono:

— Dê-me pelo menos um beijo!

A partir de então, êle resolveu passar a maior parte do seu tempo livre na própria base. Tornou-se assim uma figura familiar, sempre rodando pelo campo numa bicicleta.

E, por ser tão popular entre os homens do seu grupo aéreo, êles tornaram-no o motivo de várias anedotas que diàriamente inventavam.

Mas alguns dos soldados de sua unidade afirmam que êle também efetuou algumas brincadeiras à custa dos companheiros de lutas. Uma dessas brincadeiras foi a seguinte:

Vendo aproximar-se da base um dos mais novos elementos do grupo, Clark fê-lo parar, gritando a ordem de "sentido!"

— Agora, levante vôo. — ordenou acremente ao calouro.

A vítima do trote deu um salto imitando uma ave a pairar em pleno ar. Tão logo tocou novamente o chão, Gable interpelou-o de modo rude:

— Quem lhe deu ordens para aterrissar?

DISTINGUIDO COM A MEDALHA DO AR

Seja ou não verdade o que se cont[...] a seu respeito, o fato é que seus com[...]panheiros de unidade nutriam bas[...]tante amizade por êle, e "Pappy" Ga[...]ble fêz por merecer tal, êle que, des[...]de o início, quis ser um simples sol[...]dado e lutar lado a lado com os mai[...] humildes dos seus compatriotas.

Durante o tempo em que perman[...]ceu em serviço, Clark Gable rodo[...] 50.000 pés de filmes de guerra, qu[...] êle simplificou e transformou num[...] película de treinamento denominad[...] "Combat America". Ao término d[...] seu estágio, foi agraciado com a M[...]dalha do Ar, promovido ao pôsto [...] major e transferido para as fôrças [...] reserva, no ano de 1944.

Nos dias de hoje, Clark Gable [...] conta com muitos fios de cabelos gr[...]salhos. Seu rosto está marcado por [...]nhas de profunda experiência hum[...]na, a experiência que fê-lo amadur[...]cer e que enriqueceu sua vida — e[...] certos aspectos, num alcance be[...] maior do que o logrado por algu[...] dos seus contemporâneos de Holl[...]wood.

Mas essa mesma maturidade, es[...] maior integração à vida real, deve[...] ser provàvelmente acrescida à fama [...] à glória que o cercam, tornando-o u[...] objeto de tanta devoção por pa[...] dos fãs de todo o mundo.

E por que mereceu êle tantas ate[...]ções? Porque é um homem que cr[...]ceu junto com a América, no mes[...] ritmo de celeridade. As experiênci[...] que assaltaram a vida nacional [...] seu país nos dez últimos anos, t[...]nando os seus habitantes cônscios [...] suas responsabilidades, são as m[...]mas que se depararam a Clark [...]ble e, assim, êle também lucrou, [...] luta que teve de desenvolver para [...]der prosseguir no ritmo de contin[...] progresso.

Assim, o segrêdo do sucesso alc[...]çado por Gable não reside ape[...] na sua habilidade de ator ou, mes[...] em sua afável e honesta personali[...] de na tela. Tal segrêdo pode ser ex[...]cado apenas pelo fato de que, p[...] milhões de americanos, Clark con[...]tui um símbolo: para os homens, [...] símbolo do que gostariam de se[...] do tipo nacional que lhes agrada; [...]ra as mulheres, êle possui o que [...] mais desejam num homem — c[...] amante e como marido.

Se congracar êsses ideais signi[...] ser "sortudo", como o próprio G[...] declara, então êle estará certo em [...]dir, como o fêz certa feita, que [...] sua tumba seja colocado o segu[...] epitáfio:

"Êle tinha sorte — e sabia dis[...]

— F I M —

A MARECHALA JUNOT

(Cont. da pág.

— Não vos sentis bem, Duquesa? Estais pavorosamente pálida!

Laura, recuperando a argúcia sutil da «petite peste» que tanto divertia Napol[...] sorriu ao galante oficial, exclamando com doçura.

— Pálida? Naturalmente. Não sou soldado, e não posso, portanto, ter a [...] de rever um campo de batalha sem empalidecer!

O galante capitão dos hussaros passou parte daquela noite preocupado, per[...]tando-se que campo de batalha podia lembrar a duquesa de Abrantes n[...] festa no palácio Marmont.

A SEGUIR: IMPÉRIA

Cortesã famosa... foi chamada «Divina» e governou como rainha...

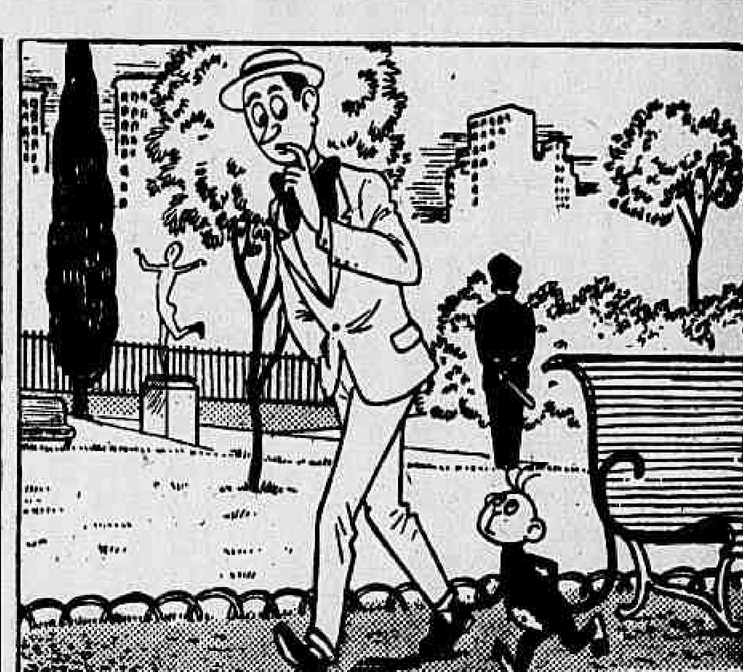
ARABELLE a última sereia



Enquanto Arabelle se debate entre seus problemas, Bimbleton procura deter Flor-Azul em seus planos.


O amigo de Arabelle resolveu ir à cidade de Xangai, onde tem a absoluta certeza de que a jovem está correndo grandes perigos.


Por intermédio do seu amigo, o Chefe de Polícia, Pat, «Flor-Azul» consegue um passaporte diplomático e, assim, munido dêsse documento, marca a data de sua viagem.



John Bimbleton, no entanto, procura dissuadi-lo, dizendo que Arabelle não corre o mínimo perigo. Mas «Flor-Azul» continua a insistir. E mais ainda: diz que vai levar Kouki.



Como? O macaquinho não pode ir no avião; mas Flor-Azul decide levá-lo de qualquer maneira. Kouki tem sofrido muito.



John Bimbleton levou Flor-Azul ao aeroporto. Êle queria ir também; mas não foi possível. No entretanto, mandou mensagem a Arabelle e jurou amá-la sempre.


John ficou intrigado com aquêle embrulho. Mas Flor-Azul só lhe fêz piscar o ôlho. Que diabo, então, era aquilo que êle levava?

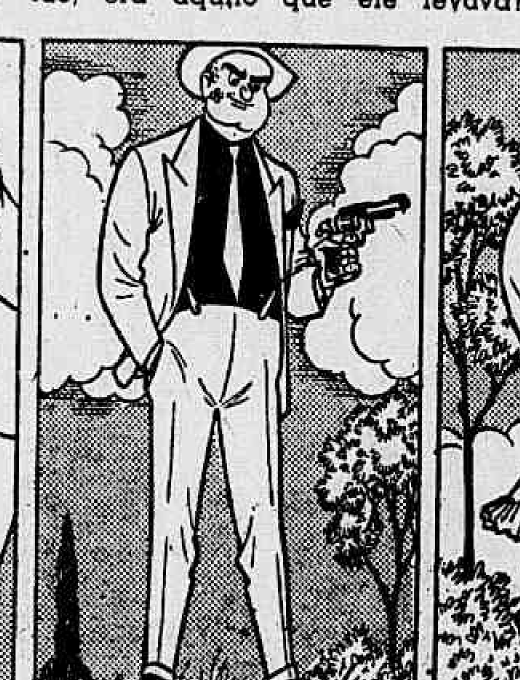


Já instalado, confortàvelmente, no avião, Flor-Azul desembrulha o misterioso pacote que sobraçava e que tanto intrigou a John, e... sai de dentro Kouki, jubiloso...



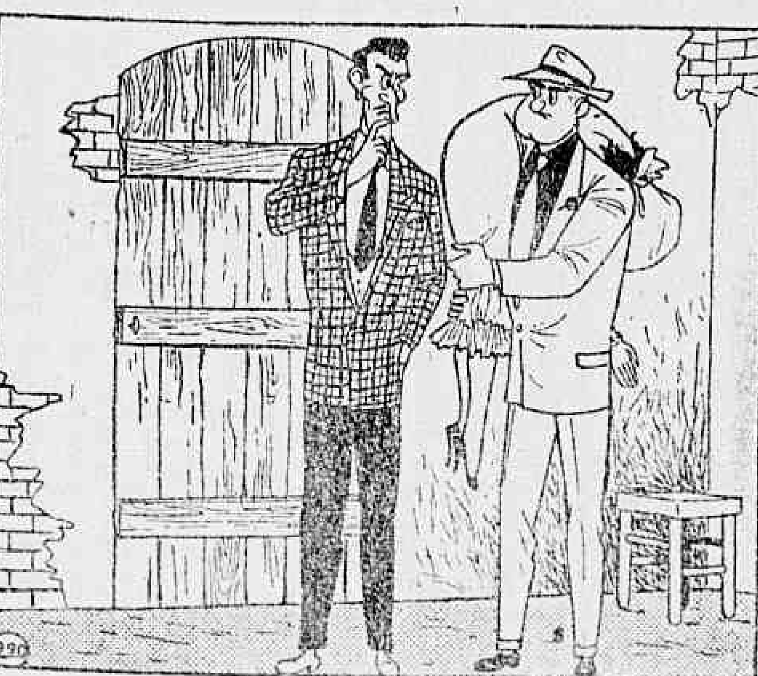
Enquanto Flor-Azul voa para junto de Arabelle, esta continua desacordada, estendida no gramado do palácio de Joe Piper.


Quando, finalmente, recobra os sentidos, Arabelle percebe que está com os punhos, pés e pernas sòlidamente amarrados. Fica bastante alarmada com o fato.


Súbito, vê aproximar-se um dos capangas do assassinado, e, com um revólver na mão, lhe sorri.



Em apenas alguns minutos, ocultam-lhe a cabeça numa espécie de fronha. Depois desta operação, o «gangster» a coloca no ombro, levando-a, sem que oferecesse a mínima resistência.



Arabelle percebe que sobem uma escada e nota que há outra pessoa ao seu lado lado. Pelo modo com que fala, ela vem a reconhecê-lo como um dos capangas de Joe, «O Terrífico».


— «Bravo! A patroa ficará contente. Você fêz tudo com a máxima perfeição.» — Disse um dos bandidos. Arabelle não sabe quem era a tal patroa, a que se referiam. Estava em outras mãos.



Sem ver nada em tôrno, pois estava com a cabeça coberta, e ainda nos braços do «gangster», ela sente que lhe vibram violento sôco no maxilar, e perde, dêste modo, os sentidos pela terceira vez.

História de VANA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

MILHÕES DE CRUZEIROS...

(Cont. da pág. 52)

«estrêla» e diretora (Cr$ 120.000,00 mensais), convocou o concurso de Jayme Costa (Cr$ 40.000,00 mensais), arregimentou várias bailarinas do Corpo de Baile do Municipal (Cr$ 6.000,00 cada uma), montou um guarda-roupa riquíssimo, escolheu o «script» de Nestor de Hollanda, «A Bomba da Paz», e convidou o público a comparecer e a crítica a aplaudir. Ambos aceitaram, com pequenas reservas, e durante 20 dias — tudo correu num mar de rosas. Mas... (há sempre um «mas» numa história, mormente quando é história de teatro) a odisséia de Joana não havia de terminar ali. Alguns jornais começaram a atacar impiedosamente Jayme Costa, por causa de uma cortina em que o veterano ator glosava a situação da imprensa, em face das dívidas com o Banco do Brasil. O público arrefeceu o entusiasmo inicial — e as boas «casas» do início, se tornaram raras. Com a queda da receita e os ônus pesadíssimos do elenco, principalmente Dercy e Jayme, as dificuldades financeiras se agravaram. Os 1.400 contos de Joana já haviam «voado» e a «estrêla» teve de chegar a uma decisão drástica: parar. Armou-se de coragem e decidiu pôr o «ponto final».

Todo mundo, aí, se comoveu. Dercy, que já retirara o ordenado de diretora, se prontificou a colaborar. Os artistas pediram para prosseguir, em regime cooperativista. Francisco Moreno, presidente da «Casa dos Artistas», foi chamado a administrar a Companhia em colapso. E, durante mais uma semana, todos tentaram, em vão, ressarcir os prejuízos. No domingo seguinte, a peça saiu mesmo de cartaz.

E agora? Joana D'Arc responde com firmeza:

— Dizem que aquêle teatro (João Caetano) tem «caveira de burro». Não acredito nisso — como não acredito, mais, em muitas outras coisas... Os «medalhões», por exemplo, são muito onerosos e, ao contrário do que eu esperava, não levaram público ao teatro... De modo que, na nova tentativa, vou apoiar o elenco em elementos novos.

— Sòmente elementos novos?

— Evidentemente, não. Espero, por exemplo, conseguir o concurso de Bibi Ferreira e de Spina, concurso já pràticamente assegurado. Mas êsses dois ótimos artistas não constituirão ônus financeiros tão pesados como aquêles que a Cia. vinha suportando.

Joana está em franca atividade. Tendo obtido a colaboração de Francisco Moreno, que permanecerá como administrador da Companhia, já escolheu a nova peça, que será «A Verdade Nua», de Freire Júnior. Espera começar os ensaios muito brevemente e lançar a nova peça no menor prazo de tempo possível. Sua permanência no Rio será pequena, seguindo logo depois para São Paulo.

E a «estrêla» comenta:

— Essa luta constante vem-me tirando o sono. Fico acordada até tarde, pensando e, quando consigo dormir, sonho com lantejoulas, cenários, escritos, refletores... Tenho até saudades dos tempos em que sonhava com bola de futebol e com estádio...

(Entre parêntesis: Joana D'Arc não é fã de futebol. Será, talvez, fã de alguém muito ligado ao futebol...)

— Já não tenho nem tempo para me divertir. Muita gente pensou que eu procurei Hélio Gracie para tirar o curso de «jiu-jitsu» por brincadeira.

— E não foi?

— Claro que não. Isto é defesa pessoal, meu caro. Do jeito que as coisas vão, moça que não se prevenir contra os tarados, estará mal de vida...

Joana conta ao repórter vários casos em que, por pouco, escapou de agressões. Muito conhecida, alguns tentavam roubar, outros... bem, outros não tentavam só roubar. Diz que já contratou um guarda-costas e que, completando, ela própria, o curso de «jiu-jitsu», a «parada será muito dura».

— E os amôres, Joana?

A «estrêla» faz uma fisionomia triste, olha para as unhas, suspira e diz:

— Estou sem tempo para amar... E, com essa história de eu ter muito dinheiro (aviso aos navegantes: agora estou endividada) a gente não pode confiar na sinceridade de ninguém...

— Quer dizer que a preocupação única será o teatro?

— Só o teatro. Se tudo correr bem — serei uma pessoa inteiramente feliz. Se correr mal, nem quero pensar: acho que não me restará alternativa senão abandonar tudo e me recolher a um convento.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.......................
RUA................ Nº.....
CIDADE....................
ESTADO....................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

LEIAM

A CENA MUDA

TÔDAS AS QUINTAS-FEIRAS

- CINEMA
- RÁDIO
- TEATRO
- NOVIDADES

A TINTA Stephens AINDA É A MELHOR

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

Sensacional!

CRACK — VIDA DO CRACK — Ademir, Bigua', Zizinho, Castilho, Santos, Pinga — Cr$ 5

ALBUM RUBRO NEGRO — Cr$ 50

Cr$ 40

Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasiliense Limitada. Rua da Quitanda nº 50-7º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

A venda nas bancas de jornais



Aí está Joana D'Arc, a «estrêla» de teatro e «vedette» maliciosa, lendo a biografia que Érico Veríssimo escreveu de sua homônima, a Santa, a heroína Joana D'Arc. A Joana de hoje, em face dos sofrimentos da Joana de ontem, enxuga uma lágrima e admite: «Ela sofreu muito mais...»

QUEREM "ENCOIVARAR" JOANA D'ARC

Reportagem de EUGÊNIO LYRA FILHO

Fotos de CAUBY SALLES

A SANTA PADECEU NA FOGUEIRA, A «ESTRÊLA» PADECE NAS CINZAS DA «BOMBA DA PAZ» ★ JOANA D'ARC E MR. WILLIAM BARD ★ JOANA x GEYSA, JOANA x DERCY, JOANA x JAYME, JOANA x FALTA DE SORTE ★ AMOR E «JIU-JITSU» ★ A TENTATIVA FINAL.



«Com o azar nessa perseguição, é natural que eu fuja dos gatos pretos. Mas êste é branquinho — e é um bichano de muita estimação...»

QUEREM "ENCOIVARAR" JOANA D'ARC

QUEM entra no apartamento da «estrêla» Joana D'Arc, ali pertinho da Praça Paris, depara, logo à esquerda, com uma biblioteca. Até aí nada de mais, que a uma «estrêla» de teatro não deve ser negado o direito aos prazeres do espírito... O caso, entretanto, é que, nessa biblioteca, vêem-se títulos assim: «Crime e Castigo», «Humilhados e Ofendidos», «Como Conseguir a Felicidade» e, finalmente, «A Vida de Joana D'Arc». A coincidência de obras com títulos sugestivos, deixa de ser coincidência, quando Joana D'Arc explica:

— Nestes últimos meses, tenho procurado ler e, através de uma filosofia de comparação e resignação, encontrar lenitivo para os meus sofrimentos... Leio «Crime e Castigo» e penso que, os males que me têm feito, sem que eu ofendesse a quem quer que seja, hão de encontrar uma punição... Leio «Humilhados e Ofendidos», para compreender que a sina dos bons é sofrer... Leio «Como Conseguir a Felicidade», a ver se encontro o caminho da paz e da ventura. E, finalmente, na «Vida de Joana D'Arc», tenho o triste consôlo de saber que a minha homônima sofreu muito mais do que eu...

★

E, afinal, que é que há com Joana D'Arc? Ou o que é que não há?

Há talento, há vontade de vencer, há boas intenções; há um pouco de inexperiência, há muito dinheiro; e há amor, também. Não há tranqüilidade, não há amigos sinceros — e é preciso convir que não tem havido muita sorte, também.

Até o comêço dêste ano, Joana D'Arc não era mais do que uma «vedette» bonita e de certo talento. Já conseguira a coroa de Rainha das Atrizes, já brilhara em uma infinidade de revistas teatrais, já conseguira galgar o estrelato — e, naturalmente, seu coração já palpitara mais aceleradamente algumas vêzes, sem que, entretanto, ela encontrasse o seu «príncipe encantado». Mas tudo corria bem — até que o sr. William Bard entrou na história.

E quem era êsse cavalheiro? O sr. William Bard, ou, mais pròpriamente, mr. William Bard passou como sendo um milionário americano, dono de numerosos poços de petróleo, no Texas, rei das feijoadas enlatadas, dono de uma porção de negócios que lhe asseguravam uma renda fabulosa. Tinha vindo ao Rio a passeio, conhecera Joana em um espetáculo teatral, a «vedette» lhe virara a cabeça e o homem logo abrira o coração e o cofre dos dólares... Depois que a «estrêla» voltou dos Estados Unidos, sem noivo e sem aliança, ela mesma declarou que êsse cavalheiro, mr. William Bard, nunca existira. Mas como os dólares (e os cruzeiros) continuaram existindo, o que não padece dúvidas é que o homem pode não ser «míster» e não ser Bard, mas que existe — existe...

O certo é que êsse míster transformou a vida de Joana D'Arc. Com dois milhões de cruzeiros (não há êrro de revisão; a cifra é essa mesma: Cr$ 2.000.000,00) firmou um contrato com Geysa Bôscoli para formação de uma Cia. teatral. Chegou a lhe entregar 600 mil cruzeiros — mas, com desentendimentos surgidos posteriormente, não só a sociedade foi dissolvida, como Geysa e Joana trocaram ações judiciais. Êle, reclamando que a «vedette» completasse o financiamento prometido, de dois milhões. Ela, reclamando a devolução dos 600 mil cruzeiros — e acusando Geysa de (!) estelionato, torsão, ação dolosa, perdas e danos e chantagem. Até agora, o «score» da peleja é de dois a zero: Joana ganhou a ação executiva em duas instâncias, conseguindo penhorar a maioria dos bens de Geysa, que recorreu pela terceira vez.

★

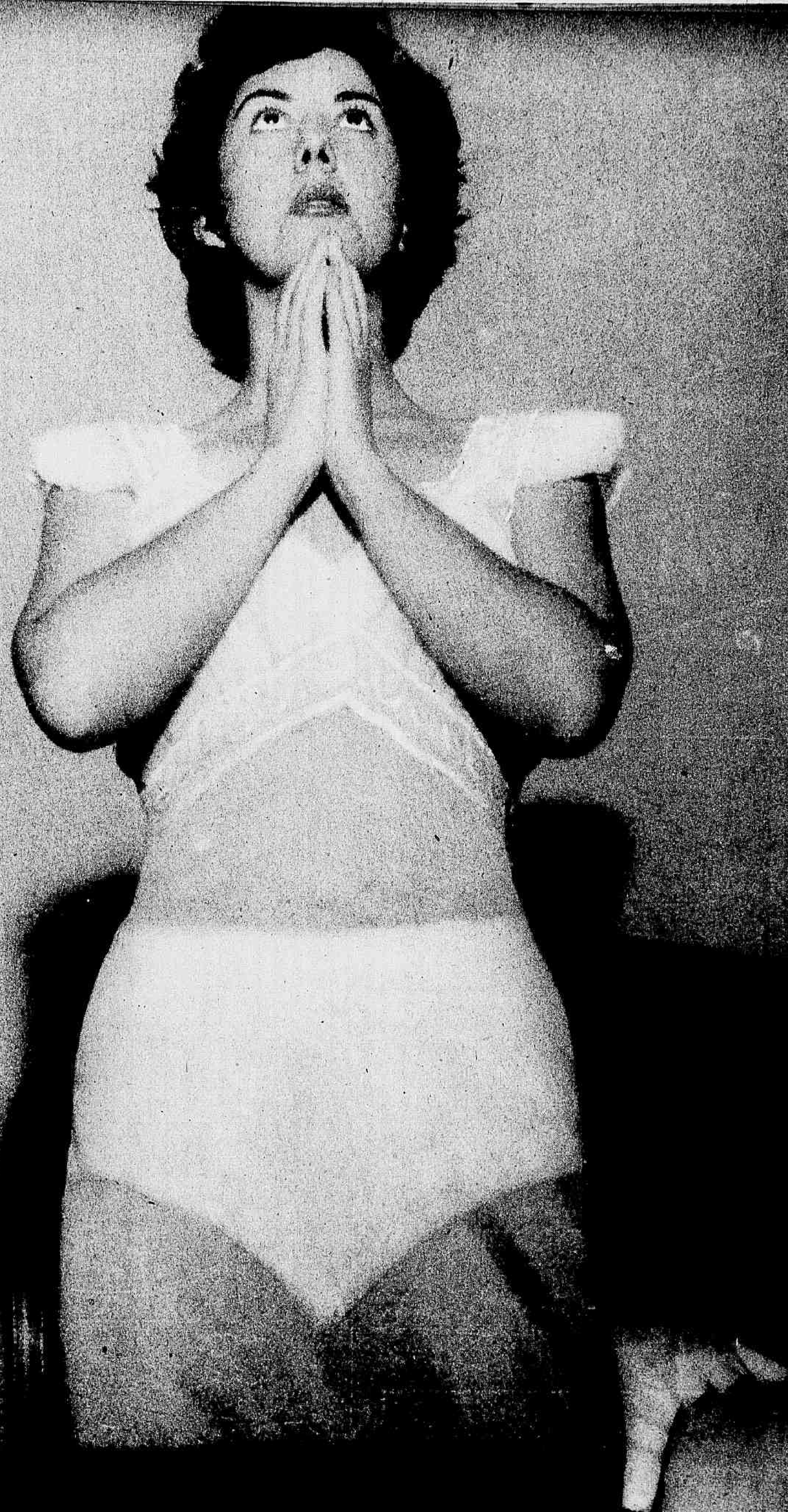
Fracassada a aliança com Geysa Bôscoli, Joana não descansou. Reuniu o saldo (Cr$ 1.400.000,00) e tratou de organizar nova companhia. Instalou-se no João Caetano, contratou Dercy Gonçalves para (Cont. na pág. 50)



«Tantas preocupações, tantos aborrecimentos... As vêzes procuro o fumo e o álcool, para esquecer as máguas... Olho a fumaça azulada e penso — mas tudo acaba parecendo cena de teatro, pois não gosto nem do cigarro nem da bebida...»

foi
es
te»
pis
00
te-
e
é
va
a
ela

oli,
Cr$
m-
ou
0)



es-
na

Muita gente pensa que Joana D'Arc, uma «estrêla» de teatro de revistas, não tem sentimento religioso. Isto, entretanto, não é verdade — e Joana, nesta fase atribulada por que vem passando, não esquece as orações. E mais: diz que, se fracassar, talvez se decida a entrar para um convento...

ATENÇÃO! AGUARDEM!



Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONAUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.



★

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECANICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc. UM ROMANCE COMPLETO. UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR E OUTROS ASSUNTOS.



★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

Almanaque

EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA.



UMA REPRESENTAÇÃO E UM ENSINAMENTO



Cena do Segundo Quadro de «A Vida de São Francisco», em que o Mestre Pedro (Allan Caçador) renega o filho, Francisco Bernardone (Osvaldo Neiva). Ao lado, Martim Gonçalves, fundador do «Teatro do Largo».

A VIDA PROFUNDA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

A PRIMEIRA REALIZAÇÃO DO "TEATRO DO LARGO", DE MARTIM GONÇALVES ★ ESTREANTES E SEMIPROFISSIONAIS CONTAM A VIDA DO PIEDOSO SANTO, EM REPRESENTAÇÕES AO AR LIVRE.

Reportagem de JOÃO ALVARENGA ★ **Fotos de ALEXANDRE MIRANDA**

FENÔMENO idêntico ao do disco, cujo expressão cresceu à medida que aumentava o prestígio do rádio, está-se verificando com o teatro. Embora a atividade cinematográfica, entre nós, cresça dia a dia de intensidade, de volume e de qualidade, a atividade teatral nada tem perdido; ao contrário, não só os grupos profissionais atravessam bons períodos, com realizações de êxito, como surgem, a cada momento, novos grupos amadoristas, preparando valores novos para a nossa arte cênica.

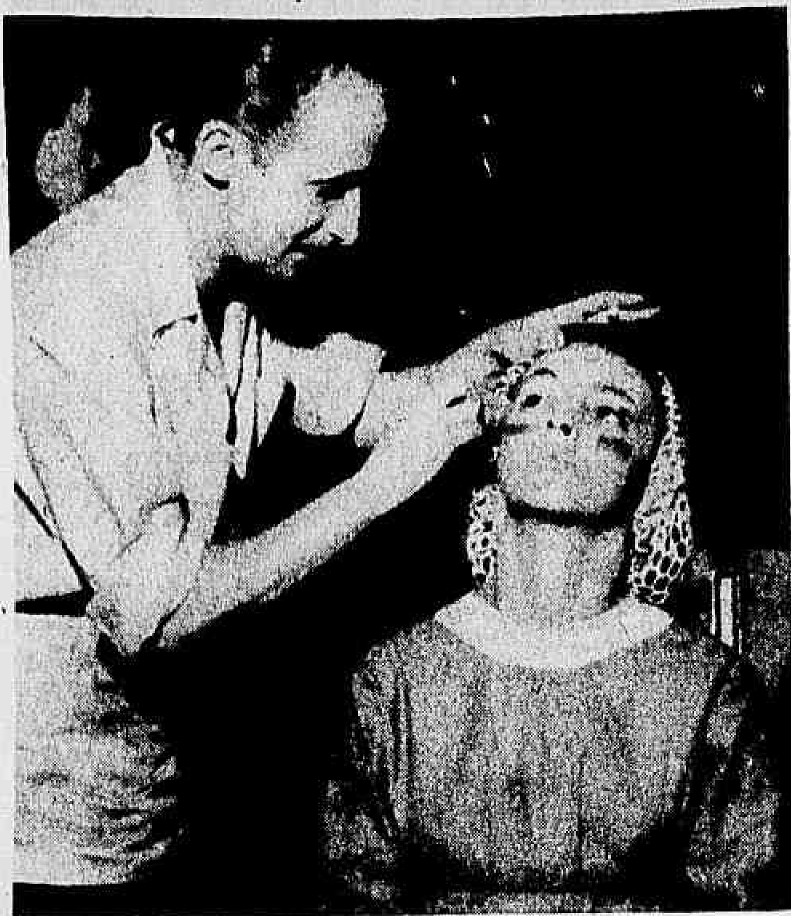
No «Teatro do Largo», realização de Martim Gonçalves, egresso de outro grupo teatral, «O Tablado», temos um bom exemplo. Mais de duas dezenas de jovens, quase todos com atividades profissionais definidas, perdem noites de sono, sacrificam passeios e divertimentos, empregam esforços imensos — para encenar originais de responsabilidade como «A Vida Profunda de São Francisco de Assis», de Henri Ghéon, apresentado há poucos dias no Cine Pax e no Mosteiro de São Bento. Nada ganham, senão o aplauso do público e uma tímida referência da crítica; mas se sentem felizes em ser amadores e confiantes em que poderão se tornar profissionais.

Martim Gonçalves, cenarista e diretor do Grupo, fala à reportagem:

— Foi o sucesso de «A Via Sacra», também de Henri Ghéon, encenada durante a Semana Santa, que nos animou a fundar êste novo grupo, que se dedicará principalmente a representações ao ar livre. Reunimos estreantes, estudantes de



Clarice Domingues e Collin Scott Júnior passam roupas a ferro.



Di Giácomo é o maquilador do grupo. Ei-lo preparando a maquilagem de Sílvia Donata.



Silvain Frey, jovem entusiasta, tem dupla atuação: é ator estreante e figurinista.

«ballet» e de arte dramática e semi-profissionais, dispostos a qualquer sacrifício para êste primeiro lançamento. Felizmente, a recepção foi das mais generosas e tudo faz crer que atingiremos, já na segunda peça, o nosso objetivo: a consolidação do grupo num regime profissional, possìvelmente cooperativista.

O fundador do «Teatro do Largo» começou a obter notoriedade como cenarista, ao ganhar o prêmio «Garcia Lorca», para «Bodas de Sangue», em 1943. Viajou, então, para a Inglaterra, estudou teatro na Slade School e, voltando ao Brasil, fêz vários trabalhos de mérito, inclusive os cenários da peça «Desejo», para «Os Comediantes». Dedicou-se, depois, ao teatro de marionetes, até que fundou, com Maria Clara Machado, o grupo «O Tablado», no qual encenou, entre outras, as peças «Escola de Viúvas», de Jean Cocteau, e «A Via Sacra», de Henri Ghéon. E Martim Gonçalves comenta:

— A preparação para esta primeira apresentação do «Teatro do Largo» foi trabalhosa: nossos ensaios diários, se prolongaram por mais de dois meses. Durante êles houve cansaço, mas nunca desânimo...

No grupo, impera um profundo espírito de cordialidade. Todos procuram ajudar, nas mínimas coisas: fazem, quando é necessário, as vêzes de costureiros, cenógrafos, passadeiras, maquiladores... e até garçons... Clarice Domingues, que atua como contra-regra, é uma espécie de «faz tudo» do grupo e um dos rapazes comenta a respeito dela:

— Clarice é um parafuso importante na engrenagem... Se se soltar, tudo desmorona...

Segundo Martim Gonçalves, no grupo não há «astros» nem «estrêlas». Todos têm igual importância, para todos haverá boas oportunidades, segundo a capacidade e as tendências de cada um. Naturalmente, alguns terão papéis de maior evidência — e, no caso de «A Vida Profunda de São Francisco de Assis», a personificação do piedoso Santo foi entregue a Osvaldo Neiva.

Disse-nos o jovem ator:

— Isto, naturalmente, constitui uma oportunidade importante para mim. Tenho procurado, até aqui, desincubir-me a contento dos papéis que me são entregues — e, a cada nova peça, aumenta o meu entusiasmo pelo teatro...

Osvaldo Neiva, que desde 1948 pertence a grupos amadoristas, já tendo representado originais de responsabilidade, mostra em todo o desenrolar da peça, uma profunda convicção. Sente-se, nêle, uma completa identificação com a filosofia piedosa de São Francisco, que Neiva traduz em eloqüência de gestos e de frases.

— O teatro — diz êle — tem sido, até aqui, o ponto convergente de minhas atividades. Não pretendo mudar.

Nesse original de Henri Ghéon, atuam nada menos de 22 figurantes. Virgínia Valli, que já atuou com «Os Comediantes» e no elenco de Maria Jacinta, representa «A Dama Desconhecida», encarnação da Pobreza. Silvain Frey, que aparece



Ao som de música especial, executada com instrumentos da época, êstes quatro estudantes do curso de «ballet», Armando Nési, Marly Leal, Eleonora Oliosi e Juanita Bonning vivem a coreografia composta por Maryla Gremo, especialmente para a peça.



Osvaldo Neiva, jovem ator que se firma pelas suas atuações convincentes, encarna a figura de São Francisco de Assis, na peça de Henri Ghéon.



Virgínia Valli, que tem brilhado em vários elencos de amadores, tem papel de importância, comovendo a todos na encarnação da pobreza.

em alguns quadros, jovem holandês radicado agora entre nós, pesquisou os trajes da época e desenhou os figurinos. Nési, Marly, Eleonora e Juanita vivem a coreografia de Maryla Gremo, merecendo referência especial a orientação de Luís Cosme na parte musical, tôda ela executada com instrumentos da época. Outros integrantes do «Teatro do Largo»: Emílio de Mattos, Wilson Marco, João Augusto, Antônio Gomes, Rubens Corrêa, Allan Caçador, Colin Scott Jr., Mariuscka, Roberto Rubens, Sílvia Donato, Alberto Conrado.

Após a primeira representação da peça, que levou ao pátio do Mosteiro de São Bento uma assistência seleta e numerosa, trocamos algumas palavras com Martim Gonçalves. Cansado, pelo esfôrço exaustivo de tantas horas, o diretor do «Teatro do Largo» resumiu suas impressões:

— Estamos todos otimistas com esta apresentação. A escolha dêste original de Henri Ghéon me parece acertada, porque é oportuníssima. São Francisco de Assis e sua história, não têm apenas um sentido religioso, mas um profundo sentido prático, nos dias difíceis que vivemos. Procuraremos dar a maior divulgação possível a êste maravilhoso trabalho de Henri Ghéon, encenando-o, enclusive em praças públicas e em igrejas, para o que já temos autorização de Sua Eminência, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

E, tomando fôlego, completou com um sorriso:

— Tudo isso, porém, não impedirá que pensemos no futuro. Tanto que, por êstes dias, começaremos os ensaios de «O Crime na Catedral», de T. S. Eliott, que deverá constituir a próxima apresentação do «Teatro do Largo».



São Francisco, sòzinho, tenta reconstruir a casa do Senhor. Aparecem Osvaldo Neiva (São Francisco), Roberto Rubens e Sílvio Donato.

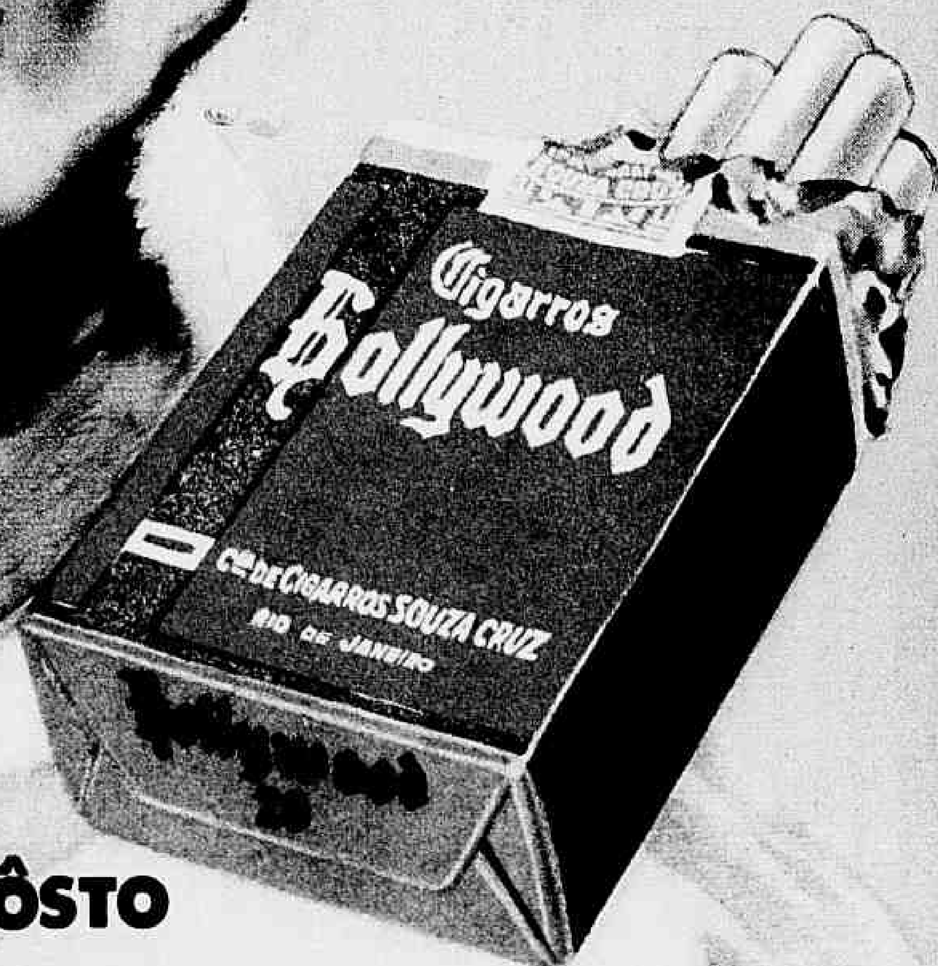


Os Irmãos Junípero e Leão, convertidos, já conversam com dois campônios, transmitindo-lhes os ensinamentos que haviam recebido (3º quadro).

Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ